FON FON
ANNO XXIV — N.º 38
Rio, 20 de Setembro 1930
— PREÇO: 1$000 —
M.C.
1930

Sempre com febre!

A febre não cede! A criancinha mantem-se abatida, e os paes afflictos! Em muitos destes caso., trata-se de pyelite, muito commum entre as crianças de todas as idades.

Nestes casos o medico prescreverá os comprimidos Bayer de Helmitol, que fazem milagres! Um comprimido em agua com assucar constitue uma deliciosa limonada, que as crianças tomara com prazer, e o que é melhor, com magnifico resultado.

O Helmitol é indicado como precioso medicamento auxiliar em todos os casos de infecção das vias urinarias e do organismo em geral.

Enxugue bem os pés

Para evitar as incommodas frieiras dos pés, enxugue-os bem depois do banho. No tempo de cal[illegible] será conveniente, em certos casos, applicar ent[illegible] os dedos, um pouco de talco. As pessoas arthriticas que não têm este cuidado, são frequen[illegible]mente achacadas das taes frieiras. Para com[illegible]tel-as, como para evital-as, recommenda-se [illegible] anti-arthritico da Casa Bayer-Meister Lucius [illegible] Hexophan — em comprimidos ou effervescente lithinado.

O DIREITO DO OUTRO

De Paulo Sposito

APÓS longa noite de insomnia, cheia de sobresaltos e cuidados, passada á cabeceira da filhinha agonizante, vendo, de instante a instante, o fantasma da morte descer como ave de rapina sobre o berço da pequenina enferma, Rodrigo Latércia tomára subita e inabalavel resolução: iria procurar a Isaura. Sabia onde ella se achava. Encontral-a-ia, lá, naquella casa maldita, naquella casa fatal, de rendas e cortinados caros, onde ella, inoculando-se no vicio, seduzida pelo roçagar das sedas, esbanjava, inconscientemente, seus vinte e cinco annos sadios.

Através da nebulosa de seu infortunio, Rodrigo Latércia antevia, nitida e clara, a humilhante prova a que se iria submetter. Media, com exacta precisão, as consequencias que lhe adviriam da projectada entrevista. Momentos havia em que seu todo de homem despertava, em que a honra se rebellava, e, então, abysmo brusco interceptava-lhe os passos. E elle via nesse abysmo a barreira intransponivel, o marco terrivel que o destino collocára entre elle e Isaura.

E não iria. Não devia mesmo ir.

Uma promessa, porém, cascavelava-lhe no cerebro, retalhando-lhe o coração: promettera a Lilita, moribunda, trazer-lhe a mãe, que ella ardentemente invocava, com toda a inconsciencia de seus quatro annos innocentes.

Promettera...

Mas a gente promette tanto e, o mais das vezes, se não cumpre a promessa...

E si ella morresse? Si Lilita, seu unico consolo, viesse a faltar? Ficar-lhe-ia o remorso, o terrivel remorso de lhe não ter satisfeito a ultima vontade!

Cruel dilemma, escolher entre o amor e o dever. Venceu aquelle.

Não; cumpriria a promessa, embora houvesse de submetter seu orgulho a bem dura prova.

Sahiu. Fóra, a manhã despertava molhada. Nuvens multiformes salpicavam o céo de manchas negras e pressagas.

Passou um varredor, vassoura ás costas, friorento:

— Bom dia.

— Bom dia.

E dobrou a primeira esquina.

Rodrigo Latércia seguiu só. A cidade dormia ainda. Longe, um automovel pharoleou incerto.

* * *

Isaura acabava de voltar de uma de suas costumeiras noitadas. Acompanhava-a outro, esse *outro* qualquer que apparece sempre que surge uma mulher assim.

Vendo Latércia, que alli a esperava, e naquella hora, recuou, assustada.

E' verdade que nenhum laço os ligava, por isso que se haviam divorciado. Era, pois, senhora de seus actos. Comtudo, elle nunca a procurára depois da sentença que os desligára... E, dahi, quem sabe?

Instinctivamente, tremeu.

Latércia falou primeiro.

— Nada receies. Não é o marido de Isaura quem fala: é o pae de Lilita.

E, vendo-a mais calma, continuou:

— Nossa filha arde em febre, ou, quiçá, a estas horas, esteja morta. Chama-te. Vamos. Vae levar áquella que não tem culpa de nosso erro; áquella que nasceu do furtuito acaso do nosso desgraçado destino; á tua filha, que se acha ás portas da morte, a mentirosa illusão de que tambem tem mãe.

Isaura estremeceu.

Em sua vida galante, talvez nunca se lembrára de que tinha uma filha. Como por encanto, todo o passado se lhe apresentava nitido. Agora, lembrava que tivera um lar, onde reinára a alegria e imperára o amor. Aquelle pequenino ser viera depois, cingindo-lhe a fronte

com o diadema sacratissimo da maternidade.

Do cáos profundo onde resvalára a mulher, surgia a mãe na alcandorada primicia do instincto. Esqueceria tudo, tudo olvidaria pela filhinha querida. Tudo sacrificaria por ella, sangue de seu sangue, pedaço de si mesma.

* * *

Então consummou-se o inevitavel.

— Esta mulher não irá! — sarcasteou o parceiro de Isaura, cynicamente. — Satisfiz-lhe os mais absurdos caprichos. Hoje, ella me pertence.

Latércia recebeu o insulto. Quiz reagir. Lembrou-se de Lilita; conteve-se e appellou:

— Senhor. Não sei quem é, não quero saber quem é, não me interessa saber quem é. Affirmo-lhe, todavia, que antes de tornar-me quem sou, tambem tive desses arroubos e sempre soube repellir as affrontas, á altura do insulto. Outra, porém, e mais sagrada, é a missão que aqui me traz. A minha covardia, senhor, tem um fim demasiado nobre, para meu coração de pae. Saiba que, antes de tornar-me quem sou, tambem tive minha vida de prazeres. Jamais, porém, em meio aos desvarios e loucuras, perdi a noção do dever, a ponto de esquecer-me dos mais bellos sentimentos, inclusive do sentimento christão. Appello para elle. Não venho disputar a mulher a cujos direitos renunciei. Vim buscar a mãe para que vá dar o ultimo beijo á filhinha moribunda. Portanto, senhor, creia, essa mulher irá.

Explodiu a gargalhada do outro.

— E que me importam a mim essas razões? Boa pilheria! Vale aqui o meu direito, o direito do homem que paga os caprichos de uma mulher com o seu dinheiro. Esta mulher, repito, pertence-me. Demais, qual a razão preponderante? Sua filha que morre? Grande coisa! Ha tanta gente que morre por ahi...

Latércia não ouviu mais nada. A' sua frente abriu-se profundo vacuo. As idéas embaralharam-se-lhe. Em seu redor, tudo eram trevas.

De repente, sentiu um dos braços contrahir-se-lhe, uma das mãos apalpar um bolso, procurar qualquer coisa, sacar um objecto, erguer-se, alongar-se para a frente, machinalmente, automaticamente. Em seguida, longe delle, imperturbavel e indifferente, um estampido primeiro; depois, o baque abafado de um corpo que cae. Olhou, calmo, o outro, alli, estendido a seus pés, morto. Nos labios, aflorou-lhe um sorriso, desses que se não decifram, si de dôr, si de alegria. Achou aquillo tudo natural. Era justo.

Honra? Não. Latércia não eliminára o amante de sua esposa: matára o assassino de sua filha.

GAUCHEIO...

(Episodio do Rio Grande em homenagem a «Miss Brasil»)

Especial para "Fon-Fon",
por LAURO MENDES

O pampeiro assobiava, agitado, como ardego potro preso a invisivel moirão. A gaúchada, de "sombrero" cahido, enfrentava o zunir do vento e o chicotear insano do minuano.

O pingo pedrez de Graúna entrou, cabriteando, pela estancia a dentro, e deteve-se, cansado, perto do avarandado. O cavalleiro, mais por instincto que por habito, apeou-se. Vinha, como de costume, de "cortar os dedos" na pulperia de Don Pancho, e a "caña" derramára no coração do guasca murmurejos de saudade, como terra cahida a se espraiar, impetuosa, pelas barrancas da alma...

Vinha-se fazendo mais noite. Pela quebrada da coxilha, reboava, de quando em quando, o murmurejo do aboiado plangente dos peões, de envolta com o ornejar triste dos terneiros chamando as vaccas que prestavam serviço na estancia. E muito ao longe, como uma nenia dolorosa e nostalgica, o suave "oboê" "oboá" dos vaqueiros tangendo os animaes do pastoreio.

"Graúna", tinindo com força as chilenas de prata, enveredou pelo "ranchito" a dentro. Tirou de sobre os hombros largos o poncho e poz-se a mirar, embevecido, o sol que ao longe ardia na tenue chamma do crepusculo. Com o passo, que a bebida ingerida fazia vacillante, firmando-se pelas paredes, tirou da cinta o rebenque de couro de "chimarron" e penetrou no pequeno escriptorio. Um castelhano dormitava, amodorrado pela melancolia da tarde do pampa. Levantou os amortecidos olhos ao sentir o pisar forte do peão.

— Que quieres, "Graúna"?

— Oiga-me, tchê, me quieres escribir una carta?

— Bueno. Pero, a quien?

— No te hagas daño. A usted, que importa?

— No hables asi. Te bombearé y no haré nadie...

— Bueno. Escribe. Después lo sabrás.

O castelhano achou de bom alvitre calar-se. Sabia que "Graúna", apesar de estar continuamente bebado, era o melhor peão da campanha. A sua reputação, elle a firmára no lombo dos baguaes, nas pontas das aspas dos marruás.

Ninguem, como elle, sabia desfechar tão magistralmente, o "tiro de pialo" que derrubava os mais perigosos touros. Como "Graúna", eram poucos os que sabiam jogar a boliadeira, derribar a incauta novilha, na cesteada, carneal-a, sangral-a e tirar o matambre ainda palpitante para o saboroso churrasco. "Graúna" era bem a alma do pago; tinha em si, bastante arraigada, a sêde de liberdade que caracterizava os homens de Bento Gonçalves, o heróe idolatrado de Fanfa. Completavam-se, elle e o seu cavallo, realizando assim a classica figura do centauro antigo. Era descendente de Farrapos, e seria um farrapo, si preciso fosse.

O "escribano" considerou tudo isso num relance de memoria. E dispoz-se a satisfazer ao pedido do gaúcho. "Graúna" limpou, com o "pañuelo" de séda, as bagas de suor que lhe corriam pelo rosto viril. Arrepanhou com a manopla a grenha hirsuta, como si estivesse a laçar idéas espalhadas a esmo, selvagens, pelas campinas da imaginação, e começou:

"Negra:

"Se van a completar tres "mezes que me arruinaste con "tu ausencia. Con tu partida "parece que todo se ensom"brenció dentro a mi e una "noche maldosa calió en mi "corazon.

"No me puedo explicar a "mi mismo, pero, desde en"tonces, ando tan tristón. "Aunque lo quiera, no puedo "tener ternuras con mis ami-

"gos e mi madre y mi abue "Aunque lo quiera, nunca m "alisé la anca de mi ping "no podria mas llorar m "maguas nel "bandaneon". "mi mente acoden, como m "gotes de baguales, nosotr "que amamos, los recuerd "tristes de los tiempos que "fueron y no volveran. Este "recuerdos que hacen lo tr "go amargo de mi vida, com "baguales redomones, e que "los arrancos parecen quere "llevarme el corazón de den "tro de mi pecho...

"En los domingos, como s "fro, negra. La peonada s "esparrama pela querencia, "solo "Graúna" se queda tris "tongo e cortao, sin tene "rumo, sim tener un amor."

Grossas lagrimas já escorriam fugitivas, pela face denegrida do gaúcho. O castelhano aventurou um conselho:

— No llores, hombre. Así no es un farrapo. Es un ternero...

— Escribe, escribano. Escucha bien...

"Pero, negra, por que has "de ser siempre mi dolor, por"que has de enhumbrecer mi "existencia. Porque no he en"contrado en ti el reparto ca"riñoso que livra de inquie"tudes y desvelos. No vês "como los otros hablan de sus "chinas? Y yo? Será nuestro "amor demasiao grande para "nosotros?

"Primeiro, fueran las in"quietudes de mi amor viejazo y los que te miravan con "malos ojos. Tenia miedo de "perder-te. Eres tan arisca e "tan mansa ao mismo tiem"po... Y quando te llevé de "tu hogarcito, en mi "Monte"vidéo" solamente he pensa"do en mi amor, en nuestro "amor. Después, después... "Fué todo como el loro de es"tribo de media picaria. Re"vienta después de fuerte ga"lopear.

"Y asi fué, milonga. Algu"nos dias después de estarmos "juntos, houve el primer des"acuerdo entre usted y yo. "Como dos perros con ravia, "se toparon, pecho a pecho, tu "orgullo y el mio, testuz con"tra testuz. Ningun se aflo-

chó. Tu, porque eres linda, y yo, caraco, por ser un hombre, un bueno guasca... Después, te bandeste de mi campo con don Romero, en la fiesta de San Juanina. E, mañana, quando tomava mi amargo, senti falta de tu amor. Encilhei "Montevideo", e toda la noche y el dia he galoeado. Y quando te topé me puso a tues piés. Tu corazon, todavia, me ha dicho que "no"...

"Ahora, aunque me tomes por faldero y flocho, hago una confision: estoy arrepentido de no tener cedido en aquella pelea con tu orgullo. Maldigo mi macheada que arrojóte puerta afuera... Hoy mismo, he venido de llorar tu ausencia. He venido de mi tapera. Tu madrecita está tan vieja, y mi abuelita, muerta. Las janellas se semblan a dos ojos assustados mirando el campo. La lluvia lambe angustiosamente a taipa, e el barro escorre con lentitud como grossas lagrimacitas.

"Porque no volves, chinita? Apaga de la mente tedos malos recuerdos de esto tu hombre, vuelve, por Dios, para nuestro hogarcito. Iras a ver

GAUCHEIO...

(Continuação)

que, por mas matrera y redomona que sea tu alma, por mas pastora que sea tu sensibilidad, ira achar suave el freno de mi cariño.

"Perdono tu traicion, tu culpa, perdonote tudo que quieras, pero, vuelve, china mia, si no queres que la tapera, el nido de nuestro amor e nuestro amor calgan sob las ruinas de mi desengaño, de la perdicion de un hombre fuerte..."

O castelhano estava emocionado com aquelle inesperado confessar de saudade e de sentimento. Pela face aspera do peão, grossas bagas de suor corriam, como que assustadas. Nos ultimos momentos de dictado, a voz tinha adquirido um accento quasi desesperado. E assignou com mão firme "Graúna". O castelhano, commovido, conhecedor do objecto dos amores daquelle rude campeão, começou a endereçar a carta:

"Chiquita Moreno. Estancia del Carpincho. Passo Fundo".

E entregou o enveloppe fechado ao peão. "Graúna" pegou, com a mão tremula, a carta que acabára de dictar. Virou-a, lentamente, nos dedos grossos. Permaneceu um instante absorto, mirando com melancolia o rectangulo azul portador de sua magoa e sua humilhação. Que não iriam dizer os outros peões quando o vissem, submisso ás graças e encantos de Chiquita, que o havia trahido com don Romero, o casquilho viajante oriental? E, subitamente, movido por irresistivel impeto, rasgou em mil pedacinhos o escripto, que voou pela janella aberta, nas azas do vento que zunia.

— Porque la rompes, hombre? — perguntou, surpreso, o escribano, vendo o gaúcho dirigir-se á porta.

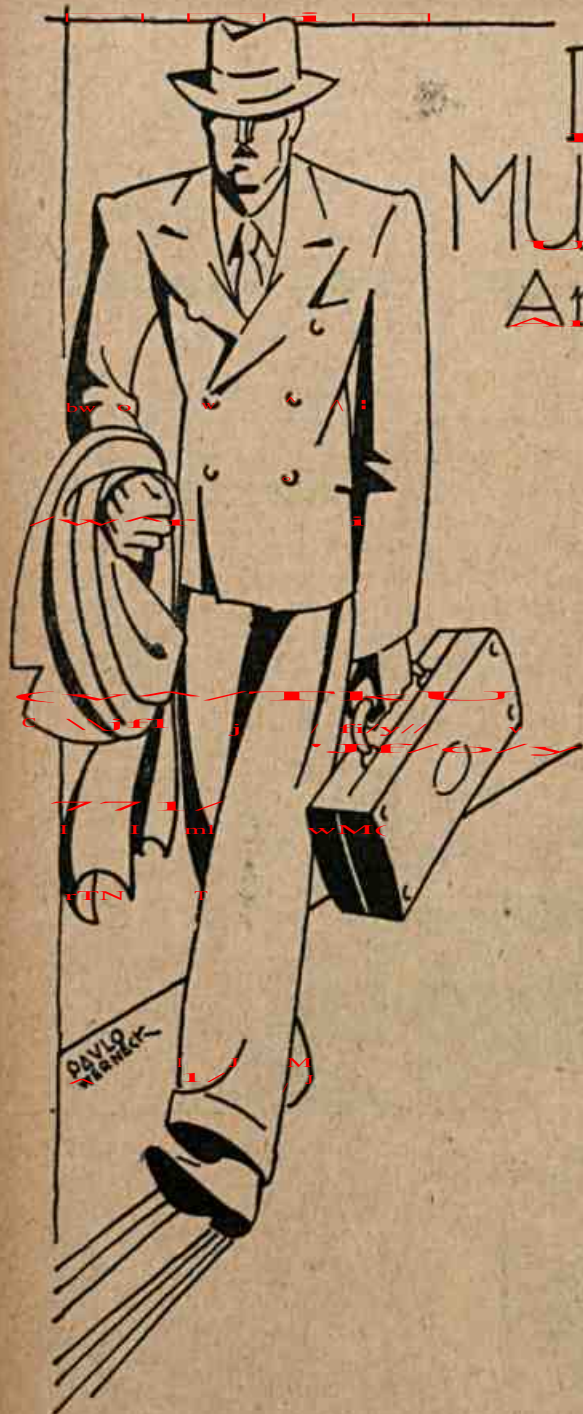
"Graúna", já na varanda, fitou de alto a baixo o perplexo empregado. E, tomando as redeas de "Montevideo", sentenciou:

— Oiga, tché, el hombre, con la mujer, no debe aflojar jamás...

E saltando no lombo do animal já a galope, tomado de ira contra si mesmo:

— Aunque mismo ellas revienten...

DEPOIS DE MUITO VIAJAR

André Birabeau

DEUS meu! O sr. Baudreix não possua, de certo, grandes qualidades, mas é preciso reconhecer que elle tem uma excellente: sabe viajar.

Elle é emerito na arte difficil de fazer registar bagagens e de distribuir gorgetas. E é maravilhoso nos hotéis: a conta justa, sem um excesso e sem extraordinarios — ajunta, modesto.

Convenhamos: nisso, elle é perfeito.

E' uma boa qualidade, não é verdade?

E' uma boa qualidade, não é?

Porém, esse talento ambulatorio levou-o, pouco a pouco, a considerar o seu lar — conjugal, note-se bem — como um porto de affeição. O porto onde se desembarca e embarca logo depois.

Oh, os acontecimentos estão cheios de casos exuberantes:

"Ah! como é bom a gente se encontrar entre os seus moveis! Como se fica bem na propria casa!" Mas, passadas algumas semanas, a sra. Baudreix descobre um horario da estrada de ferro, aberto sobre o bureau do marido.

Então, ella faz zombaria: ri de tudo isso. Porque a sra. Baudreix não acompanha nunca o seu marido nas suas viagens. A unica experiencia que ella fez foi na noite do seu casamento, e não ficou contente.

E' que a sra. Baudreix é uma dama muito séria. E' tambem que, de outro lado, o sr. Baudreix viaja com toda a commodidade, porque não olha a despesas.

E' elle um cavalheiro que compra uma mala ultimo modelo, com toda especie de faca, de garfo, de saca-rolhas, copos, garrafas e pratos, para um pequeno almoço, que é obrigado a fazer no trem.

Que queria ella? Sem ser avaro, não se pensa no futuro, e naquella viagem de nupcias a sra. Baudreix não se abandonou, certamente, á seducção da commoda viagem: — ella calculara que as bellas alcovas, a commodidade e os bellos sorrisos dos criados custavam um pouco caro á communidade.

Isso lhe estragou todo o seu prazer. E tambem o do seu marido, sobretudo.

Assim não foi mais possivel fazer a sra. Baudreix viajar, depois daquella noite.

Mas, como pode interessar esse caso?

Já o direi.

Para que possuir talento, si a gente não se faz admirar? O sr. Baudreix perderia a metade, pelo menos, dos seus attractivos, si se devesse persuadir de que é um "virtuose" da correspondencia e dos almoços improvisados.

Resultado: como elle não conduz comsigo a esposa, tambem não conduz nenhuma outra. Outras, no plural, porque nos registos dos hotéis escreve sempre: "Sr. Baudreix e senhora — De Paris". A senhora não chega nunca

Elle procura trocar o seu publico, não é verdade?

Mas a verdadeira "senhora", aquella a quem expede um telegramma: "Chegarei sabbado, ás 16 horas — Beijos", não está muito satisfeita de emprestar o seu nome a tantas outras pessoas.

Ella foi informada, subitamente.

Um instinctivo ciume lhe havia feito suppôr o que havia, e Baudreix se viu forçado a trahir-se.

Quando a gente se lança á narrativa de uma excursão magnifica, e magnificamente combinada, não se calculam as palavras que se pronunciam:

— Então, subimos para um carro.

— Nós?

Podemos affirmar, emendando o erro, que nós representa um velho inglez com quem travá-

mos relações. Mas isso não convence uma mulher ciumenta.

E a sra. **Baudreix** soffre.

No seu coração, antes de tudo. Porque os regressos exuberantes não a satisfazem. (Direi melhor que a desgostavam).

E soffria no seu orgulho sobretudo. Qual era o seu papel? O da abandonada. Da abandonada, provisoriamente. O que ainda era mais humilhante.

Era ella a porteira, a quem se entregava a chave da casa, para que houvesse o quarto limpo para quando o patrão regressasse. Ella não pode inspirar senão riso, ou piedade. Nada mais do que isso.

Que fazer, então? Zangar-se? Lamentar-se? Abandonal-o? Mas ella o amava, meus senhores.

Com aquelle homem estava cansada de lutar.

Homens assim juram, choram, promettem ser prudentes e, depois, recomeçam a sua vida antiga.

Então, ella não faz senão uma coisa — mais commoda: na fuga seguinte, ella despede os creados e fecha as janellas. Fará crer a todos os conhecidos que acompanha o esposo na sua viagem. A sua dignidade está salva.

Sim, sim, mas não é uma coisa que alegre. Viver toda a vida em um apartamento escuro, fazer a limpeza e a cozinha com as suas mãos, não ousar sahir senão durante a noite, pelas ruas pouco frequentadas, com um véo sobre o rosto, não é coisa que alegre.

Oh! lá, lá! Na proxima fuga a sra. Baudreix não recomeçará a mesma coisa.

Mas, então, que fará?

"Volto para junto de minha mãe."

Ella, porém, não tem mãe, [illegible]. Está decidido, o que ha de possivel: ella viajará também, sozinha, durante todo o tempo que o sr. Baudreix viaja por conta propria.

A dignidade fica salva. E é menos aborrecido.

Por sorte, é o verão. A sra. Baudreix descobre uma formosa praia na Côte d'Azur, onde o rocio é rosado, o mar azul e onde só ha um hotel e duas villas.

Ella ahi vive tranquillamente, uma existencia animal, que faz esquecer todas as preoccupações.

Um peso se ergue do seu coração.

Ali, ella espera o telegramma do regresso do esposo prodigo, com uma impaciencia mais calma e menos amarga.

E assim será em qualquer época.

Beudreix faz as suas fugas culpadas, e madame Baudreix as suas fugas innocentes.

Para adoçar, para mitigar as suas dôres, ella quer variar as suas viagens. Ella vê novas praias e estradas incrustadas nas montanhas.

* * *

Sendo o homem um animal que ama em qualquer tempo, Baudreix, uma vez, emprehende uma viagem galante em pleno mez de dezembro.

A senhora Baudreix — uma vez que é obrigada a viajar — não andaria bem si não viajasse pelos paizes de sol. Ella vae, pois, até os confins da Italia.

Pois bem, desta vez — ella não o disse, mas digo-o eu — não ha mais razão para que soffra, attendendo a que o marido a trahirá em qualquer parte do globo onde esteja.

Ella passeia, maravilha-se, diverte-se.

E, a partir desse momento, as viagens, para ella, se tornam um verdadeiro prazer. Quasi como para o sr. Baudreix

Mas ella encontra nas viagens outras satisfações. A sua alegria é a de descobrir pequenos hoteis de segunda ordem, bons sob todos os aspectos, restaurantes de modesta apparencia, mas onde se come bem, e angulos onde não se vae de automovel...

O seu pensamento se modifica, um bello dia, ao tempo em que o seu rosto se illumina, ao encontrar uma boa amiga, a sra. Pradines.

Porque a sra. Pradines é a Italia.

E — essa sra. Pradines, que uma vez o sr.

(Conclue na pag. seguinte)

Baudreix achou encantadora — é a causa indirecta da viagem á Italia.

E' a Italia, emfim.

Como a sra. Evette é a Turenna, e a sra. Lucy é Ascain, perto de Saint-Jean-de-Luz. A sra. Baudreix não se recorda mais senão do bello prazer experimentado na Italia, na Turenna e em Ascain, e ella aperta affectuosamente a mão traidora da sra. Pradines, a da sra. Lucy e a da sra. Evette.

Qual será agora a outra senhora que tomará o nome de Algeria?

Porque é este o novo projecto da sra. Baudreix: na proxima fuga, em que o seu marido se mostrar volúvel, ella ultrapassará o Mediterraneo.

DEPOIS DE MUITO VIAJAR

(Conclusão)

* * *

Ella já preparou todo o seu itinerario e toda a sua bagagem.

E' preciso estar prompta, de sobreaviso, uma vez que as partidas do sr. Baudreix são inesperadas, ordinariamente.

Apenas o que ha é o seguinte: quando preparamos alguma coisa de antemão, ficamos impacientes.

A senhora Baudreix começa a pensar que o seu marido demora um pouco, desta vez, a encontrar uma companheira seductora.

Elle demora.

Passam-se mezes.

Elle não se decide.

Não deixa mesmo transparecer nenhum dos seus projectos: febre, maldade, etc.

Passa-se um longo anno sem que o sr. Baudreix faça comprehender que pretende mover-se do canto do seu lar amado.

Isso dá o que pensar á senhora Baudreix. Ella se enerva.

Um dia, ao vel-o na sua poltrona, muito beato, commodamente sentado, ella explode:

— Bolas! Tu não vaes mesmo fazer uma viagem este anno?

Elle sorri, docemente, e responde:

— Oh! nem este anno, nem nos vindouros. Em casa, fico muito bem. Ao lado da minha mulherzinha. Já viajei muito. E o que é mais: — as viagens não me tentam.

No dia seguinte, a senhora Baudreix pediu o divorcio.

* * *

Notas á margem

COM os fallecimentos, quasi que seguidos, dos velhos generaes Manoel Joaquim Godolphim, José Maria Marinho da Silva e Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, que formavam uma trindade de bons gaúchos á antiga, desappareceram do Exercito os seus generaes mais populares e queridos, pelo menos no Rio Grande do Sul, de onde eram naturaes. Mão grado o rigor da disciplina de então, sabiam ser amigos dos seus camaradas, bonacheirões com os mesmos, a ponto de criarem não pequeno numero de "casos" e anecdotas, cada qual mais interessante, que se tornaram celebres nos meios militares de outróra!

Tinham, ademais, um espirito de classe tão arraigado, que ia ao extremo! Ninguem, fôsse quem fôsse tocasse, com ou sem razão, num camarada, distincto ou não, porque elles saíam a campo, tomando-lhe a defesa! Não obstante essa camaradagem, esse espirito de classe, que para elles constituia um dogma sagrado, ninguem facilitasse, porque seria severamente castigado... Entre o companheiro e a lei, esta não seria jamais sacrificada!

Os nossos actuaes generaes, educados em outra escola, filhos de quasi todos os Estados, — o que era raro antigamente, porque a maioria dos generaes sahia do Rio Grande do Sul, — com outros costumes, alem de dignos e competentes, são de tal forma "retrahidos" que, uma vez deixando a actividade militar, não legarão ao chronista do futuro um assumpto mais ou menos pittoresco da sua passagem pela tropa como áquelles seus collegas... Nem o illustre sr. general João de Deus Menna Barreto, nem o meu querido amigo general Francisco Ramos de Andrade Neves, os mais representativos descendentes das maiores familias de bravos soldados feitos nos acampamentos que possuimos, demonstram possuir aquelles "rasgos" gauchêgos dos seus antepassados e tão peculiares aos gloriosos generaes dos pampas!

Fugindo, porém, áquelle "retrahimento", se destaca o sr. general Alvaro Mariante, desenvolto, dizendo as coisas sem meias medidas, gauchamente... Como bom filho daquelles "pagos" queridos, onde passei os melhores dias da minha apagada vida militar, vel-o amando o seu "pingo", tragando o seu "crioulo" palha de milho, chupando o seu "amargo" e saboreando o seu churrasco, sem "temer" a critica da nova geração caserneana!

Não pertencendo o sr. general Mariante, como aquelles seus collegas, a uma familia de militares, é elle, comtudo, o herdeiro unico e privilegiado das gauchadas dos velhos generaes seus conterraneos!

JÁDER DE CARVALHO

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a soffrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, soffrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, soffrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e immenso soffrimento.

Garanto ser este o supremo soffrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convém facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão soffrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incommodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Ferida ı, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está soffrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desapparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflammação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflammado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

CHAPERON ROUGE (S. Paulo) — A sua missiva é deliciosamente romantica. Começa por um trecho literario de grande effeito.

Mas não privemos as leitoras bonitas da sua linda carta, tão cheia de poesia...

"S. Paulo. Agosto de 1930. Ives. Garoa...

Um manto de gaze cinzenta envolve a cidade como enciumado que o sol a beije...

Garoa... pouco a pouco invade-me a mesma melancolia que vai lá por fóra, vem-me a mente e não posso deixar de repetir baixinho uns versos teus, Ives que li ha tempos.

Chove. Aos soluços do vento,
Que passa longo, a gemer,
Bailam folhas... que tormento!
Nem se quer te posso ver...
E eu soluço como o vento
Que passa longo a gemer...

Ives! você escreve para a alma da gente. Confesso que algumas vezes te acho irritante com a tua ironia, mais comprehendi que atravez de todo este scepticismo esconde-se um grande sentimental... (estarei enganada).

Detesto o Ives ironico.

Admiro o *outro* que verdadeiramente você é.

Não sei o que vou pedir-te, sei que não gostas que te escrevam sem um fim e foi o que fiz.

Não me perdoará?

Espero que sim.

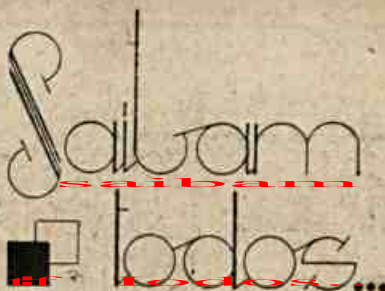
O sol atrevidamente rompeu a garoa e illumina tudo festivamente, só na minha tudo e nevoas tristezas...

Ives? (lá vai a minha pergunta). Qual o sentimento capaz de illuminar uma alma.... uma vida.. Sem ser o amor?!!

Chaperon Rouge."

Sou extremamente sensivel aos elogios que me faz e agradeço a citação dos meus versos.

Quanto á informação que me pede, com relação ao sentimento "capaz de illuminar uma alma... uma vida.... sem ser o amor...", devo dizer que não conheço nenhum. Sentimento, não. Mas sei que a Light é capaz dessa proeza. Apenas o fornecimento da luz deve ser pago, metade ouro e metade em moeda nacional. Não vale a pena, por isso, trazer a sua alma feericamente illuminada... Basta uma lampadazinha azul de 15 velas... Digo isso, porque a sua letra revela muita economia. Quasi sovinice...

THALIA (S. Paulo) — Infelizmente, a sua carta chegou tarde. Não me deu tempo para escrever a poesia e publical-a, de modo a attender o seu pedido. Si me tivesse dado o seu endereço, para

lh'a enviar directamente, a coisa seria outra. Faltou-lhe essa idéa.

Entretanto, é possivel que, no nosso numero de 20 do corrente, appareça um poema que escrevi — *A Primavera*, proprio para a declamação, creio eu. Aqui no Rio, ella já foi recitada com successo, num salão da Tijuca. O seu acrostico é uma carinhosa homenagem que muito sensibiliza.

Deixe que o reproduza aqui, para minha e sua vaidade.

Eil-o:

Y*ara do rio, inquieta,*
V*em me ensinar teu encanto*
E *a conquistar, com teu canto*
S*eu coração de poeta...*

PAULO SPOSITO (S. Paulo) — O Martins Capistrano pede-me responder ao sr. que o livro delle *Vertigem*, é encontrado em todas as livrarias de S. Paulo e nas daqui.

Pode dirigir-se á Livraria Alves, á rua do Ouvidor 166, e ella lhe enviará a encommenda, pelo correio.

ANESIO LEÃO (Parahyba) — O seu soneto *Sê forte* vae ser publicado. Mas fica á espera de espaço. O sr. não imagina como ha poetas no Brasil. Uff! E' assoberbante! E si fossemos publicar tudo o que nos enviam numa semana, teriamos de dar uma edição especial de duzentas ou trezentas paginas.

Prosa, é escassa a que nos remettem. Por que será? Acaso fabricar sonetos será coisa mais ao alcance dos letrados, e illetrados?

Chi lo sà!

NELSON (Pernambuco) — Meu caro conterraneo. Creia que tenho a melhor bôa vontade para com os srs., filhos da minha terra. Mas é que os srs. não me ajudam a.... auxilial-os. Resultado: insultam-me, dizem coisas terriveis de mim, sob a allegação de que, sendo eu pernambucano, denoto pouco interesse pelos jovens escriptores do meu Estado. Injustiça! Ainda não houve caso de um pernambucano me procurar e não ser recebido com toda a cortezia. Excepto os nullos, os mediocres, os insignificantes, pois não me é possivel estimular a ignorancia alheia.

Ora, o sr. escreve, pelo menos, com apuro. Mas dá uma côr muito local aos seus trabalhos, que se resentem, assim, de um localismo desinteressante.

O sr. pode dar mais largueza, mais amplitude, um sentido mais universalista aos seus trabalhos. Não digo que escreva theses, nem monographias, mas chronicas, episodios, commentarios, ficções que tanto interessam aos seus coestaduanos como aos cariocas ou a um chinez que lêsse portuguez. Sou pela literatura de caracter humano, universal, e não particularista, com esse cunho estrictamente local e individualista.

O sr. pode dosar as coisas: nem muita generalidade, nem muito particularismo: um meio termo. Mas o sr. me envia historietas banaes, occorridas entre a sua pessoa e mocinhas da sua roda, no Recife, talvez mesmo no seu bairro: S. José, Santo Amaro, Santo Antonio ou Bôa Vista — si não preferir o Espinheiro, o lindo arrabalde onde nasci e de que ainda conservo as melhores recordações...

Escreva paginas humanas, coisas que interessem a todos, depois de "côr local" já estamos fartos — basta a do Rio, com os seus flagrantes cariocas...

JOÃO D. DE CASTRO (Sergipe) — Sim. Farei tudo para aproveitar o seu soneto *Saudade*.

ALEXIS (E. do Rio) — Um conselho? Quer um conselho de amigo? Não publique os seus sonetos: o sr. seria apedrejado pelas pessoas de bom gosto literario.

GAUCHITA (R. G. do Sul) — Aqui está a sua carta. Carta? Não digo bem. Recado é o que ella é.

Num lindo papel salmon, esta lembrança delicada: "Com recados da — *Gauchita*". Incluso, na tal missiva, a effigie de Santa Therezinha de Jesus, que apparece no angulo de um cartão de pergaminho. Em baixo, esta legenda, ou antes, este voto piedoso: "Teresa del Bambin Gesú vi protegga".

Gentil, tudo isso, não ha duvida. E a minha surpresa é maior ao constatar que v. ex. não é paulista, e sim sul-riograndense.

Perdôe-me. Não sabia que gauchas eram tão gentis. Sabia-as francas, resolutas, impulsivas, etc. Agora v. ex. me vem dar a certeza de que as lindas moças do extremo-sul do paiz tambem podem ser consideradas gentis. Parabens, e obrigado pelo delicado presente da imagem sagrada — Amen.

LISA MANET (S. Paulo) — Aqui está a sua carta divertida. Traçada, naturalmente, numa hora de bom humor.

Quanto aos seus versos, devo di

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

zer que não são bons, nem maus: são versos de toda gente. Isso, a admittir a elasticidade que se dá á poesia moderna, que, mesmo sendo prosa, e prosa mediocre, não ha quem não a chame poesia, futurista, modernista, avançadista, idiotista, mas poesia, "quand même".

Entretanto — aqui é que vae a palavra gentil — V. ex. possue uma grande faculdade de evolução mental. (Esse detalhe é a sua letra que m'o fornece. Devo-o á graphologia).

E por falar nesta, ouça: Não é caro o preço de 30$000 por estudo.

Sabe por que? Porque, geralmente, os que m'o pagam, exigem discreção. E a discreção consiste em remetter-lhes, pelo correio, o estudo feito. Agora, ponha nisto o papel, o trabalho da dactylographa, a correspondencia expressa, a gorgeta do *groom* e *tutti quanti*.

Entretanto, não quero que se pense que faço profissão da graphologia. (O que aliás não seria coisa do outro mundo.) Resolvo, por isso, cobrar 20$000 por estudo, sem a obrigação de remettel-o pelo correio.

Si não concorda, é signal de que v. ex. é muito agarrada ao dinheiro. E' dessas que fazem economias alarmantes. E' capaz de tingir os vestidos, reformar os chapéos, pôr meias solas nos sapatos, (seis vezes;) serzir as meias (cinco vezes;) comprar a prestação e passar o calote no *gringo*; almoçar café com pão, ir ao cinema na 2.ª classe, viajar no caradura (100 réis a passagem); e esperar que os conhecidos a paguem. E' capaz ainda de entrar nas casas de chá e dizer que esqueceu a carteira em casa; ou coçar-se apenas, na hora do pagamento, afim de que a companheira pague a consummação...

Mas não creio que v. ex. seja assim tão sovina. As sovinas só querem graphologia de carona. Embora achem que a sciencia é estupenda...

Percebe?

RADAMÉS (Capital) — Oh, meu caro! O prazer é todo meu, de fazer relações com um formoso espirito como o do senhor.

A sua carta é deliciosa. E como posso fazer uma bôa réclame do sr. e, ao mesmo tempo, responder ás suas perguntas, publico-a tal qual o sr. a traçou. Leiamo-a:

"Meu querido Yves. Saudações attenciosas.

E' a primeira vez que tomo a liberdade de dirigir-me a V. Exma. pessôa, seja pedindo-lhe de acceitar-me como novo collaborador desta gentil revista "Fon-Fon";

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

pois sou desejoso de ver publicar nella os meus trabalhos literarios, seja secundamente para ter uma consulta e dar-me um conselho no mesmo tempo.

Sou Egypcio, filho de Syrios, descendente d'uma mais antigas familias do Monte-Libano, tenho 28 annos, sou solteiro, residente deste 1923 nesta encantadora e linda cidade do Rio de Janeiro. Sou Professor de linguas vivas e ensino a alumnos particulares.

Porém ha muito tempo que desejo amar uma moça linda, sympathica e intelligente, d'uma situação qualquer, más de bôa familia, para dedicar meu primeiro amor no Brasil, pois até agora, não amei nenhuma mulher porque desconfio d'ellas todas. Para mim ellas são todas falsas e hypocritas. Sem que houvesse um motivo, não deixei de pensar assim.

Más agora vejo qu'entre ellas hai algumas que são sinceras, puras carinhosas, tendo um amor talvez verdadeiro e eterno. Quero conhecer e amar uma moça brasileira. *Como devo fazer? Qual és o caminho que devo tomar?*

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitam, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1.ª — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2.ª — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3.ª — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4.ª — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

———

FON-FON 20-9-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Devo ser attrevido na rua quando me encontro com ellas? Dizer-lhes alguns galanteios? Ou ser respectuoso, sérios, delicado é simplesmente comprender pelos olhares, pelos modos?.

Conto com a gentileza da sua resposta e tambem o favor de enviar-me a minha graphologia. Peço de o Senhor Yves, ser tão bondoso commigo.

Muito grato e eternamente sou seu amighinho sob o pseudonymo de:

RADAMÉS.

Devo declarar o seguinte:

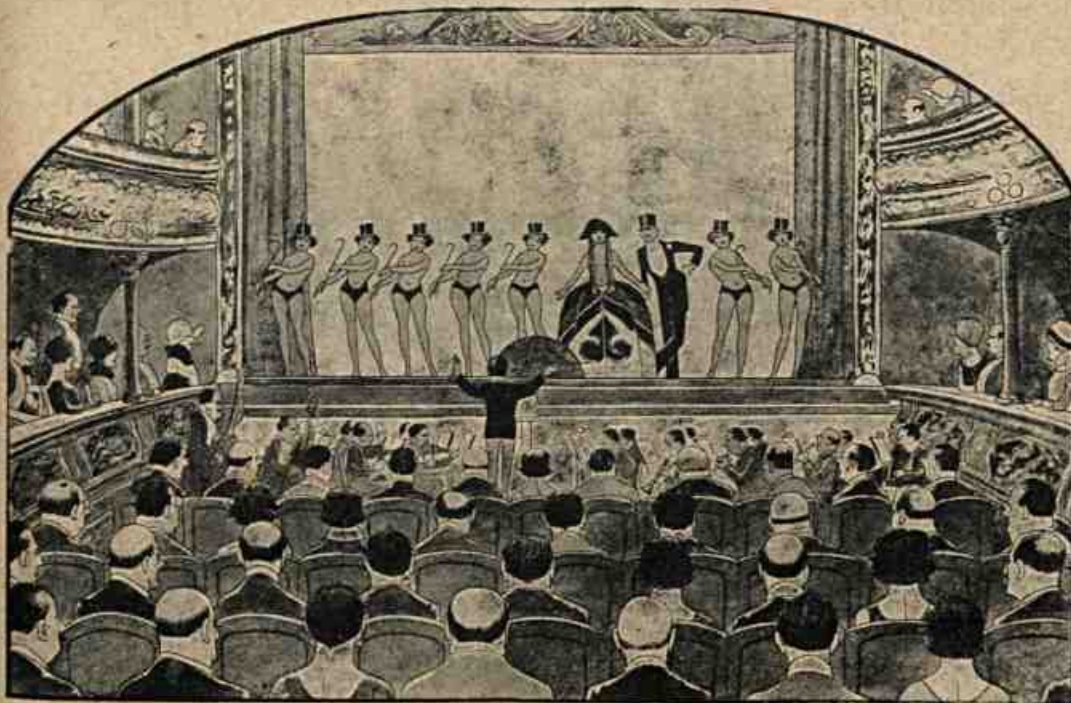
1º — O soneto *Les deux fiancées* está muito bonito. Creio mesmo que já li o mesmo motivo num poeta francez de nomeada. Catulle Mendés tem aquelle famoso soneto dos dois cortejos, cuja idéa é, *mututis mutandis*, a sua.

Les deux fiancées é um bello trabalho. Mas prefiro que me mande versos em portuguez. Verses ou prosa.

2º — Relativamente aos seus projectos de conquista, a minha opinião pouco adeantará. E' sabido que a mulher pode ser conquistada de dois modos: de salto, audaciosamente, ou pelo coração. Pelo coração, demora muito; perde-se muito tempo. E o seculo é de vertigem, de velocidade, mesmo si se trata de amor. Para tomal-a de assalto, fazendo-se impor á sua admiração pela audacia, é coisa muito arriscada. E por isto: A) — a mocinha pode ser feminista, valentona, bilioza ou pudica. Dessas que só amam pelo telephone, ou epistolarmente. B) — a joven pode ser ironica, e confiar a represalia á bengala do irmão ou do pae (virgula). De modo que essa conquista de ... me parece muito arriscada e o exito pouco duvidoso.

3º — Em vista do exposto, o mais seguro é o sr. publicar o seu retrato, numa revista de grande circulação, com uma legenda mais ou menos assim: "Radamés, egypcio moderno, que nada tem com o passadismo do seu homonymo, um cavalheiro bem intencionado, possuidor das *notas*, dispondo de automoveis de luxo, *bungalow*, etc. E' candidato á mão de uma "pequena", mesmo prompta, mas geitosa, engraçadinha, que possa, na peor das hypotheses, ser capaz de qualquer coisa. Não se faz questão de que saiba ler nem escrever, excepto o rol da lavadeira. O principal é que seja menor de 25 annos e seja tiaquejada."

E' preciso tambem negar que é moço de cultura e poeta.

Si, com esse annuncio, o sr. não se vir obrigado a recorrer á policia para evitar a aggiomeração de noivas á sua porta, — sou capaz de lhe dar um doce...

Num Theatro 60 % São Calvos

Quando V. S. fôr a um theatro observe que 60 % dos espectadores são calvos.

A calvicie, em geral, provém do mau trato dos cabellos.

Os cabellos são atacados constantemente por innumeras molestias parasitarias que devem ser combatidas.

A simples caspa que V. S. vê hoje no seu cabello, será com certeza a causa de sua futura calvicie.

TEME V. S. FICAR CALVO?

Si V. S. teme ficar calvo, si seu cabello está secco, quebradiço, cheio de caspa, caindo ou se já está calvo, use hoje mesmo a famosa Loção Brilhante, que vence todas as enfermidades capillares, restaurando o vigor dos cabellos e alimentando as raizes debilitadas.

Livre-se do desgosto que pode causar-lhe a calvicie.

AFFECÇÕES DO CABELLO

Altas Personalidades scientificas e varias Instituições Sanitarias recommendam a Loção Brilhante, devido á comprovada efficacia de seus elementos medicamentosos, para combater as eczemas, seborrhéa (tinha) e outras enfermidades do couro cabelludo.

A Loção Brilhante elimina esses males e tonifica a raiz capillar, fazendo com que o cabello volte a crescer exuberante, lindo e sedoso.

E' do dominio publico que a Loção Brilhante produz uma maravilhosa transformação em menos de um mez. Muitas pessôas que sabem dar valor á sua formosa cabelleira, conservam-na regularmente com Loção Brilhante.

PARA OS CABELLOS BRANCOS OU GRISALHOS

A Loção Brilhante devolve a côr natural aos cabellos brancos ou grisalhos. Não tinge o couro cabelludo, nem queima os cabellos, como succede com certos remedios que contêm colorantes causticos. E' absolutamente inoffensiva, podendo ser usada diariamente e por tempo indeterminado.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES. NÃO ACCEITEM NADA QUE SE DIGA SER "TÃO BOM" OU "A MESMA COISA". PODEM TER GRAVES PREJUIZOS POR CAUSA DOS SUBSTITUTOS.

A' venda em todas as *Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil e Republicas Sul Americanas. Não encontrando em seu fornecedor,* corte o "coupon" abaixo *e mande-o para nós, que immediatamente lhe remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico capillar.*

COUPON Srs. ALVIM & FREITAS —
(F.-F.) Caixa 1379 — S. Paulo

Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de réis 8$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Exijam sempre

Loção Brilhante

Formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis

JURACY era uma creatura bonita, attrahente, interessantissima. Qualquer belleza se offuscava deante do brilho de sua personalidade. Vivia com a mãe, senhora de caracter irreprehensivel. Eram pauperrimas.

Bem cedo, Juracy teve que trabalhar para garantir a subsistencia de ambas.

D. Gabriella, sua mãe, quasi invalida, educada á antiga, desconhecendo toda a sorte de perigos modernos, não tinha coragem de ensinar á filha as noções do mundo, as noções da maldade, para que esta se pudesse preservar. Suppunha que a filha aprenderia aos poucos, após o casamento.

Caixeirinha em uma casa de modas, Juracy causava espanto ás collegas pela sua ingenuidade.

Um dia, doidivanas que eram as collegas, resolveram abrir as portas do mundo, da vida, a Juracy. E convidaram-na para uma festa orgiaca.

Ella contava dezeseis annos, disseram-lhe, e precisava divertir-se.

Juracy foi. Achou, tudo que via, tão interessante, tão engraçado...

Quando deixaram a festa, as collegas falaram-lhe, sorrindo:

— Não diga nada a sua mãe; ella é antiga, póde ranzinzar. Talvez não comprehenda essas coisas e nós, modernas, precisamos divertir-nos, viver a verdadeira vida.

— A verdadeira vida é essa? — perguntou Juracy.

— Logico — confirmou, convicta, uma das collegas.

E Juracy nada contou á mãe.

Desde ahi voltou a frequentar aquellas festas.

A sua alegria, a sua personalidade, tornaram-na, em breve, a mais querida naquelle meio.

Bebia "champagne", dançava "charleston" em cima das mesas e distribuia beijos e abraços pelos camaradinhas.

Tornou-se uma louca pelo prazer: passou a frequentar "cabarets".

Juracy não achava mudança naquella nova vida. Tendo que trabalhar e por causa do seu encanto, os homens sempre a haviam tratado com falta de respeito, e, assim, agora, aquella semcerimonia delles não lhe causava admiração.

A elles, sim, ella parecia estranha, devido ao seu ar innocente, apesar de suas brincadeiras; por isso appelidaram-na: "A peccadora ingenua".

As amigas haviam ensinado a Juracy como enganar d. Gabriella, desculpando suas sahidas nocturnas; ella lhe diria ir para a casa de uma amiga...

E dois annos decorreram nessa vida de orgia.

Uma tarde, Juracy, sahindo mais cedo do trabalho, penetrou, com uma collega, em um theatro, para

assistir ao ensaio de uma peça theatral.

Depois de algum tempo, olhando os outros assistentes, Juracy encontrou certo rapaz muito bonito, que, ao entrar, não lhe passára despercebido e que agora a fitava com insistencia.

Juracy sorriu. Elle era, como os outros, mais um camaradinha.

No emtanto, não deixou de dizer, radiante, á amiga:

— Será possivel que aquelle rapaz tenha gostado de mim?! Nunca encontrei um tão lindo que sympathizasse commigo. Por favor, deixa-me só.

A amiga afastou-se de Juracy.

Ella tornou a olhar o rapaz; elle continuava a fital-a; Juracy retirou os olhos; tornou a voltal-os para elle, e assim muitas vezes.

— Que lindo espectaculo será esse! — disse ella, como si falasse comsigo mesma.

Elle, então, lhe dirigiu a palavra. Parecia a Juracy que estava commovido; tremia-lhe a voz; não se assemelhava ao que antes a olhára com tanto desembaraço.

E elle passou a cercal-a de todo o respeito, de toda a solicitude.

Pela primeira vez, Juracy era tratada assim por um homem; estava absorta. Sentia naquelle tratamento um prazer estranho, doce, que nunca imaginara.

E os dois conversaram por muito tempo com certa cerimonia.

Quando tiveram que se despedir, elle lhe disse:

— Oh, é tão agradavel! Si pudesse tornar a vel-a...

Juracy poderia dizer-lhe: "Vá amanhã ao "cabaret" tal... Mas, pela primeira vez, offereceu a um rapaz a casa de sua mãe.

E, no dia seguinte, foi para o serviço impressionada: aquelle respeito com que elle a cercára...

A' noite, recebeu-o commovida. Apresentou-o á mãe. Eram amiguinhos, disse-lhe. Conversaram longamente na maior ingenuidade. E os dois não sentiram as horas passar.

Quando tiveram de se despedir, Juracy não resistiu:

— Volte outra vez — pediu ao rapaz.

— Si me fosse permittido, viria todas as noites aqui.

— Por que não?

E Juracy passou a rejeitar os convites de festas orgiacas, de noites de "cabarets", para ficar em casa, e receber a visita daquelle rapaz, que a tratava differente dos outros.

Ella parecia viver agora um sonho. Julgava passar para outro mundo, outra vida. Sentia um prazer que nunca imaginára. Já lhe repugnavam os seus camaradinhas.

O rapaz, na intimidade que se estabeleceu depois, confiou-lhe que a olhara insistentemente no primeiro dia, porque, logo que a viu, ficára magnetizado.

Juracy sorriu venturosa.

Um domingo, Carlos quiz apresental-a á familia delle. Juracy acquiesceu. E a todos encantou com a sua jovialidade. Ella tambem conheceu uma familia honrada: comparou a irmã de Carlos, a alegria e a pureza desta, com as suas collegas, e viu a differença. Outras maneiras, outros tratamentos. Juracy sentiu-se feliz. Tinha certeza, agora, da verdadeira vida, a vida que as caixeirinhas da casa de modas, onde trabalhava, desconheciam.

Quando ella voltou para casa, achou-a invadida pelas amigas de outróra, pois estas, admiradas do desapparecimento de Juracy das festas, vinham buscal-a e tinham tido a ousadia de penetrar, pela primeira vez, no lar da moça.

Juracy sentiu-se revoltada; o sangue subiu-lhe ás faces. Pediu á mãe, que fizera sala até então, para deixal-a só com as outras. A velhinha acquiesceu.

— Suas inconscientes! — bradou Juracy, num impeto de revolta. — Como ousaram vir até aqui? Por que me levaram para o meio que frequentam?!

As amigas entreolharam-se, admiradas.

— Vamos! Sumam-se da minha casa e da minha vida para sempre!

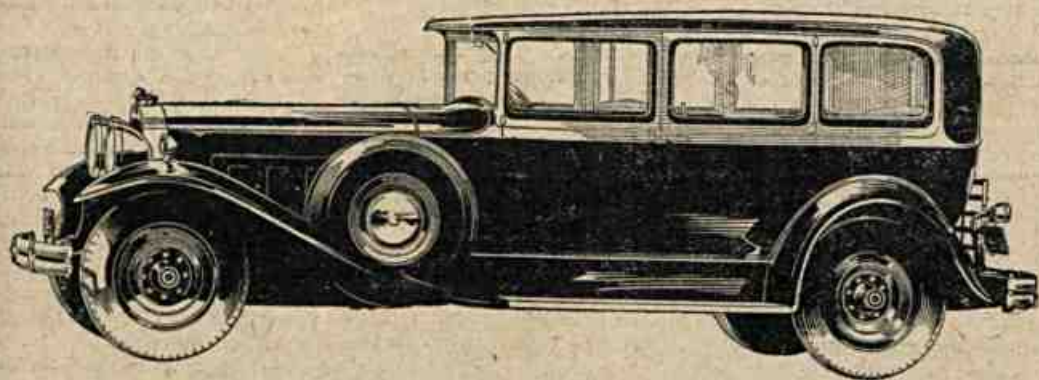
Uma a uma, ellas, perplexas, se retiraram.

Juracy correu para o quarto, afflicta. Como seria feliz si pudesse apagar o seu passado. Si, corre-se uma cortina na mente, pudesse ignorar que vivera aquelles dois ultimos annos.

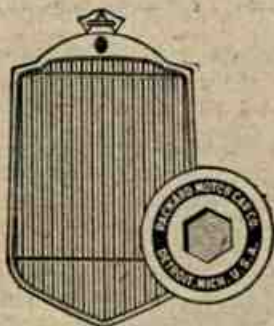
Ella e Carlos estavam agora em namoro declarado.

Elle não queria que ella trabalhasse mais. Si Juracy e a mãe eram pobres, elle poderia sustental-as.

A moça ponderou que isso não ficaria bem.

Carlos falou, então, á familia. Combinou que Juracy iria morar com seus paes; seria pupilla destes.

OS CARROS PACKARD são agora mais confortaveis, mais seguros, mais bellos e mais luxuosos. Facilmente se prova que elles representam o que ha de mais luxuoso entre os meios de transporte moderno. V. S. póde pôr um Packard á prova, submettendo-o a todas as experiencias que achar conveniente. *Verificará*, então, que o Packard está protegido contra os choques, por todos os meios de que a engenharia moderna póde dispôr. V. S. gosará de uma facilidade de manejo que torna um verdadeiro prazer o conduzir este carro. Apreciará desse modo a esplendida vantagem que offerece a transmissão de quatro velocidades do Packard. Comprehenderá assim que todos os factores que contribuem para a segurança e commodidade foram lembrados e que a reputação do Packard não repousa sobre innovações transitorias, mas que todos os melhoramentos introduzidos provaram ser realmente valiosos.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

PACKARD

Distribuidores:
Companhia Commercial e Maritima
AUTO GERAL
RUA BENEDICTINOS, 1 a 7
RIO DE JANEIRO

D. Gabriella teria os cuidados de que necessitava, e assim viveriam até que ele se formasse em direito e pudesse constituir, com Juracy, seu lar.

Tanta bondade commoveu ao extremo a moça; ella não soube dizer não.

E seguiram-se dias de uma grande felicidade, de um idyllio puro e vivificador; tão differente da vida de outróra de Juracy...

A' tarde, muitas vezes, a moça entoava, para Carlos, uma canção, que chamava a canção do seu amor.

Certa vez, Juracy disse ao namorado:

— Querido, tenho medo que não goste de minha alegria; você ri, mas tem um ar tão sizudo... Si ella puder perturbar a nossa felicidade...

— Que loucura! Duas almas differentes, uma completa a outra.

Um dia, Carlos, gracejando, veiu falar a Juracy:

— E' verdade, querida, hoje conhecerás o irmão mais velho desta irmandade toda. Elle, por ser official de marinha, anda sempre em viagem. Aposto como gostarás delle.

— Deve ser agradavel como os outros; depois, é seu irmão.

E quando Carlos voltava do caes com Alberto, o irmão mais velho, vinha radiante, a falar-lhe da pupilla de seus paes, sua futura esposa, a joven mais distincta que conhecera.

Ao apresental-o, depois, a Juracy, Carlos, radiante, não notou que ambos estremeceram, admirados.

E' que Juracy acabava de reconhecer no irmão do noivo, um dos seus antigos camaradinhas.

Ella fez um gesto supplice para que Alberto nada revelasse.

E quando, momentos após, a sós com elle, o viu dirigir-se a ella acerbamente:

— Então, a senhora está em casa de minha familia, ao lado de minha irmã, pretendendo ser esposa de Carlos...

— Oh, por favor, chega! — implorou Juracy; — eu estou arrependida de tudo; eu amo loucamente seu irmão!

Alberto soltou uma gargalhada sarcastica. A moça pareceu comprehender o intuito delle.

— Tire-me tudo — continuou afflicta — reduza-me a nada, mas elle... elle!... não.

Ante aquella dôr vehemente, que assim explodia, Alberto hesitou; mas a vida, com todas as torpezas, da qual era conhecedor, fel-o duvidar si estava deante de uma creatura sincera ou de uma comediante.

— Tudo direi a seu respeito, a Carlos; depois elle verá o melhor que tem a fazer.

Ao ouvir aquellas palavras, Juracy teve um sobresalto. Como?! Carlos iria tratal-a agora como os outros, sem aquelle respeito que a

A Peccadora Ingenua

(Continuação)

tornava venturosa, talvez achando que o seu amor por ella fosse uma honra, ou então desprezando-a revoltado.

— Não! — disse ella, num grito de dôr. Isso, não! Oh, Alberto, os unicos momentos, os unicos, de verdadeira felicidade para mim, foram aquelles em que fui tratada com respeito por Carlos; a unica nobreza de minha vida consistiu em ser julgada, por elle, pura.

As lagrimas rolavam-lhe incessantes.

— Peço que nada fale a seu irmão. Amanhã, deixarei esta casa para sempre.

— Si prefere assim... E Alberto retirou-se.

Juracy ficou só. Julgou que ia enlouquecer de afflicção; Carlos aproximou-se, radiante, feliz...

— Juracy — disse-lhe — poucos annos faltam para que me forme; depois serás a minha adorada esposa.

Juracy via agora: ella, verdadeiramente, não podia ser esposa de um homem tão bom; elle haveria de encontrar outras mulheres mais honradas. Commovida, envolveu-o num olhar de doçura infinita, tomou-lhe as mãos, e disse, num arranco, a suster as lagrimas:

— Oh, querido, si algum dia eu morrer, si algum dia eu o deixar, você encontrará outras mulheres que o amem; mas jure, jure, que eu fui a mulher que mais o amou.

O pranto saltou-lhe dos olhos; ella atirou-se, soluçando, nos braços delle. Carlos tambem se commoveu; julgou aquillo um excesso de sentimentalismo de sua amada. E algum tempo ficaram commovidos, chorando, naquelle derradeiro abraço.

No dia seguinte, quando elle a foi procurar, encontrou apenas uma carta:

"*Querido Carlos* — Já uma vez lhe falei; tenho medo que o meu genio alegre e o seu modo triste não se combinem e possam perturbar a nossa felicidade. Não teria coragem para vel-a desfeita; é por isso que, agora, parto. Quero que a nossa ventura dure sempre, embora como uma deliciosa recordação. — Sua, *Juracy.*"

Carlos recuou, admirado. Aquillo não era possivel. Juracy ser-lhe, dahi por deante, uma visão. Do seu amor restarem apenas recordações...

Juracy dera á mãe essa mesma desculpa, e ambas se haviam retirado para muito longe, para a casa de uma tia, em uma villa do interior.

Ella não podia esquecer aquelles ultimos momentos de sua vida. E definhava... definhava...

Era mais uma vida que se diluiam extase de amor.

Os mezes corriam. Muitos incidentes se passaram na villa. Juracy era indifferente a tudo.

Uma tarde de primavera, quando as arvores, cobertas de flores, serviam de abrigo aos passarinhos que cantavam alegres, a joven, como era seu costume, sentou-se junto á janella, para receber o aroma das rosas. Estava tão pallida, tão magra...

Em dado momento, olhando para a porta, se lhe deparou Carlos. Teve um sobresalto de alegria e admiração! Elle correu para ella; tomou-a nos braços.

— Minha... minha... minha Juracy!

Beijou-lhe as faces, os cabellos, as mãos...

— Por que fez isso?! Procurei-a sempre. Só agora soube onde estava. Disseram-me, a mim e á minha familia, que aqui você é como uma santa. As mulheres a adoram. Dos homens já tem rejeitado as propostas mais vantajosas de casamento. E todas as tardes, os que passam por debaixo desta janella, param, commovidos, para lhe escutarem uma canção...

Juracy pouco o ouvia; não se fartava de contemplal-o arrebatadamente.

— E eu reconheci, quando me disseram o nome dessa canção, que era a que nós cantavamos — a canção do nosso amor! Oh, Juracy! ainda você me ama! Eu lhe peço novamente que seja minha esposa!

Juracy teve a impressão de que a mão do Creador descera sobre ella e lhe reanimava as forças. Pressurosa, ia dizer: "Sim", quando viu assomar á porta a estatura do irmão mais velho.

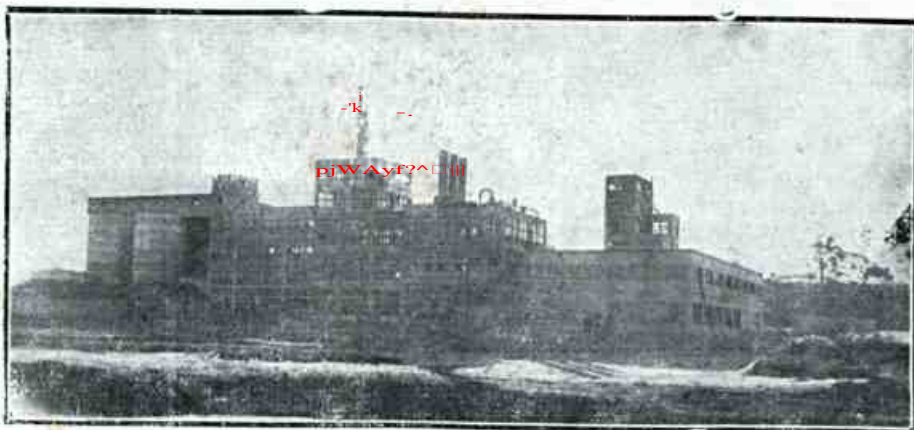
— Não, Carlos — tornou, desalentada, deixando pender a cabeça sobre o encosto da cadeira.

Alberto aproximou-se, grave; poz-lhe a mão sobre o hombro, com um gesto paternal, e disse-lhe, convicto:

— Sim, Juracy.

E, abaixando-se, falou-lhe no ouvido, para que Carlos não o escutasse: — "Você é uma senhora".

Semanas depois, a igreja proxima annunciava o casamento de Juracy e Carlos.

O PROGRESSO INDUSTRIAL NO BRASIL

TODOS aquelles que passam pela linha da Sorocabana, fóra da capital de S. Paulo, observam, com verdadeiro interesse, que, no anno passado, começou a ser construida uma grande fabrica com diversos edificios, não longe da margem da linha ferrea, ao norte do rio Tieté. Dia a dia adeantava-se essa construcção, vendo-se gradativamente uma mudança de fios entrelaçados e um esqueleto de aço, num solido, methodico e attractivo grupo de edificios de concreto.

O acabamento desta construcção marcou um novo élo na expansão commercial iniciada pela Corn Products Refining Co., New-York, no anno de 1920, perfazendo hoje um total de 18 fabricas já construidas. E' a segunda fabrica de propriedade da Corn Products Co., na America do Sul, sendo que a primeira começou a funccionar em 1928, em Baradero, na Republica Argentina.

O novo estabelecimento de moagem de milho, que será conhecido como «Refinações de Milho, Brasil», começou a funccionar no dia 1.º de agosto do corrente anno. Calcula-se que, no inicio, terá uma capacidade para setecentos saccos de milho por dia, que serão utilizados para fazer em supplemento ao excellente producto que é a «Maizena Duryea», xarope de milho, assucar de milho, polvilho e dextrina, forragem e oleo, fabricando cada anno milhares de contos em productos de milho. Com excepção da «Maizena Duryea», todos os productos acima mencionados serão aproveitados em processo de manufacturação de innumeras industrias, taes como curtidores de pelles, fabricantes de sabão e tinta, confeitarias, fabricas textis, fabricantes de vinhos, linoleum, sorveteiros e drogas.

Os edificios da «Refinações de Milho, Brasil» foram construidos debaixo da directa fiscalização de abalizados engenheiros vindos das fabricas da Corn Products Refining C., dos E. Unidos, sendo empreiteiros os srs. Scott & Urner Ltd., de S. Paulo e Rio de Janeiro. Por conseguinte, os edificios, armazens, tanques, machinismos e equipamento geral representam a ultima palavra dos methodos modernos. Alliado ao esforço dos operarios brasileiros, o processo de manufactura está a cargo de competentes technicos vindos dos E. Unidos.

Esses factos são de suprema importancia, tanto para os freguezes de «Refinações» como para os grandes consumidores de productos derivados do milho, attendendo a que os productos fabricados nas «Refinações de Milho, Brasil» são em todos os pontos de vista iguaes aos fabricados nos E. Unidos.

O actual processo de manufactura é superintendido por pessoas das fabricas dos E. Unidos, sendo o gerente geral de «Refinações de Milho, Brasil», Mr. M. V. Powell, figura conhecida ha mais de 20 annos nos circulos commerciaes brasileiros.

SACRIFICADA

CONTO DE GILBERTO VEIGA

O sol agonizava no poente, diluindo-se em pinceladas de sangue. Os ultimos raios crepusculares, mansos e mornos, beijavam, languidamente, numa despedida doirada, o pico das cordilheiras cinzentas.

Azas curvas cortavam o espaço em busca dos ninhos tépidos, engastados nos ramos frondosos das arvores seculares.

Uma melancolia profunda envolvia tudo. Parecia haver, nos labios eternos do infinito, um dêdo mysterioso, impondo silencio á transição do dia que findava, á noite que surgia.

Nos torreões das cathedraes magestosas, os sinos badalavam compassadamente, em louvor da purissima Virgem: Angelus!

O céo, roxo como o manto immaculado de Maria Santissima, estava envolto em profunda tristeza.

Ao longe, bem longe, a praia alvacenta se deixava acariciar pelo mar verde e bonançoso, como uma criança no regaço materno.

* * *

O ultimo clarão fôra offuscado pelos fócos electricos da cidade, que, como tocada da varinha magica, se illuminára phantasticamente.

Nas ruas, o movimento se intensificára de modo surprehendente: os vehiculos passavam céleres e superlotados de pessôas que retornavam ao aconchego dos lares cheios de paz e serenidade. A multidão acotovelava-se.

Uma moçoila, de dezesete annos mais ou menos, compleição forte e regularmente bonita, trajando com sobria elegancia, cortára, a passos meúdos e rapidos, a praça agitada, e, tomando o primeiro taxi que encontrára, ordenou, nervosa:

— Rua da Liberdade, 421.

O carro poz-se em movimento e parou, quarenta minutos depois, á porta de uma casinha humilde, onde a pintura, esmaecida pelo correr dos annos, era quasi imperceptivel.

Depois de pagar o serviço de transporte, a moça empurrou a porta, ligeiramente cerrada, e penetrou na sala, onde um velhinho, de cabeça branca como linho immaculado, se encontrava recostado numa velha cadeira de braços.

A casa pequena e modesta terminava num pequenissimo quintal, onde a joven cultivava violetas. A mobilia era summaria e extremamente pobre: um sofá de palha, esburacado em varias partes, quatro cadeiras antigas de jacarandá envernizado, recordação de melhores dias. Nas paredes, uma moldura representando a "Ceia de Christo", retratos de artistas de cinema, recortados de revistas, e, bem no centro da sala, uma mesa redonda, outrora banca de estudos e agora logar de refeições.

Num dos quartos, sobre um catre de madeira tôsca, alumiado por uma lampada fraca, uma senhora pallida, de quarenta annos presumiveis, olhos cerrados, um rosario de contas entre os dêdos tremulos, balbuciava uma oração. A' sua cabeceira, uma mesinha com alguns vidros vazios e um prato de folha de Flandres contendo restos de frugalissima refeição, já fria. Havia longos mezes guardava o leito. A vida, dia a dia, se eclipsava. A molestia cavava-lhe a sepultura e as privações contribuiam para a aproximação do termo.

Era viuva. Ao perder o esposo, parte integrante da sua felicidade, nascêra-lhe uma filhinha, que minorou grandemente a falta do companheiro bom que se fôra.

Creou-a, educando-a com esmero, a despeito dos tropeços materiaes que surgiam a cada passo. Costurava dia e noite.

Quando o fructo do trabalho minguava a ponto de privar a frequencia das aulas da garôta, o penhor era, então, o derradeiro recurso.

A fatalidade ainda mais contribuiu para o augmento dos supplicios da pobre viuva: fallecendo-lhe uma irmã que zelava o seu velho pae, este recorreu á unica filha sobrevivente, vindo compartilhar da mesma sorte e da mesma penuria.

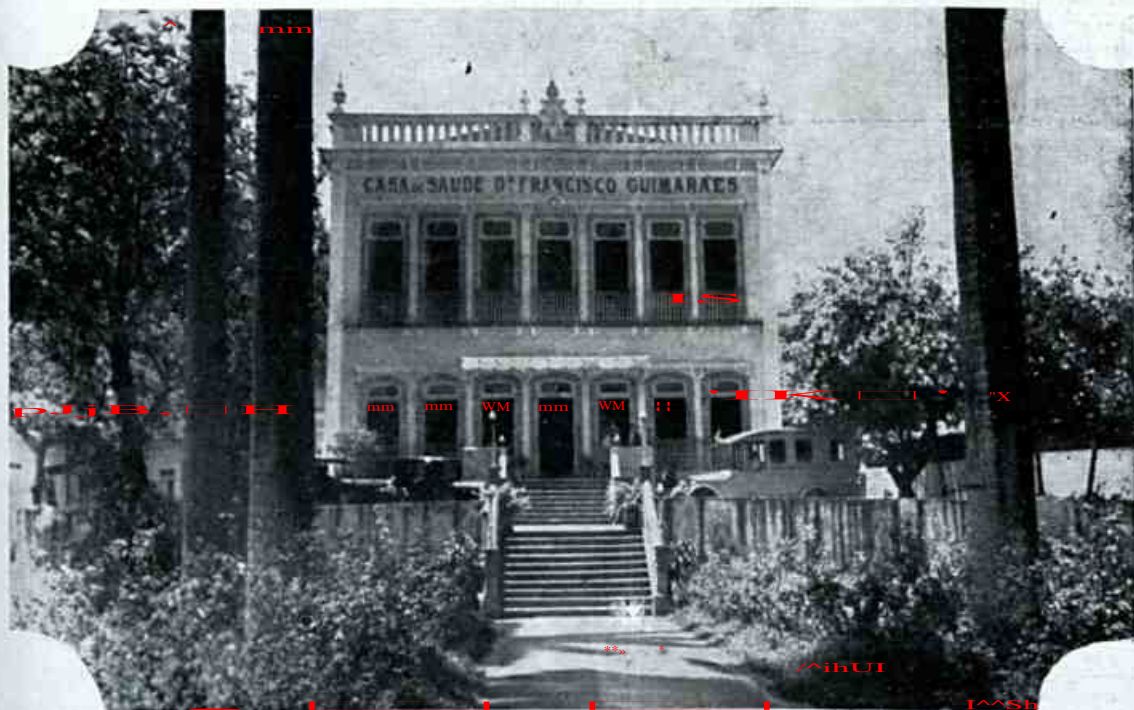
Luizinha — joven meiga e bôa, comprehendia os sacrificios que a sua mãesinha havia feito para fazêl-a instruida.

Cuidava com ternura daquella que lhe havia dado o ser e acatava, com prazer, sem uma queixa, sem se molestar, os seus conselhos e ordens.

Causava-lhe intimo pesar o soffrimento sem reme-

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ...... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Thesouro
Gustavo Barrozo — Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4135 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 15, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

SACRIFICADA

(conclusão)

dio da sua heroica mamãe e, por isso, nos seus labios frescos, o riso difficilmente bailava.

Dispondo de não commum instrucção e de intelligencia notavel, empregára os maiores esforços na procura de uma collocação honesta que lhe facultasse o meio de minorar o estado physico dos seus dois unicos amigos: sua mãe e seu venerando avô.

Debalde vagueava, quasi todos os dias, no centro da cidade, indifferente á sua extrema necessidade. Pedia a uns, implorava a outros, um emprego, um trabalho qualquer e, desgraçadamente, a resposta era sempre negativa.

Certa vez, num gabinete luxuoso, dependencia de um grande estabelecimento de credito, tivéra que morder o lencinho de cambraia para não chorar. Queria empregar a sua actividade honradamente e o gerente, homem de máos precedentes e instincto animalizado, lhe fizéra uma proposta indecorosa! A humilhação se fazia sentir a cada passo.

* * *

Naquelle dia, depois de haver passado quasi toda a noite em claro, a velar o ente mais querido da sua vida, aquella que lhe embalára a infancia e lhe fortalecêra a juventude, levantára inquieta e com os nervos deploraveis.

— Hoje arranjarei dinheiro, seja por que meio fôr — monologava.

E foi, assim, com a idéa enraizada no cerebro, muito cêdo ainda, esperar um bonde que a conduzisse ao centro da *urbs* agitada.

A sorte não lhe fôra mais propicia. Os mesmos azares pairavam sobre a sua cabeça. Tudo falhára. Todo seu esforço resultára improficuo.

Eram tres horas da tarde. Sem almoço e cheia de cansaço, lembrára-se do desalmado homem que, ha dias, lhe propuzéra uma infamia.

Andou, como somnambula, em torno do Banco de portas escancaradas para a sua desdita, como tremendas bôccas de vulcões hediondos.

Vacillou. Olhou o céo limpido e risonho. A resignação se apossou do seu ser e, erecta, altiva, penetrou naquella casa, antro que lhe ficaria na memoria para todo o seu futuro...

* * *

— Benção, vovôsinho. A mamãe como está?...

E, unindo o gesto ás palavras, depoz naquella face anciã um beijo terno.

— Benção de Deus, minha filha. Tua mãe cada vez peor.

E, abanando a cabeça, branca pelo tempo e pelos desenganos, deixou-a pender sobre os hombros numa desesperança dolorosa.

Luizinha entrou no quarto de sua mãe moribunda, secundada pelas pernas tropegas do seu avô.

E, desembaraçando-se dos embrulhos que levava:

— Aqui tem, mamãesinha, remedios e viveres. Em breve, estará curada.

Acercou-se do leito. A veneranda mãe elevou um braço com difficuldade e passou-o em torno do pescoço da joven.

O amor e orgulho maternos vibraram. Conhecendo a extrema pobreza dos seus, interpellou, ansiando:

— Onde conseguiste dinheiro para tanto, anjo meu?...

Um silencio profundo e martyrizante, silencio de dôr e agonia, fez-se entre a pergunta e a resposta.

A pobre mãe adivinhára o desenrolar inteiro dos acontecimentos.

Seu coração debil pulsou mais forte e o braço desceu, inerte, brusco, quasi hirto, dos hombros da filha querida.

Estava morta.

AGUA DE RIO HUMILDE

De HORACE DALLEVILLE

"Maria Thereza: — Estou com os olhos razos de alegria por saber que o tempo não mata amôr como o nosso. Por saber que empecilho algum affronta e vence a força dos que se amam, fazendo-os recuar, retroceder, fugir. Mas antes a esperança os anima, anima-os o proposito ardente da conquista, sem o qual todo triumpho será vão.

O persistente trabalho, o persistente esforço, a confiança persistente e tenaz só são motivos de ufania e de garbo para o coração que quiz e quer perdidamente as delicias e as ternuras do seu coração.

A provação por que passo, meu doce amôr, a seccura da terra em que piso, a sêde, a fome, não me entibiam a marcha para a Colchida — a felicidade que é você! Porque a simples promessa do seu amôr, a simples lembrança do seu carinho, da serenidade, que você devolverá ao meu coração, são a bastante recompensa para fazer-me esquecer as asperezas, os golpes, o abandono, os ferimentos do seu amôr neste triste caminho...

Hoje faz um anno que fiquei seu noivo. Um anno que a mão suave da immensa felicidade bateu a vez primeira á porta da minha morada.

Consinta que a alegria volte ao meu coração incendendo mais em mim a esperança do seu regresso a esta triste, inhospita paragem que é a minha vida sem o seu calor, sem o seu beijo, sem a sua ternura.

Eu a amo. Eu a quero. Eu a idolatro e estimo. A prova tem-'na ahi. E' só reconhecel-a com bôa fé. Não pode negar que me reconhece sincero. Por que me não faz feliz, então?

Não me arredarão do firme proposito que tenho de querel-a, amal-a, cultual-a, os empecilhos, as linguas, os canhestros espiritos malfazejos. A todos abaterei. A todos enfrentarei bravamente. Dê-me tempo. Dê-me consolo. Dê-me esperança com o seu amôr. Eu subjugarei a todos os tropeços.

Eu desejo que neste dia — que é o do natal do nosso noivado — você me devolva o seu perdão e o seu amor. O seu amôr que é o mais grato dos bens. O bem maior. O bem que me endoidece, si não o alcançar. O seu amôr que eu desejo e quero para as minhas mãos vazias como dois tumulos pharaonicos cheios de silencio e de sombra. O seu amôr que é a minha felicidade desejada.

Beijo-a, Maria Thereza, com todos os beijos puros da terra, neste dia em que, longe de você, meu coração a procura, a chama, a pede, a busca, cheio de saudade, ansioso por seu beijo, ansioso por seu coração! — Saudosamente, — *Joaquim*" —

MORREU O SINHÔ!

FINOU-SE para sempre aquelle que durante tantos annos alegrou todos os lares do Brasil. As musicas de Sinhô eram uma perfeita irradiação do sentimento e da alma brasileira, naquelle mixto de alegria e de tristeza...

Por isso mesmo, quando uma nova melodia desse verdadeiro "Rei do Samba" apparecia, era successo na certa. Na simplicidade das suas expressões, da sua fórma singela de dizer grandes verdades, contrastavam a sua fulgurante intelligencia e evidente philosophia com a sua cultura modesta, subordinada, porém, á mais fertil imaginação. Quem visse aquella figura esguia e macilenta havia de prever o proximo desfecho dessa existencia de cigarra, cujo canto repercutia como um éco na alma de todos os brasileiros.

Sinhô desenvolvia os seus themas musicaes com uma technica espontanea e intuitiva, burilada por uma harmonização original no estylo a que se dedicava. O samba brasileiro teve, com o apparecimento de Sinhô, o precursor de uma nova forma a que todos se submetteram, porque era na verdade muito mais interessante do que a antiga, pela concisão dos conceitos emittidos na poesia, alliada perfeitamente ao motivo musical.

A prova mais evidente da veracidade dessa affirmação é que todos os sambas actuaes, muito embora possuam melodia original, não deixam de trazer reminiscencias das composições de Sinhô.

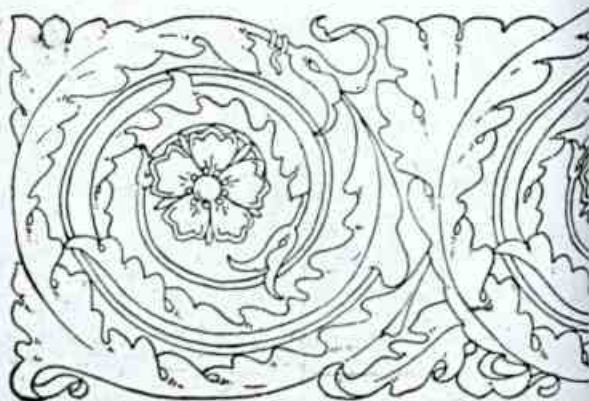
A sua primeira composição foi "Só por amizade"; porém, segundo o sr. Djalma de Vicensi, elle compoz, antes dessa, o samba de formidavel successo "Pelo telephone", e que, por uma razão até agora desconhecida, sahiu como sendo da autoria do violonista Donga.

Depois seguiram-se "O Rosa", "Pé de pilão", "Papagaio louro", satira mordaz ao fallecido senador Ruy Barbosa:

Papagaio louro
Do bico dourado...
Tu falavas tanto,
Qual a razão por que estás tão calado?

"Sete corôas", em que elle decantava as aventuras desse terrivel bandido:

E' noite escura,
Yayá accende a vela...
Sete Corôas
E' o bam bam bam lá da Favella...

"A Bahia é boa terra" (ella lá e eu aqui...)

DE

ARY KERNER

"Gêgê" "Confessa meu bem" "Amor sem dinheiro":

Amor... amor...
Amor sem dinheiro, meu bem,
Não tem valor...

"Amar a uma só mulher", "Pé de anjo" um dos seus maiores successos; "A favella vae abaixo" e centenas de outras musicas, sempre com letra de sua autoria.

Os seus ultimos successos foram: "Burro de carga", "Sabiá", "Gosto que me enrósco":

Gósto,
Que me enrosco,
De ouvir dizer
Que a parte mais fraca é a da mulher...
Pois o homem
Com toda a fortaleza
Desce da nobreza
E faz o que ella quer...

"Ora vejam só...":

Ora vejam só
A mulher que eu arranjei...

"De que vale a nota sem o carinho da mulher":

Amôr... amôr...
De que vale a nota, meu bem,
Sem o puro carinho da mulher!
Quando ella quer...

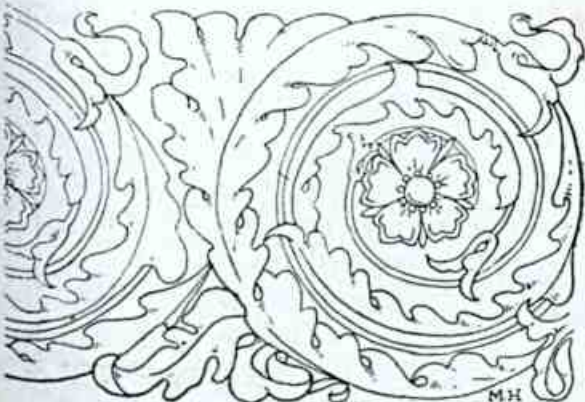
E o inesquecivel "Jura":

Jura... jura...
Jura pelo Senhor...
Jura pela imagem
Da Santa Cruz do Redemptor,
Pra ter valor a tua jura...,

com o qual elle encerrou a sua gloriosa jornada de successos.

Sinhô não devia ter morrido no mez de agosto, o mez do luto e da tristeza. O rei do Samba teve uma morte pouco digna de um trovador da sua especie.

Elle, que era o rei do Samba, o companheiro inseparavel do Carnaval, deveria morrer em fevereiro, num desses dias alacres de Mômo, sob o olhar saudoso e marejado de lagrimas dos Pierrots e das Colombinas...

Entretanto, embora elle não tivesse, como o rei do Samba, o seu séquito de trovadores e mascarados para amparal-o na hora suprema da morte, não lhe faltou no momento o seu companheiro de todos os tempos: o Samba, a derradeira obra do seu éstro, que elle trazia no bolso quando tombou para sempre.

"Você é injusto! Eu, tão doente e Você ainda por cima fica de máo humor, como si eu tivesse a culpa!"

Não importa saber si é ou não injustiça.
É a realidade: os maridos se contrariam quando as esposas adoecem! São portanto máos enfermeiros e quasi sempre acham que as esposas foram imprudentes!
E quantas vezes elles têm razão! Quantas doenças as Senhoras podem evitar ou combater aos primeiros symptomas, bastando para isso a prudencia de terem em casa um vidro do grande remedio

A SAUDE DA MULHER

que evita e combate todas as molestias do Utero e dos Ovarios, taes como Colicas Uterinas, Flores Brancas, Regras Demasiadas, Falta de Regras, Males da Edade Critica, Rheumatismo, Inflammações do Utero e dos Ovarios.

Usar "A Saude da Mulher" é uma medida de sabia prudencia, não só para o cuidado da saude como tambem para a defeza da felicidade domestica, porque A Saude da Mulher mantem integral e constante o encanto do Marido.

ANNO XXIV

FON FON

NUMERO 38

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1930

NO seu formoso discurso, pronunciado em nome do governo na ceremonia da inauguração da Casa de Ruy Barbosa, o senador João Mangabeira, que é um dos raros homens de cultura e intelligencia no nosso scenario politico, avançou uma premissa absolutamente falsa: a de que a maior gloria dos homens de pensamento é aquella que lhes cabe pela acção no campo da politica. Em abono da these, citou Victor Hugo, pretendendo mostrar como maior renome lhe viera do combatente politico do que do poeta romantico. Nada mais absurdo. Nenhuma gloria existe maior á face da terra do que a do artista, e os maiores espiritos reconhecem isso.

Nas suas *Memorias*, Alexandre Dumas escreveu este periodo de ouro: "Il est temps de mettre chaque chose en son lieu et place, et, comme notre siécle est, avant tout, un siécle d'appréciation, il est bon d'apprécier les hommes et les choses. Mademoiselle Mars et Talma, ces deux grandes gloires artistiques de l'Empire et de la Restauration, vivront encore dans l'esprit du XXe et du XXIe siécle, quand on aura depuis longtemps oublié jusqu'aux noms de ces comediens politiques qu'on appelle des ministres, et qui, du bout de leurs doigts dédaigneux, leur jetaient la subvention que, chaque année, la Chambre accordait comme une aumône á ces sublimes mendiants. Qui était ministre en Angleterre, l'année où Shakespeare fit *Othello*? Qui était gonfalonier á Florence, l'année où Dante écrivit son poéme de *l'Enfer*? Qui était ministre du roi Hiéron, quand l'auteur de *Prométhée* vint lui demander un asile? Qui était archonte d'Athénes, lorsque le divin Homére mourut dans l'une des Sporades, vers le milieu du Xe siécle avant-Jésus-Christ?"

Eça de Queiroz plagiou a idéa de Dumas no prefacio dos *Azulejos*, de Bernardo Pindella: "Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente saracoteie com um brilho de lantejoulas — do que a Politica. Por toda essa antiga Europa Real, se vêem multidões de politiquetes e de politições enflorados, emplumados, atordoadores, caquerejando infernalmente, de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade de que daqui a cincoenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, alguem se lembre dos Ferry, dos Clemenceau, dos Canova, dos Bright? Podes-me tu dizer quem eram os ministros do Imperio em 1856, ha apenas trinta annos, quando Gustave Flaubert escrevia *Madame Bovary*?"

Applique-se a regra a qualquer paiz e em qualquer tempo, e ver-se-á como os conceitos aqui transcriptos são profundamente verdadeiros. Entre nós, sobretudo, tal a vacuidade de nossos politiquetes, politicotes e politicões.

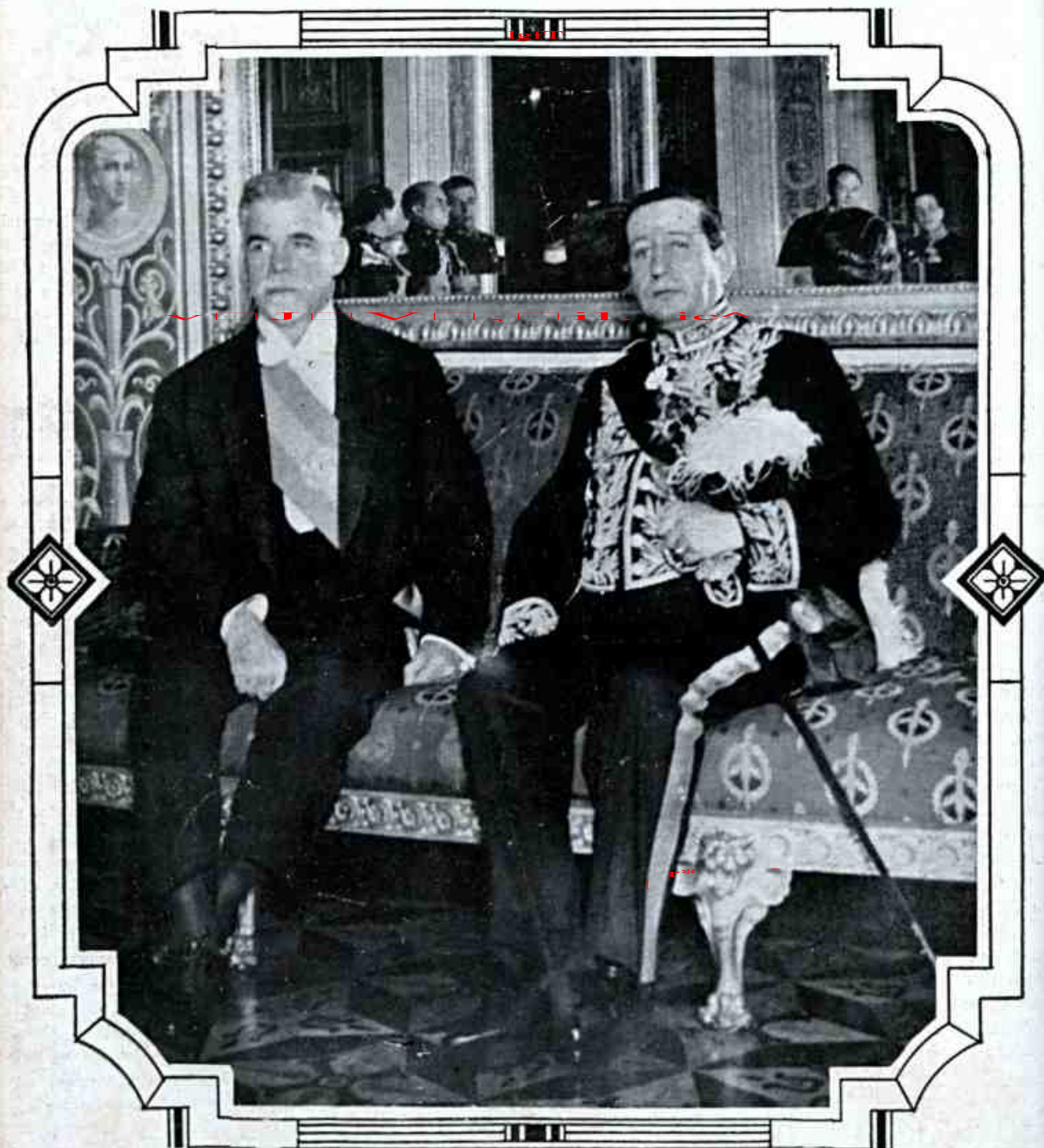
Não é pela effervescencia de suas campanhas politicas, pela força de suas lutas parlamentares, que Ruy viverá na memoria dos brasileiros; mas pela grandeza do seu talento de escriptor. Esquecer-se-á um dia até que elle foi senador, ministro e candidato a presidente. Jamais se esquecerá que elle foi o grande magico da palavra falada e o formidavel burilador da palavra escripta. Raros são os que sabem que Chateaubriand foi ministro. Ninguem, medianamente culto, ignora que é o autor de *Atala* e do *Génie du christianisme*. O Victor Hugo par de França da monarchia de julho foi estrangulado na memoria da humanidade pelo Victor Hugo que creou a Esmeralda, Quasimodo e Jean Valjean. O poeta que subira no Himalaya com a sublimidade das *Orientales*, dos *Chants du crepuscule* e da *Legende des siécles*, desceu á planicie da vulgaridade com o pamphleto *Napoléon le petit*. A politica, embora nella agisse como homem de letras e não como verdadeiro politico, somente serviu para amesquinhal-o. E é o proprio Victor Hugo quem refuta a premissa do sr. João Mangabeira nos *Alpes et Pyrenées*. Referindo-se á gloria dos homens de guerra, dos homens politicos, diz: "Elle se tait. La gloire des poétes et des penseurs chante et parle éternellement."

POEMA DO DESEJO

No mysterio da noite silenciosa, tua lembrança bate as asas de ouro dentro de mim.

Trago commigo um prisioneiro inquieto, soffrego, ás vezes desatinado. Não socega, não para, não se aquieta. Dia e noite passeia, como uma fera enjaulada, a largos e rythmados passos dentro do meu coração. Uiva outras vezes. Sacode violentamente todo o carcere. E' o desejo de te possuir. Desejo que teus olhos crearam e que a maciez das tuas caricias exaspera cada dia mais.

A' noite, no aposento solitario e calmo tudo resona, até o tique-taque do relogio esmaece aos poucos e como que se apaga na espessa escuridão. Mas eu sinto que estás perto de mim. E o desejo prisioneiro esvoaça, grita, revolta-se lá no fundo da sua prisão. E, quando o cansaço o atira exhausto a um canto da alma, os meus olhos lentamente se fecham para uma modorra ligeira.

Então, aproveitando o momento, só a tua lembrança bate as asas de ouro dentro de mim.

O novo embaixador extraordinario e plenipotenciario da Republica do Chile no Brasil, dr. Nicolas Novoa Valdez, recentemente chegado a esta capital, foi recebido pelo sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, em audiencia especial, para entrega de credenciaes. A solennidade realizou-se, ha dias, no palacio do Cattete, com todas as formalidades do protocollo, estando o chefe da Nação em companhia dos srs. ministros de Estado e dos membros das casas civil e militar da presidencia da Republica. A gravura desta pagina fixa um momento da palestra que o dr. Washington Luis entreteve com o dr. Novoa Valdez, no salão de honra do Cattete, após a entrega das credenciaes do diplomata chileno.

O sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, recebeu no palacio do Cattete, em audiencia especial, a visita das delegações officiaes nacionaes e estrangeiras junto ao Terceiro Congresso Sul-Americano de Turismo, que foram apresentadas a s. ex. pelo presidente do certamen, dr. Christovam de Camargo. E' um aspecto dessa visita o que representa o grupo photographico acima.

FILIGRANAS

Nos dias de chuva, longos, cinzentos, frios e monotonos, abro o livro do meu poeta preferido — Bilac e leio-o horas inteiras. Então, depois de gosar alguns dos seus alexandrinos magistraes, fico a pensar por que Victor Hugo teve a coragem de affirmar que "le peuplier est, comme l'alexandrin, une des formes classiques de l'ennui."

Nunca teria o grande Hugo lido um só alexandrino que prestasse? Será isso possivel?...

No palacio da embaixada argentina, realizou-se, segunda-feira á tarde, a recepção que o sr. embaixador Mora y Araújo offereceu em honra dos congressistas e suas exmas. familias, e da qual offerecemos um detalhe na gravura de baixo.

O Praia-Club, que é, indiscutivelmente, um dos nossos mais elegantes centros de mundanismo, realizou uma linda festa de arte, na qual tomaram parte distinctas figuras dos nossos meios artisticos. Durante esse festival, que se realizou sabbado ultimo, foi procedida á apuração parcial para a eleição da «Rainha do Praia de 1930», titulo este conferido á senhorita Elze Lerch.

FAGULHAS

Eu não gosto de vêr romper a linda manhã de primavera, quando os sinos repicam chamando os fieis ao povoado.

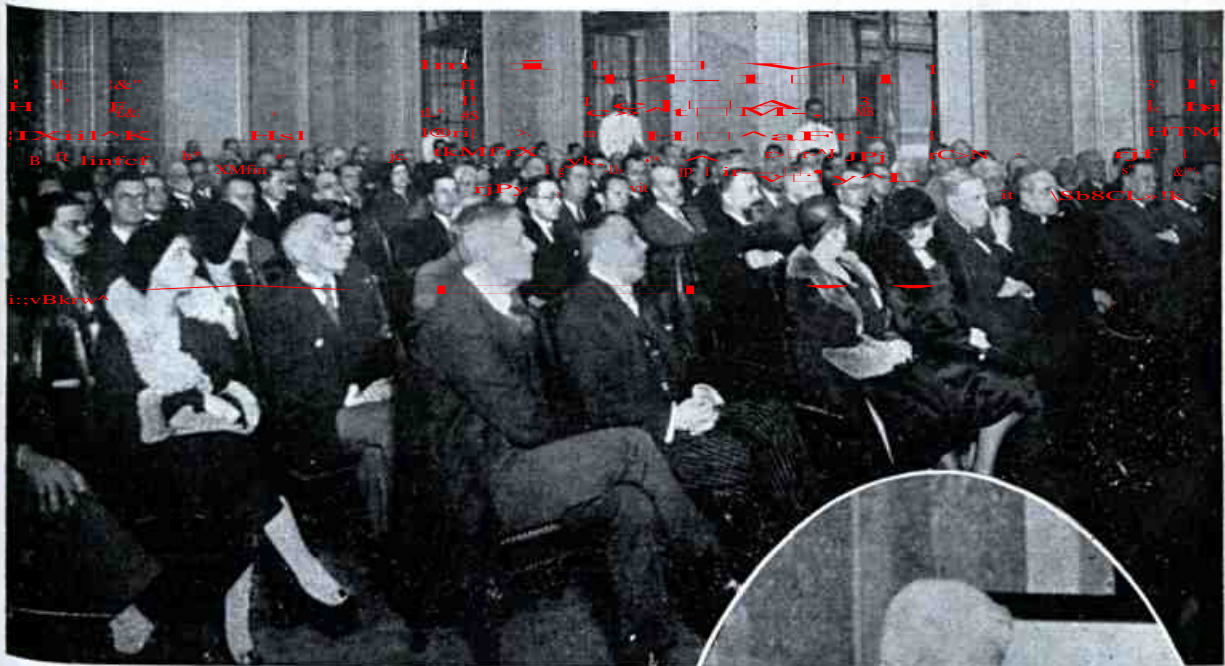
Porque, a essa hora, o meu amor ainda não veiu.

Eu não gosto de assistir á agonia do dia que morre. Mesmo que esse crepusculo prometta ser duma originalidade rara.

Porque, a essa hora, o meu amor já se foi...

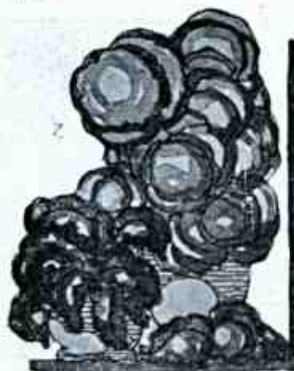
Eu gosto duma hora prosaica... porque o meu amor está commigo...

CONCHITA CID

Original, sob todos os aspectos, e muito interessante, foi a «Festa dos Balões», que se realizou na rua Gonçalves Dias, 30, em beneficio da Casa do Estudante, e dedicada á juventude da Faculdade de Direito. No amplo salão do «Bazar da Primavera», se reuniram as figuras mais destacadas da sociedade carioca, o que concorreu para dar um grande realce ao festival.

Quarta-feira penultima, foi inaugurado, com grande brilhantismo, o luxuoso Salão de Conferencias do novo edificio dos Archivos e Bibliotheca do Itamaraty. A conferencia inaugural realizou-a o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal junto ao nosso governo, e que dissertou, perante selecto e distincto auditorio, sobre o thema «Os limites primitivos do Brasil». A gravura que illustra a pagina, ao alto, focaliza um aspecto da nova sala de conferencias, repleta de vultos de destaque do corpo diplomatico e dos circulos intellectuaes e sociaes desta capital, vendo-se ao centro, no medalhão, o embaixador Duarte Leite, quando lia sua conferencia.

. . .

Em baixo, um flagrante do tocante preito de saudade tributado pelo illustre medico argentino, professor José Arce, da Faculdade de Medicina de Buenos Aires, á memoria do inesquecivel scientista patricio, dr. Nascimento Gurgel, em cujo tumulo, no cemiterio de S. João Baptista, depositou uma corôa de louros aquelle distincto e grande amigo do notavel clinico brasileiro e antigo presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Faianças

Sob uma tarde suburbana...

No silencio da rua quieta — uma tranquilla rua de suburbio — levantou-se a voz espiralante da victrola.

A voz era a de um tango plangente:

Indiecita de mi tierro
que tanto gustas del sol,
tu sonrisa de esta tarde
me llegó hasta el corazón...

.. ..

Indiecita de mi barrio
que cantas con emoción,
tu garganta dulcifica
la fiereza de tu amor.

.... E pela tarde — o crepusculo se desmanchava no poente, numa aquarella violeta, ouro e cinza; — e pela tarde calada, daquelle domingo burguez e banal, cheio de saias engommadas, de garotes, de calças brancas e bigodes torcidos, a voz languorosa do tango ia fugindo como um perfume de melodias dolentes...

Oh! os tangos soluçantes, gementes como enfermos, como agonias de amor! Eu os adoro! Adoro-os, porque no rythmo dessas melodias plangentes esvoaçam todas as melancolias que passaram, que passam e hão de passar pelo nosso destino.

Nem eu diria melhor, si não me referisse ao destino... Destino sentimental, — frizemos bem, meus senhores!

Todos nós temos em nosso incerto destino de amor a melancolia de um olhar, de um sorriso e de um beijo.

E essa melancolia de amor canta, sempre, na voz chorosa, amarga de um tango lento. Ou ella vem do passado, de envolta com as saudades esfumadas, reduzidas a trapos — imagens de um lindo amor que se desfaz — ou enche a nossa vida presente, como um perfume de dôr. E si não vem num dos desbotados dias que se foram, nem dormem dentro da nossa vida presente, é indicio de que irão povoar o nosso futuro...

Melancolias de amor!

Acaso não são ellas a propria essencia do coração dos que amam? Será possivel conceber o passado de uma existencia, sem a melancolia de um amor?

... Neste domingo burguez, claro e triste, em que uma victrola chora espiralantemente, a melodia de um tango, eu me aquieto, neste recanto de jardim, vendo a queda lenta do crepusculo e enchendo a minha alma com estas lindas palavras que dóem...

Tu sonrisa de esta tarde
me llegó hasta el corazón...

A senhorita Yolanda França é dona de uma voz cheia de melodias e encantos. Graças a essa virtuosidade e á irradiação de sympathia da sua personalidade, a joven artista conseguiu reunir em torno de si e de sua arte uma verdadeira multidão de admiradores.

O Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros commemorou, no ultimo sabbado, o 87.º anniversario de sua fundação e, para solennizar tão grande data, realizou em sua séde, no edificio do Syllogeu, uma brilhante ceremonia, que foi presidida pelo dr. Levi Carneiro, e á qual compareceram o representante do dr. Washington Luis e o ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello. O dr. Levi Carneiro fez o discurso official da solennidade.

A REALIDADE QUE NÃO EXISTE

Si alguem me viesse perguntar hoje á minha alma: "Alma, que desejas? por que atravessas essa crise de tedio?" — estou certo de que a minha alma responderia a esse alguem: "Desejo uma realidade feliz...

Sim. Por que os sonhos fatigam, enervam a nossa esperança. O sonho está para a alma como a medicação empregada como simples palliativo.

E como a homeopathia — precisemos melhor — Elle, o sonho, pode curar a dor de um soffrimento de amor. O amor é o mais serio soffrimento. Mas, si não cura, não aggrava o nosso estado emocional.

Debalde a gente espera a realização do sonho, que floresce em nossa alma como uma tulipa azul. Mas, desgraçadamente, um sonho não é como a borboleta, que vem, originariamente, de uma larva completando a sua ascensão evolutiva. Um sonho ha de nascer e morrer, dentro da nossa alma, como aquella tulipa azul, escravizada á sua haste e ao seu canteiro.

Eu amo as realidades bôas e flagrantes.

Mas em meu caminho não encontro senão realidades crueis, que conduzem a destinos invios e sombrios.

Si agora ha um sorriso lindo que me tenta, que me encanta e enche a vida de auroras, mais adeante esse mesmo sorriso fulgirá, para mim, pleno de embustes e de satanicas insidias...

Eis porque hoje, meus senhores, a minha alma se torce no travo de um desgosto transbordante, e, em vez dos sonhos que mentem, e das realidades que enervam, que decepcionam e amargaram, eu desejaria uma realidade bôa e feliz.

Mas sabem qual é essa realidade bôa e feliz?

Essa realidade bôa e feliz não existe: é a felicidade. — Yves

O sr. ministro Vianna do Castello e o dr. Mendes Gonçalves, representante do presidente da Republica, entre os membros do Instituto dos Advogados na sessão solemne commemorativa do 87.º anniversario daquelle gremio de juristas.

A Primavera

Primavera!
Dizes: "A Primavera?
E' a apotheose das estrellas
no céo longinquo, de velludo...
Vamos! Levanta os olhos para vel-as!"

E eu respondi: "A Primavera?
A Primavera é toda esta poesia...
E' a melancolica alegria
das coisas... No céo, na terra, em tudo!"

E tu disseste: "A Primavera é o meu jardim...
E' a vertigem das rosas,
nas alamedas silenciosas — ..."
E eu retornei: "A Primavera?
E's tu, que és toda aroma, junto a mim!
A Primavera se resume
na tua graça,
no teu corpo de lis, no teu perfume!..."

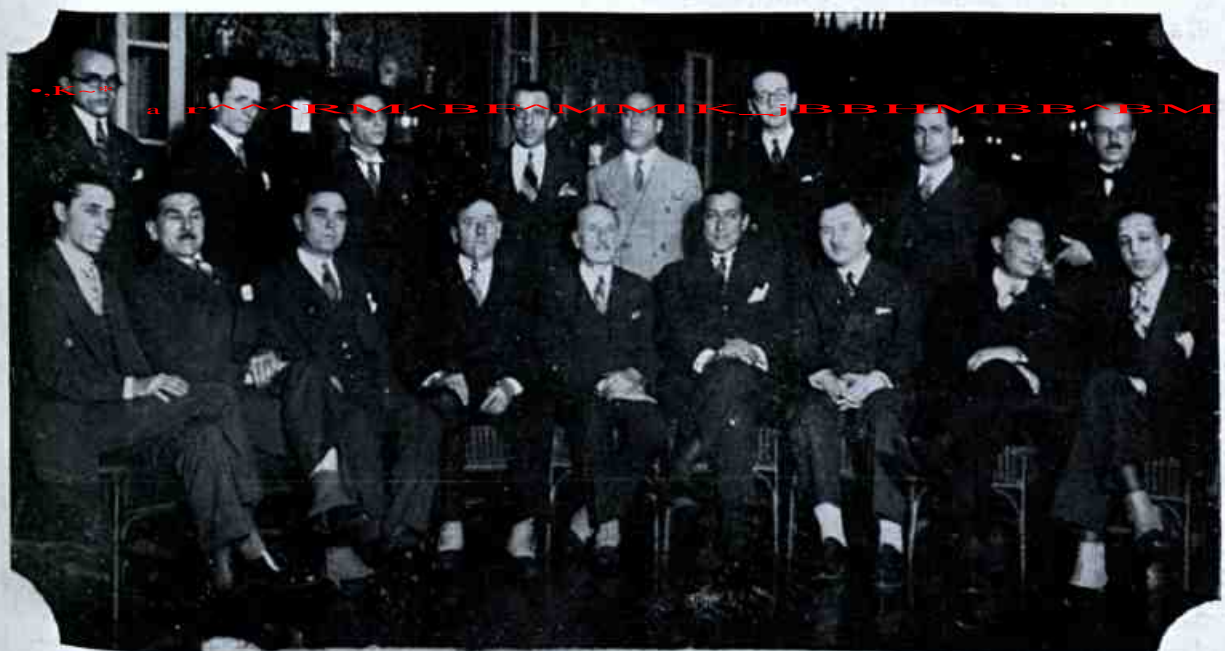
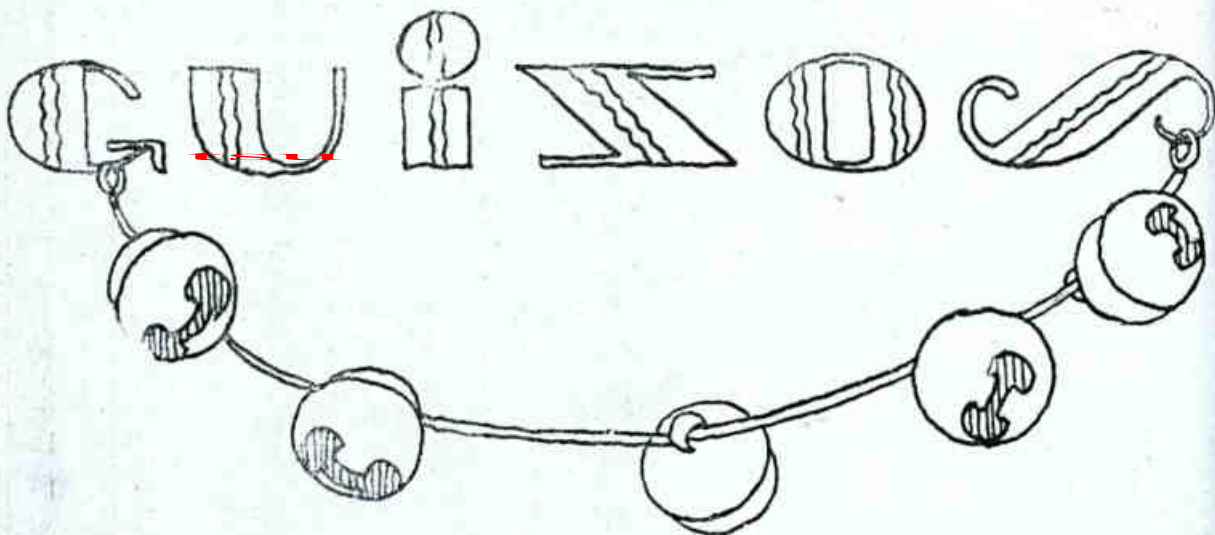
E a tua voz: "E' o amor feliz, que passa...
Amor feliz — fumaça!..."
E eu disse então: "A Primavera?
E' o teu corpo de flôr
odorante...
E' o teu beijo flamante... fragrante...
Não é
sómente o amor... E' o nosso amor!

Bastos Portela

Osorio Dutra, o sumptuoso poeta de «Castellos de Marfim» e «Céo Tropical», e Navarro da Costa, o illustre marinhista do quadro sobre a chegada do presidente Hoover ao Rio de Janeiro, foram, por motivo dos seus mais recentes successos literario e artistico, homenageados, quarta-feira penultima, no Palace Hotel, com um almoço, que lhes offereceram os seus amigos, collegas e admiradores. Esse ágape reuniu grande numero de intellectuaes e artistas, que quizeram festejar, assim, os louros de um poeta e as glorias de um pintor, ambos dignos, pelos seus méritos e pela sua fidalguia de maneiras, de tão expressiva e espontanea manifestação de sympathia e apreço. Osorio Dutra agradeceu, em seu nome e no nome do seu collega Navarro da Costa, a merecida homenagem dos seus amigos, cujos sentimentos foram interpretados pelo nosso distincto confrade dr. Celso Kelly.

O DEVER

O dever tem sua base em um bom sentido de justiça inspirada pelo amor, e esta é a mais bella fórma da bondade. O dever não é um sentimento, mas um principio que invade toda a vida e se manifesta em nossa conducta e em nossas obras, que são determinadas principalmente pela consciência e o livre arbitrio. — **Samuel Smiles.**

O mais desgraçado de todos os homens é aquelle que não sabe supportar as desgraças. — **Platão.**

O Circulo de Imprensa homenageou os jornalistas americanos e europeus que vieram ao Rio acompanhar as festas do concurso internacional de belleza, offerecendo-lhes um jantar, no Club dos Bandeirantes. Foi uma festa simples e cordial e nella tomaram parte, ao lado dos nossos collegas estrangeiros, varios jornalistas brasileiros, em nome dos quaes falou o nosso confrade Prado Kelly, que, em brilhante discurso, saudou os homenageados.

CIVISMO

A Parahyba continúa no cartaz.

Alguém quer trocar o nome da sua capital.

Outros alvitram substituir o hymno do Estado e a mudança das côres da sua bandeira.

Ahi está uma coisa que muito brasileiro não sabia: que a pequenina região do norte do paiz possuía um hymno e uma bandeira.

Quando nós imaginamos que o Brasil é um só, com uma única bandeira, marchando ao som do hymno de Francisco Manoel, apparecem, pelas varias regiões do territorio, outras bandeiras e outros hymnos, como de pequeninas patrias dentro da nossa grande Patria.

Mas, afinal, que significação tem as bandeirinhas e os hymnos estaduaes!!

O natural seria cuidar de se extinguir as bandeiras e os hymnos dos Estados, méras e inexpressivas caricaturas do regionalismo, sem nenhuma representação plausivel, deante do Brasil que é um só, e cujo esplendor está bem vivo nas côres do pavilhão que reflecte a imagem do Cruzeiro.

Civismo, ou então, que será o Brasil de amanhã!

O HOLLANDEZ...

A nossa Marinha de Guerra necessita de uma grande refórma material.

Os navios já perderam a metade da efficiencia, e dizem que alguns deviam estar fóra de serviço.

Acontece, porem, que o governo não tem dinheiro para comprar navios de guerra.

O dinheiro é pouco para manter o pessoal da activa, e para pagar os reformados, que constituem uma segunda Marinha...

Deante do exposto, um deputado teve uma idéa.

O funccionalismo publico deve soffrer o desconto de um dia dos seus vencimentos, e assim o governo poderá arranjar dinheiro para adquirir navios de guerra.

Muito bem...

As rendas publicas, no corrente exercicio, soffreram um collapso.

Difficil diagnostico a causa. Maluqueiras politicas! Cambio?

Ninguem sabe... O certo é que as rendas decresceram.

Pois outro deputado teve tambem uma idéa para salvar as finanças do paiz: uma póda no funccionalismo, acompanhada de um desconto nos ordenados.

Geniaes salvadores da patria!

Apenas os deputados não se lembram de reduzir o subsidio e acabar com as prorogações legislativas que constituem a maior vergonha do regimen republicano.

Era mais honesto começar a justiça por casa...

Acabada a politicalha, os serviços publicos melhorariam immediatamente... e as finanças do paiz tambem...

Os funccionarios haviam de trabalhar e morrer em paz, tranquillamente, na sua humilde pobreza, sem ser incommodado pelos deputados, nem mesmo em vesperas de eleição...

Um allivio geral!

Mas, o que é bom não acontece, já se vê...

"VERTIGEM"

PASSEI o domingo entre livros, conversando com velhos amigos.

E' uma doce volúpia, a que sinto, em percorrer as paginas vividas pelos meus companheiros de letras.

O publico, que desconhece a nossa vida de jornal, suppõe, naturalmente, que nós dispomos de vagares para meditar e escrever.

Imagina, com certeza, que nós, profissionaes do jornalismo, produzimos num ambiente calmo, no isolamento propicio para os largos vôos do pensamento.

Entretanto, bem diversa é a nossa vida, torturante vida de quem necessita produzir muito, produzir sem cessar, porque o publico é voraz, é impedioso, eternamente insatisfeito na sua ansia de leitura.

Entre as quatro paredes da sala de redacção do FON-FON, nós mal temos tempo para attender as solicitações dos amigos, mas, mesmo assim, escrevemos...

Fantasiamos, sonhamos um mundo melhor, para nós proprios e... para os outros.

Vida deliciosa!

Neste ambiente é que avaliamos a capacidade de trabalho dos nossos companheiros e lhes auscultamos as qualidades e os defeitos.

No FON-FON, acostumei-me a vêr, em Martins Capistrano, não só uma vontade ferrea de lutador, mas, tambem, um sentimental incorrigivel, o mais completo seductor dos corações femininos.

Romantico, o que lhe sae da penna é repassado de nostalgia, de uma suave poesia.

Todo elle é simples e, por isso, eu sempre vi em Capistrano uma alma candida, uma alma de criança.

Pois essa criança grande escreveu Vertigem, um livro de contos simples, emotivos, de uma doçura melancolica.

Foi o volume verde de Martins Capistrano que tomou as horas do meu ultimo domingo de agosto, preparando-me o espirito para receber com encanto setembro, que ia em começo quando voltava a ultima pagina do volume.

NO SECULO DA HYGIENE

O doutor Zopyro Goulart, inspector medico escolar, é um estudioso das questões de hygiene e escreve com simplicidade e elegancia, o que constitúe uma excellente maneira de traduzir com elegancia as suas idéas. Dahi o valor do livro, que o doutor Zopyro Goulart acaba de dar á publicidade, e no qual o medico e o estylista se completam, pelo saber que um revela e pela arte de que o outro veste a sua linguagem.

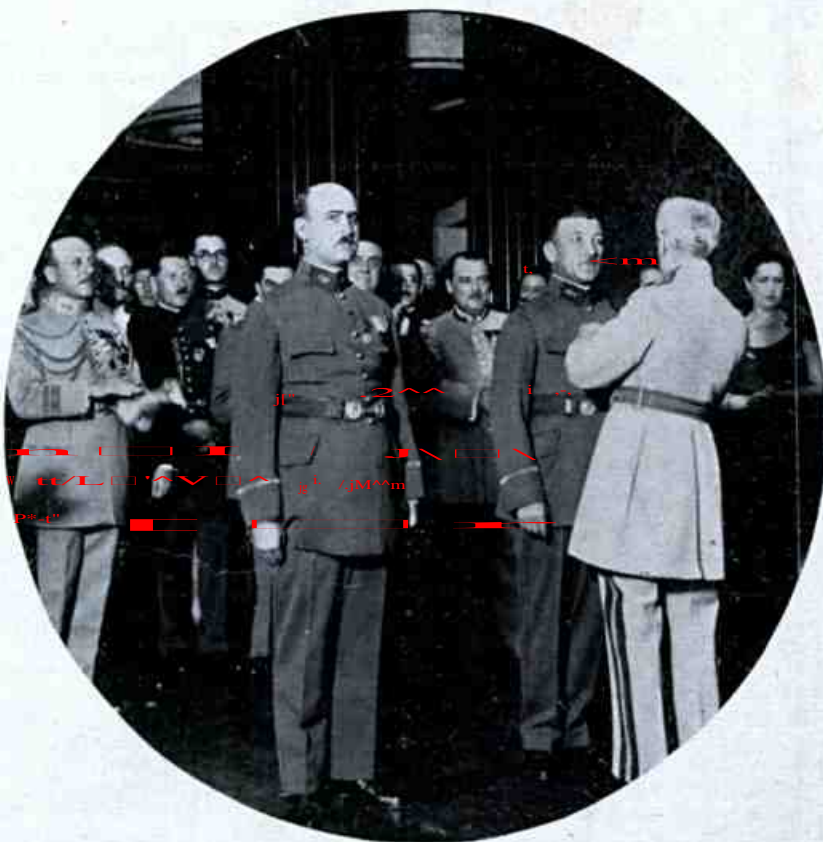
"No século da hygiene" é, antes de tudo, obra de scientista, porque focaliza e commenta assumptos transcendentes de medicina. Mas, não deixa, tambem, de ser obra de intellectual, pela clareza e pela elegancia literaria com que o seu autor agita esses assumptos.

O doutor Zopyro Goulart reuniu, no seu livro, que é um volume de mais de duzentas paginas, varias conferencias e discursos que proferiu, artigos e entrevistas que publicou nos jornaes, sobre themas da sua especialidade, e que consistem, sobretudo, na hygiene preventiva, na protecção da vida humana, no aperfeiçoamento eugenico da raça.

Definindo a sua obra, o doutor Goulart escreve:

"Na sua frequente feição de critica, timida ou exaltada ás vezes, estas paginas não reflectem nenhuma impressão intima desse pessimismo esteril, desalentado e nocivo, que nada semeia e não fructifica; ao contrario, traduzem a força viva do optimismo que construe e confiante espera na victoria inevitavel dos seus ideaes."

"No século da hygiene" é, como se vê, um livro optimista e, portanto, necessario ao pessimismo do seculo.

Num ambiente de alegria e da maior cordialidade, realizou-se o banquete que a colonia franceza offereceu ao general Spire, chefe da Missão Militar, e a sua exma. esposa, por motivo de seu proximo regresso á França. A esse ágape compareceram altas patentes do exercito e as mais representativas figuras que constituem o escól dos compatriotas do illustre casal homenageado.

Paineira

IRMÃS na arte de tecer, no extase da lição, a cigarra, fiandeira da luz, emmudece, attenta, e a aranha, tecelã dos rosaes, queda-se atilada quando, generosa, abres os teus pomos em flocos de arminho, quando os teus frutos amadureces em alvos casulos.

Porque és uma roca, paineira! E o vento é o teu enamorado tecelão.

Um fuso se desenrola da ponta de cada ramo e, debruçado sobre ti — verde tear canoro, dobadoura farfalhante — paciente, a sussurrar entre a tua folhagem a musica dos ninhos que embalou, a afagar-te com o hálito aromal das rosas despetaladas de volúpia, o vento vai desfiando do novello de teus galhos o fio tenue de arminho e vai tecendo, leve, a trama diaphana da nevoa com que agasalha toda a terra, tremula de frio, vai urdindo, levemente, o véo nupcial em que esconde, zeloso de ciume, o epithalamio dos jardins.

Rendeiro da neblina, o vento entre os frouxeis da paina, entre tece na tremula langadeira, trabalha na urdidura de seda e desmancha a anafaia, estica e alisa a estriga, torce a fiada, rendilha, borda o enredo, e põe um brocado de neve sobre as montanhas, distende o manto translúcido das brumas sobre a relva, o velario de crystal dos nevoeiros sobre o mar e sobre as velas!

Nervoso, ás vezes, o sussurrante fiandeiro, as invisíveis mãos agita dentro da treva e entre os mysteriosos dedos, cravejados das esmeraldas accesas dos vagalumes, aperta e esmaga a espiguilha fragil e, delicado, o claro enleio do velludo se dilue numa cortina subtil, fluida, que se evola, sóbe, se adelgaça e, dependurado das estrellas e aberto em pallio, — é o luar!

Meu coração abstracto, deante de ti, fica a tecer também o aranhol de um sonho, a imaginar, paineira, que tu és a velhice na floresta, que os fios alvos são os teus cabellos brancos, que as garças são côr de espuma porque nasceram entre os ordumes do teu florilegio nevado e ficaram com uns farrapos das tuas rendas nas azas e nas plumas, que as ovelhas são brancas, ennoveladas da tua estofa, porque os rebanhos, ao som de alguma avena, adormeceram á tua sombra, sobre uma alcatifa de lã...

E, na alleluia das manhãs, quando o sol, num cascatear de scintillas, entre o fretenir das cigarras ingenuas, apaga o niveo recamo, ha vestígios da alvissima tecedura pelos canteiros, nas camelias, nas magnolias e nos lirios desfolhados...

Edvard Carmilo

A Fonte da Matta

Povina Cavalcanti

(Estas phrases pertencem a um estudo critico. Aqui estão, apenas, conceitos de pura synthese. E isto mesmo aflorados sem continuidade logica. Nem me é possivel documentar, por falta de espaço, os juizos expressos. Comtudo, advirto os leitores: O publico deve conhecer "A fonte da Matta". Principalmente, os poetas brasileiros. O precursor de "Apotheoses" continúa a ser o mais pessoal, o mais inconfundivel, o mais impressionante poeta nacional.)

(Photo Annunciato).

OS camelots de uma pretensa poesia brasileira multi-corrompida pela meia lingua de um modernismo de "carregação", já affixaram no portal do circo o aviso do fracasso: "NÃO HA MAIS FUNCÇÃO". Os remanescentes emmalotaram o arsenal das bugigangas, com que divertiam o publico ignaro, armando a farça plebéa das pantomimas. A platéa cançou-se dos "trucs" e não tarda que até os ignorantes assobiem á passagem dos taes rhapsodos indigenas. (Nem o episodio terá importancia historica, quando futuramente o chronista quizer, bem apparelhado, salvar, dentre as algas arremessadas do fundo pelo maremoto, os raros vestigios da composição architectonica dos coraes.) E' nesta esplendida opportunidade que a intelligencia brasileira se alvoroça, como num dia de festa familiar, para celebrar o grande acontecimento: o livro novo de Hermes Fontes.

* * *

Hermes é o maior poeta vivo do Brasil. Estes oito annos, que separam *A fonte da matta* da *Lampada Velada*, são oito lumes estellares accesos na falda da montanha e alimentados, um a um, no silencio grande das noites, com o oleo votivo do sentimento e da emoção.

A' altura, em que pompeia a inspiração deste poeta, ascenderam os vapores daquelle delicioso manancial, que foi a Castalia inconsciente da sua infancia e, no pincaro illuminado, se arcoirizaram, chovendo sobre a sua cabeça, donde proviaram já agora, para o effeito esthetico, materializados no symbolo de um novo arco-de-alliança da poesia.

* * *

A *fonte da matta*... Este livro é bem digno do nome de baptismo, que lhe deu o poeta. Toda virgindade, todo amor da natureza, todo anseio de integração na espiritualidade, que rege e aperfeiçôa o mundo, vivem na pureza dessa fonte, na cantiga de suas aguas, na renuncia e no abandono do seu afastamento, na reza e na humildade de seu murmurio, na revolta e no desespero de seus redemoinhos. O sabor de sua virgindade — este é, porem, essencial. Nenhuma outra agua é assim. Nenhuma outra lympha se parece com a desta fonte.

* * *

Figuremos, num fim de jornada, o feliz encontro daquella rapariga de Samaria. A lympha do poço de Jacob mata a sêde do espirito, que Jesus revelou. Toda agua é assim egual para quem tem sêde...

Esta, porem, de Hermes Fontes, captada pela intelligencia e passada nos filtros do coração, através de um longo percurso, que vae da infancia á maturidade, ao contrario de todas as aguas, refrigera, — mas é irresistivel: pode-se-ia esgotar o manancial...

Por que teria Hermes Fontes supprimido o seu nome á linda capa do seu poema, «A fonte da matta», que o talento de Renato Palmeira illustrou? Modéstia? Originalidade? Innovação? Pouco importa. O que é interessante é saber que o grande poeta de «Apotheoses», de «Lampada velada» e de tantos outros livros lindos, de onde flue a verdadeira poesia, acaba de offerecer aos seus leitores mais um formoso poema. Isso diz tudo sobre a obra e o seu autor. Por que explicar Hermes Fontes? Delle, o que se pode dizer é o que todos dizem: que é poeta. Apenas, como esse qualificativo está deploravelmente barateado, graças á avalanche da mediocridade, que invadiu os dominios do Parnaso, é preciso frisar que Hermes Fontes continúa a ser o grande poeta de sempre, nas paginas dessa «A fonte da matta», cujas bellezas vão levadas pela corrente lyrica, onde canta o seu coração emotivo, talvez mais ferido, mais grave na sua dôr que não chora, mas soberbo na grandeza das suas penas e da sua arte de sonho. Entretanto, ahi está o bello espirito de Povina Cavalcanti. Elle dirá, com a elegancia do seu estylo fagulhante, entrelaçado de imagens, de pensamentos bellos, todo o encanto de que é feita a alma d'«A Fonte da Matta», de Hermes Fontes.

O A. B. C.

Souza Lima, pianista brasileiro, que regressa da Europa coberto de gloria, porque as mais exigentes platéas do Velho Mundo applaudiram enthusiasticamente a sua technica e a sua grande arte de virtuose, vae proporcionar aos seus patricios o prazer de ouvil-o amanhã, domingo, no theatro Municipal, onde se realizará o annunciado concerto desse artista do teclado.

SEGUNDO Victor Hugo, o alphabeto pode ser considerado desta maneira:

A é o telhado, o frontespicio com sua travessa, o arco, arx; ou, então, dois amigos que se abraçam e que se apertam as mãos. B é a corcova, um D sobre outro D. C é o crescente, a lua. D, as costas, o dorso. E, o embasamento, o pé-direito, o tomsolo e a roda de proa, a architrave, toda a architectura em uma unica lettra. F, a forca, furca. G, a trompa. H, a fachada do edificio com suas duas torres. I, a machina de guerra lançando o projectil, que é o ponto. J, a relha do arado e a cornucopia. K, o angulo de reflexão igual ao angulo de incidencia, uma das chaves da geometria. L, a perna e o pé. M, a montanha ou o campo, as tendas parallelas. N, a porta fechada com sua barra diagonal. O, o sol. P, o carregador com sua carga ás costas. Q, a garupa do animal com a cauda. R, o repouso, o carregador apoiado ao bastão. S, a serpente. T, o martello. U, a urna. V, o vaso (dahi a confusão de ambos). Y, a arvore, a encruzilhada, a cabeça do burro ou do boi, a taça, o lyrio, o supplicante erguendo os braços para o céo. X, duas espadas cruzadas, o combate, quem será o vencedor, ignora-se; por isso, os hermeticos tomaram-no como signo do destino e os algebristas como signal do ignoto. E Z, o raio, Deus (Zeus)...

E o grande escriptor accrescenta: "Assim, primeiro a casa do homem e sua architectura; depois, o corpo do homem, sua estructura e deformidade; depois, a justiça, a musica, a igreja, a guerra, a colheita, a geometria, a montanha, a vida nomade, a vida claustral, a astronomia, o trabalho, o repouso, o cavallo, a serpente, o martello, a urna que se volta para baixo e que se pinta, com que se [illegible] sino, as arvores, os rios, os caminhos, em fim o destino, Deus [illegible] o que contem o alphabeto."

Vejam só o que um poeta é capaz de encontrar no A B C.

O dr. Edson Junqueira Passos, joven e distincto engenheiro que exercia interinamente o cargo de sub-director da Directoria de Obras e Viação do Districto Federal e que foi pelo governo nomeado professor de construcção da Escola Nacional de Bellas Artes. O novo professor desse alto instituto de ensino tem occupado varios postos importantes e publicado diversos trabalhos de valor, na sua especialidade.

O campeonato de Foot-Ball

Também interessou, de alguma fórma, os circulos sportivos da cidade, o encontro entre os jogadores do America e do Bangú, ferido no campo da

rua Campos Salles, onde uma assistencia bem numerosa acompanhou o desenrolar do «match». Aqui estão algumas phases empolgantes desse jogo.

Alto - fallante

POETAS

Membro da Academia Alagoana de Letras e residente em Maceió, o poeta Tito de Barros publica o seu primeiro livro com um titulo despretencioso e simples como a sua arte: «Versos». Um pequeno volume de pouco mais de cem paginas, que acaba de apparecer, editado aqui no Rio, e que revela uma sensibilidade capaz de bellas victorias literarias. Porque Tito de Barros é um legitimo poeta. E, como bem accentúa Povina Cavalcanti, o illustre critico e ensaista que prefacia o livro, «poeta de verso medido, que é uma fórma de o ser duplamente: pelo dom e pela arte».

"A Fonte da Matta"

HERMES FONTES é um admiravel creador e semeador de belleza.

E, nas searas generosas, de fartas messes, doiradas de sol tropical, da poesia brasileira contemporanea, ninguem foi, ninguem tem sido, mais do que elle, munificente e prodigo.

Através do milagre transubstancial da alma do poeta com a vida, com a natureza, com as coisas, é que elle, transfigurado, vem, ha annos já, numa peregrinação de rara resplandecencia, offerecendo-nos, com uma munificencia régia e uma bondade apostolar, o vinho e o pão eucharisticos do seu espirito de eleição, palpite de rythmos mysteriosos e infinitos, porque a poesia, em si mesma, na sua verdadeira essencia, — é mysteriosa e infinita como uma vibração do divino na terra.

E Hermes é um dos maiores mestres da nossa poesia — colorida, forte, impressiva, cheia de exaltação emocional.

Desde os pincaros alcandorados da glorificação de "Apotheoses", venho acompanhando-o com a minha admiração espiritual. Depois, sempre grande e illuminado, elle — o rhapsodo magnifico, o magnifico estheta da sensibilidade e dos remigios altiloquos da emoção — desceu á planicie verde e quieta, quente de sol ou envolta em sombras crepusculares, para falar, mais de perto, aos corações commovidos que o ouviam.

E trouxe-nos A Lampada Velada, onde ardia e crepitava o fogo sagrado de sua alma de illuminado.

Um dia, porem, elle — o incansavel peregrino de seu "mundo interior", que estilava nos vasos mais profundos de seu coração a gotta d'agua fresca e crystalina da poesia — tambem sentiu sede, sede de uma gotta d'agua fresca e pura de fonte.

E, encontrando, mais uma vez, atravez da saudade e da infinita amargura das desillusões, seus olhos deslumbrados de creança, foi á A Fonte da Matta, num recanto tranquillo e pittoresco do seu Sergipe, a beber avidamente, na concha da mão, a agua lustral do manancial primitivo da sua infancia.

Depois de longa ausencia e penosa distancia,
vi a fonte da matta,
de cuja agua bebi, na minha infancia.

E que melancolia
nessa emoção tão grata!

Ver — constancia das coisas, na inconstancia...:
Ver que a Poesia é uma segunda infancia,
e que toda a poesia...
...vem da fonte da matta...

Esse lindo e, ás vezes, docemente amargo livro de Hermes Fontes, que acabo de ler com a alma tonta de emoção e de belleza, não sei porque me dá a impressão de ser, pela sua singeleza e sinceridade, o relicario do seu apostolado — o seu evangelho de saudade e de resignação.

Quem pediu toda a colheita,
nada tem, pois tudo quiz.
Felicidade perfeita
(Ai! da flor!) é a da raiz.

ELCIAS LOPES

O distincto poeta Ary Custodio de Mesquita Bastos, que acaba de dar á publicidade um bello livro de poesias originaes e traduzidas do inglez e do allemão, «Sensações», que tem alcançado exito invulgar em nossas rodas literarias.

Walter de Sequeira, nosso collaborador, é o joven romancista de "Nadir", livro que acaba de apparecer, e que assignala a estréa desse intelligente cultor das bellas-letras.

Canção do desalento

Lola Kneip

CERRO devagarinho as palpebras, para evocar melhor a sua imagem, que não me abandona... Vejo-o, tão cheio de fascínio, a me attrahir com esses seus grandes olhos de peccado... Você... Você, todo inteirinho, me apparece na recordação querida. Primeiro, é indeciso como uma sombra o contorno do seu corpo. Depois, lentamente, você se vae revelando e se aproximando... Chega perto, pertinho de mim. Toma-me as mãos... Fita-me, sorrindo, no fundo dos olhos lacrimosos... Diz-me palavras de amor, suaves mentiras que me tornam tão feliz! Jura-me que é meu, somente meu, e que eu sou a grande fascinação da sua vida... E eu me abandono nos seus braços, como uma criança grande cheia de ternura...

Meu principe! Meu amor! Quizera ter riquezas fabulosas, jóias caríssimas, areas e mais areas de oiro, para com isso tornar-me mais bella para você... Mas, perdôe-me, querido! Sei que só o seduzem as esmeraldas dos meus olhos e o humido rubi da minha bocca... Você já me disse, uma vez, que eu, pobre assim, tenho todas as riquezas com que conquistal-o... Como você é bom! Como é generoso, dando-me a illusão dessa felicidade com que eu, ingenuamente, sonhei, e que não existe neste mundo!...

Oh! Eu queria uma ventura tão perfeita, tão illuminada! Ignorados da multidão maldosa, espirito e matéria unidos, nós iriamos agazalhar a nossa ventura em qualquer humilde choupana abandonada á beira dos caminhos... Meus enfeites de vaidosa seriam flores, e você me alimentaria com um pedacinho de pão e muitos beijos de amor... Tão ingenua e tão humana a dita que eu sonhei!...

O mundo separou-nos, meu principe... Jogou-nos, como naufragos, para ilhas distantes... E esse grande mar, que é a vida, ameaça tragar-nos com as suas ondas bravias, si tentamos qualquer amoroso gesto de aproximação... Pobre de nós, pobre do nosso amor! Resta-nos o grande consolo de saber que nos queremos com violência, e que ninguem poderá arrancar-nos do coração esse affecto talhado para a immortalidade. Nós somos duas almas amorosas, que o destino separou. Para que nos quizessemos mais, com esse grande impossível entre nós...

Abro os olhos, desalentada. E, ante a realidade que me cerca, sinto vontade de chorar. Você está tão longe! Tão longe do meu beijo, da minha ternura, das minhas mãos, que queriam acaricial-o com afagos maternaes, fazendo-o esquecer as amarguras do seu destino... Si você soubesse que lindas e ignoradas caricias lhe reservam as minhas mãos! Como eu procuro requintes de doçura para embriagal-o e adormecel-o ao calor do meu regaço...

Meu principe... Meu doido amor!

QUANDO a linda menina atravessa a Avenida, entra numa casa de chá; quando faz o *footing* em Copacabana ou percorre os cinemas da móda, vestida com apuro, sorrindo como para parecer aos outros venturosa, todo o mundo tem o desejo de conhecer a intimidade da sua vida. Naturalmente, julgamol-a feliz, no recato do lar, cercada de todo o conforto material.

Entretanto, nem tudo que luz é ouro.

A casa onde a menina reside é modestissima, perdida num bairro pobre da cidade, e a sua familia tem habitos que attestam a apertura em que vive.

Tudo revela pobreza, apesar da menina gastar á vontade, exhibindo-se sempre de automovel, nos dias festivos, como o fez no dia das misses, quando tambem passeou a sua belleza pela cidade, vaidosa, despertando a curiosidade alheia, ferindo corações descuidados...

Quebra-se, porém, o mysterio, quando a gente sabe que a vida da menina é custeada pelo sympathico esculapio, que, manhosamente, com habilidade e geito, divide as horas do dia entre a clientela, a familia e a linda garota...

GRAÇA INFANTIL

Arides, primogenito do casal Aristides Visconti-Nininha Visconti.

FIGURAS DE THEATRO

Francis, o festejado bailarino portuguez, que ora se exhibe nesta capital, com grande successo. Esse artista tem a fascinante habilidade de transfigurar em rythmos todos os movimentos, e o seu estylo choreographico sobresae pela doçura das linhas de que é impregnado. Francis pertence á Companhia Hortense Luz, ora no theatro Republica, e ficará no Rio dois mezes, indo depois a S. Paulo.

QUANDO ella tarda, elle fica numa afflicção doida. Inspecciona o horizonte, levanta-se muitas vezes, passeia na areia, agitado, nervoso.

Quando ella chega em primeiro logar e elle não está, a linda creatura não se sente bem e, nervosa, procura-o, de um a outro lado.

Um martyrio, afinal, para ambos, e um espectaculo pungente, que podia ser evitado, para o socego dos banhistas de Copacabana que são feitos de carne e osso como toda a gente...

Ambos podiam combinar a hora da chegada á praia, e estava tudo acabado. Nem elle, nem ella ficariam soffrendo dos nervos. Nem os assistentes ficariam abalados deante da manifestação da troca de beijos ao ar livre...

Madame podia ageitar as cousas lá por casa, fazendo o marido sahir mais cedo e á hora certa para o trabalho, pois assim podia attender ao rapaz moreno, com mais pontualidade.

Pura questão de força de vontade...

SEGUIDAMENTE, pela manhã a dama elegante apparece nas immediações de certo restaurante de bairro chic, e alli espera, pacientemente, a chegada de determinado automovel.

Quando este apparece, salta de dentro do mesmo um senhor idoso, bem tratado, com ares de nababo, e os dois discutem.

Elle fala nervoso, gesticula, ameaça...

Ella, revelando admiravel calma, escuta, quasi não o contradiz, certamente porque sabe que o velho tem toda a razão, que está sendo lindamente tapeado.

Depois que discutem longamente, elle volta para o automovel e desapparece, rumo á cidade.

Ella, pacatamente, segue a pé até a esquina proxima, onde o rapaz a está esperando, curioso por saber si o velho ainda continúa firme no proposito de suspender a mesada...

Mas, tudo ha de acabar bem, como nos vaudevilles...

FIGURAS DE THEATRO

Uma das figuras mais interessantes da Companhia Hortense Luz é, sem duvida, a actriz Georgina Cordeiro, cujo successo, no palco do theatro da avenida Gomes Freire, tem sido, por isso mesmo, dos mais significativos. Georgina Cordeiro, que logo que aqui chegou, procedente de Lisboa, teve a amabilidade de visitar FON-FON, offerecendo-nos a sua ultima photographia.

ROSAS de VELLUDO

O que o destino não poude fazer...

CHOREI muito, hoje, relendo uma carta sua, em que você me fala, amargamente, do destino que nos separou quando sentíamos a mesma desillusão e tinhamos, corações unidos, o sabor do mesmo desalento humano e da mesma fatalidade sentimental. Chorei silenciosa e desoladamente na minha solidão. Pensando em você, mais uma vez. E soffrendo, mais uma vez, a angustia que acompanha todos os desencantos da minha vida.

Você ainda se lembra dessa carta, meu amôr? Cada palavra que nella você me diz é como uma gotta de consolo distillada sobre a minha pobre alma afflicta. Tudo tão cheio de ternura, tudo tão perfumado de esperança, que eu, relendo-lhe a confidencia epistolar, cheguei a esquecer a minha desventura e a pensar num milagre desse mesmo destino, que tem sido, em todas as horas de inquietação e ansiedade, o carrasco implacavel do nosso amor.

E eu chorei, hoje, na tarde que chorava, embebendo os olhos, de novo, na doçura envolvente daquillo que você escreveu para mim, faz poucos dias, numa tarde assim, lacrimosa e cinzenta como os nossos desejos insatisfeitos. Chorei, sim, minha esplendente amiga, minha fascinação inattingida. Chorei de alegria! Alegria de vel-a triste, mas saturada, luminosamente saturada de mim...

E não tenho mêdo de perdel-a. Não! Você está dentro do cárcere do meu coração, cujas portas só se abriram para recebel-a. Você está na minha sensibilidade, está na minha volúpia, está na minha tortura emocional. Não poderá, pois, fugir de mim. Seu espirito está commigo. E aquelle que, julgando possuil-a integralmente, tiver, apenas, o envólucro material dos seus encantos, será mais infeliz do que eu, porque viverá na illusão de uma felicidade profundamente triste: a felicidade dos illudidos. Você não gostará delle. Confesse-o ao dono do seu espirito. Confesse-o a mim, que sou o seu único e verdadeiro amor — o seu amor-sentimento, o seu amor-emoção, o seu amor espiritual.

Eu não devia estar assim tão resignado e tão quietamente romantico, sabendo que você vae para os braços de outro. Ah, mas é que eu sei, também, que seu pensamento ficará commigo, agitando o resto de esperança que o impossivel não extinguiu no meu desalento. E o outro terá o corpo da mulher, mas não terá o seu coração.

Quanto a mim, ó doce princeza de olhos verdes!, ninguém poderá impressionar. Ninguem! Nem Cleópatra rediviva. Nem mesmo aquella condessa de fulminante belleza e de intelligencia fidalga que illuminou a vida romantica do atormentado poeta que foi lord Byron.

Si eu não tenho mêdo de perdêl-a, você não deve, também, receiar que um grande amor venha substituir, no meu coração, o seu amor insubstituivel. Você ha de viver sempre no meu pensamento e na minha vida. Povoando os meus sonhos. Aquietando os meus anseios. Suavizando as minhas magoas. Perfumando as

(Conclue na pagina seguinte).

Mauro de Alencar

As alumnas do quarto anno da Escola Normal do Districto Federal, em companhia do dr. Athos Aramis de Mattos, cathedratico de hygiene daquelle estabelecimento, visitaram, segunda-feira, a Assistencia Dentaria Infantil Zeferino de Oliveira, onde foram recebidas pelo respectivo presidente, professor Frederico Eyer, que tambem apparece no grupo das jovens visitantes.

Rosas de Velludo

(Conclusão)

III

minhas horas dolorosas. Consolando-me. Fazendo-me feliz.

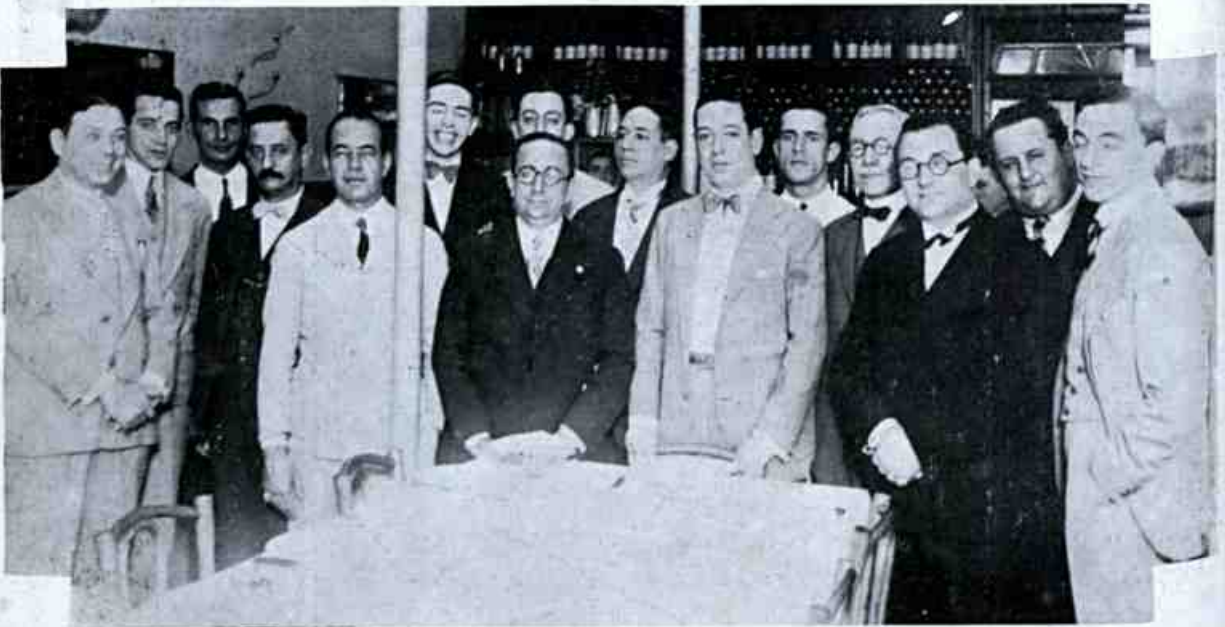
Meu amor, o destino separou-nos. Poz entre nós dois o fantasma do terror e o abysmo dos preconceitos. Mostrou-nos o caminho da desillusão. Tantalizou-nos com o espectaculo deslumbrante do nosso mutuo encantamento. Fez tudo para nos torturar. Mas não conseguiu matar em nossas almas esse conjuncto de affinidades que nos levam, gloriosamente, um para o outro, e que hão de, um dia, tornar voluptuosamente possivel a nossa felicidade impossivel...

PENSAMENTOS DE UM MAL CASADO

I

Um homem inclinado para pedir a mão de uma dama, assemelha-se, estranhamente, ao camello que se ajoelha para receber a carga.

II

Em alguns povos orientaes, os esposos não se vêem nunca antes do casamento, emquanto, entre nós, acabam, muitas vezes, por não se poder vêr depois...

Os chronistas sportivos da imprensa carioca offereceram, ha dias, ao jornalista argentino Miguel dos Reis, presidente da Associação de Chronistas Desportivos de Buenos Aires, e director, alli, da succursal da Agencia Americana, ora nesta capital, um almoço, que se realizou sob a presidencia do dr. Renato Pacheco.

REIS

10:000$000

Tomae uma assignatura annual, para 1931, de FON-FON ou SELECTA

PELA SEGUINTE RAZÃO:

A "Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A" premiará os seus innumeros assignantes, indistinctamente, com uma apolice no valor acima declarado, da Companhia de Seguros de Vida A EQUITATIVA, sem despesa, livre de exame medico, desde que o numero do talão de sua assignatura corresponda, integralmente, ao 1.º premio da 1.ª Loteria da Capital Federal, a extrahir-se em Março de 1931.

Preço das assignaturas por anno:

FON-FON..........48$000 SELECTA..........48$000

Pedi informações, hoje mesmo, á

Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A

RUA REPUBLICA DO PERÚ, n. 62

End. Tel. "FON-FON" Telephones 2 - 4136 e 2-0377

Rio de Janeiro

Balcão Florido

*M*INHA amiga distante — No momento em que lhe escrevo, para responder á sua ultima carta perfumada, um sol fulvo, festivo, derrama sobre o meu balcão o esplendor da sua caricia radiante.

E, em redor das flores que delle pendem, numa polychromia faustosa de petalas que recordam labios de mulheres, borboletas multicôres esvoaçam leves, vaporosas, como beijos coloridos a dançarem, no espaço, o bailado da volubilidade.

Fragrancias de balcão em flor, suavidade de petalas de rosas, borboletas polychromas tontas de sol, em voluteios que mais semelham meneios de corpos flexuosos de mulheres "maquillées"...

Veja só, minha amiga, quanta coisa a despertar, através o velario que envolve o meu instincto de homem, uma alma de mulher — uma alma volúvel e inconstante como as borboletas e camouflée como as rosas, que nos encantam com a sua belleza, entontecem com o seu olôr e... ferem com os seus espinhos...

De um modo geral, a alma de todas as mulheres é sempre assim. A alma e o coração.

Na ultima quinta-feira, 18 do corrente, a senhorita Maria Apparecida França realizou, com successo, o seu recital, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, onde concluiu, o anno passado, o seu curso de piano, obtendo o 1.º premio (medalha de ouro). Maria Apparecida é alumna do professor Custodio F. Góes.

Mas, ante o "arzinho" desconfiado que, adivinho — minha timida sensitiva — está a contrahir-lhe, agora, a flor das faces, ao ler este principio de carta, suspendo a penna um instante, para sorrir para você, e poder dizer-lhe, numa caricia em que ha doçuras de beijo, que sua alma não é bem como aquella alma de todas as mulheres.

Porque ha alguma coisa de pittorescamente selvagem na sua alma de "judiazinha" deslumbrada de céo, mas que tem medo do céo...

Le ciel c'est quand on aime...

— diz-me você, reproduzindo o éco do proprio anseio interior, que a traz, de vez em vez, com uma constancia arisca, medrosa, timida, para o volitante bailado das borboletas do meu balcão florido.

Le ciel c'est quand on aime...

E porque você, minha lucilante borboleta azul, que sabe, que sente que — *le ciel c'est quand on aime*, não pousa um pouco sobre as flores do meu balcão para que eu possa ter a impressão de que é sua alma de "judiazinha" descrente que pousa, confiante e tranquilla nos vasos mais puros do meu coração, rendida, emfim, inteiramente, ao evangelho do meu amor?

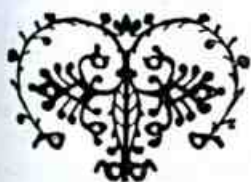
Emquanto, porém, você não vem, permitta, ao menos, que a borboleta doirada da minha fantasia pouse, um pouquinho, ao de leve mesmo, na flor de seus labios, que me sorriem, para, para...

Para que?

Le ciel c'est quand on aime...

N'est-ce pas?

HELIANTHO.

Sob a presidencia do sr. ministro da Justiça, realizou-se, no dia 10 do corrente, no grande salão de concertos do Instituto Nacional de Musica, uma sessão solenne, para a entrega de diplomas e premios aos alumnos laureados no anno escolar de 1929. A nossa pagina focaliza os aspectos mais expressivos da ceremonia, que teve um caracter bastante significativo. O sr. presidente da Republica fez-se representar.

Miss Parahyba — essa *pequenina* belleza *soffredora* — representa uma *gravura* symbolica.

Viveu longo tempo sob o dominio insidioso da dôr.

Poderiamos chamal-a — Miss-Melancolia.

Buscaram-n'a, um dia, ao seu rincão, para que ella concorresse a um premio de belleza. Mas o destino inelutavel fel-a ganhar um premio de soffrimento.

Ha mezes está insulada, a combater a morte.

Emquanto um turbilhão de festas envolvera as suas companheiras, tambem portadoras de sceptros de belleza, Miss-Melancolia *velava, martyrizada, para attingir ao unico certamen a que não poderia renunciar.*

Era o certamen da Vida, o premio de regressar á sua terra.

O destino tem uma logica de sandeu. Quasi sempre desacerta. Raramente determina a verdadeira razão das suas injustiças.

Essa pequenina belleza que representa uma gravura symbolica, tão dôce e tão modesta, era o reflexo da Parahyba, tão heroica e tão humilde, resistindo aos desvarios de odios sangrentos.

Um rythmo doloroso communicava a Miss-Melancolia *todos os lances dramaticos que faziam vibrar os nervos dos seus conterraneos.*

E ella, aqui, a pequenina belde dôr, estrangulando no peito leza, tambem era uma bobina a ansia incoercivel do seu desespero.

Toda a humana desventura assenta em vinganças da sorte.

E' uma fórma estranha da inveja solapando os mais bellos, os melhores, os mais felizes.

E, na tarefa destruidora das punições, vemos sempre desplantes e contrastes firmando sentenças iniquas.

As nossas velhas avós, de preconceitos frivolos, tinham razão no seu prognostico.

Deus te dê a sorte dos feios.

E os feios serão felizes?

Mas ninguem lamenta muito as desgraças dos feios.

O preconceito de belleza domina todos os espiritos.

Nunca houve uma creatura bella que deixasse de possuir grandes offertas.

E são sympathias irradiantes que as perseguem. Commentarios amaveis sobre a sua personalidade. Vibrações affectivas de todos os matizes.

Lembra-me o caso de uma creatura, formosa, cheia de intelligencia, de virtudes e bondades, que soffreu um forte revez em sua existencia.

Sobre todos os seus attributos a sua belleza physica se impuzéra triumphantemente.

E, sempre, em defesa da sua situação — perfeitamente defensavel sob todos os aspectos — surgia o commentario infallivel á sua formosura, realmente formosa e fascinadora.

A humanidade ama gloriosamente a belleza.

Em torno á seducção de belleza e de graça armam-se todos os conflictos e todos os prelios.

As mulheres — desgraçadas ou venturosas, jovens ou velhas, tristes ou alegres — todas vivem para a belleza todos os dias victoriosos da sua vida.

A luta porfiada para a escalada da gloria de ser bella consome toda a vida de uma mulher.

Uma trajectoria irresistivel a trajectoria da belleza...

Mais forte e ainda mais absorvente é a estrada sombria do soffrimento.

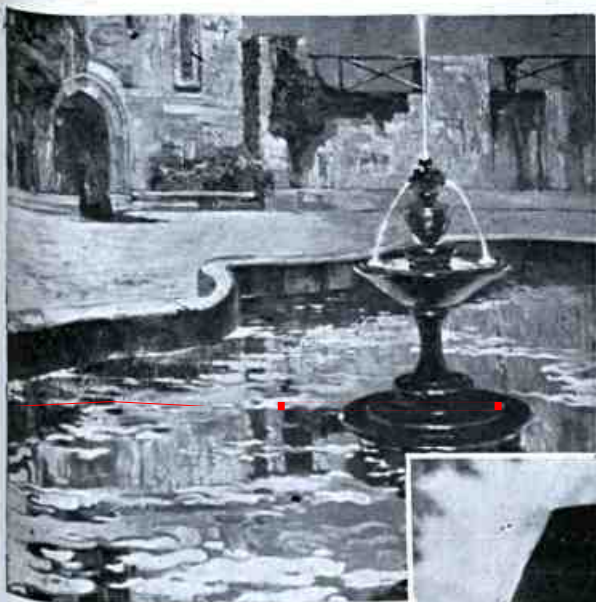
E foi sobre essas duas vias-sacras sublimes que Miss Melancolia, *encarnando a mesma desdita da sua Parahyba, chegou á redempção para uma gloria sem recompensa.*

Foi bella e victoriosa para ser destruida por uma rajada mesquinha.

Tambem a Parahyba teve um esplendor momentaneo para soffrer angustias inenarraveis.

Miss-Melancolia *vae regressar á sua gleba. Leva um coração maior, dilatado por martyrios e anseios. Leva a predestinação de realidades tristes, tambem.*

Mas a sua belleza ha de reflorir.

E, como as roseiras da sua terra, ha de reflorir o seu canteiro de illusões, verde, alegre, e, como a sua alma, pulchro e esplendente.

«Nocturno», quadro do pintor brasileiro Oswaldo Teixeira.

Outro quadro de Oswaldo Teixeira: «A mãe do aviador».

O pintor Oswaldo Teixeira.

. . .

Oswaldo Teixeira e as suas télas deste anno

OSWALDO TEIXEIRA é o sempre admiravel pintor, cuja assombrosa habilidade em artes-plasticas toda a imprensa do paiz e todos os criticos têm proclamado em altas vozes.

Oswaldo Teixeira, quando pinta, deslumbra: as côres da sua palheta guardam o mysterio da luz, e, por isso, as télas assignadas por elle são cheias de uma esthesia luminosa, alguma coisa que faz pensar no sol e nas estrellas.

Agora, por occasião do grande acontecimento artistico de bellas-artes, que é a Exposição do *Salon* deste anno, o fecundo e inexcedivel creador de "Venera bionda" expõe na Escola tres quadros magnificos: "Retrato da Sra. E. J.", "Retrato da Sta. Carla Eickhoff" e "Paisagem". Em todos esses trabalhos a óleo notam-se a mesma segurança e o mesmo vigor que caracterizam a technica de Oswaldo Teixeira.

Affirmamos que a apresentação desse artista no *Salon* foi deveras honrosa, pois as télas a que nos referimos nada ficam a dever ás outras de sua autoria, que em annos anteriores tanta curiosidade e enthusiasmo despertaram em nossos meios de arte.

Os retratos da Sra. E. J. e da Sta. Carla Eickhoff foram executados com um talento finissimo, uma alma *raffinée*, que contrastam com a maneira inexpressiva e realista de que se servem muitos pintores quando retratam as damas da nossa alta sociedade.

Oswaldo Teixeira pintou ali duas mulheres do seculo XX, mas a ambas deu um halo de romantismo que embébe de suavidade e distancia aquellas physionomias claras e aquelles vestidos hieráticos.

A "Paizagem" não fica atrás dessas duas télas. E' um flagrante de aldeia ao raiar da manhã, com sombras e nesgas de luz solar, e uma ponte antiga cercada de casarões tristes.

Como nos annos precedentes, Oswaldo Teixeira brilhou no *Salon* deste inverno, demonstrando as suas vigorosas qualidades de pintor completo, de desenhista e de imaginativo.

Nesta pagina, publicamos, em primeira mão, dous *clichés* reproduzindo as télas que Oswaldo Teixeira enviou ha pouco para a Exposição Internacional de Pintura, nos Estados Unidos: "Nocturno" e "A mãe do Aviador".

. . .

Henrique Salvio é um dos nossos pintores que se distinguem pela originalidade dos seus motivos e o que ha de bizarro na sua arte. Por isso mesmo, ha de interessar, vivamente, os nossos meios artisticos a sua proxima exposição de quadros, a ser inaugurada, depois de amanhã, 22 do corrente, ás 5 horas da tarde, no salão nobre do Palace Hotel.

(Photo De los Rios).

Baton & Rouge

A senhorita Celia Gelly e um sorriso que apenas começou...

Um sorriso pernambucano da senhorita Helenira Maia, residente em Recife, e sobrinha do illustre escriptor Mario Sette.

Figurinhas leves, vaporosas, surapintadas de rouge, passam, graciosas e colleantes, a exhibir o rythmo aggressivo, provocante das fórmas, em vestidos apertados e longos.

Ha espreguiçamentos de gatas, meneios de felinos, nos corpos flexuosos que enchem de carinho e de peccado os olhos do instincto do-as do altaneiro ponto "estra-gico" das ligas para a inexpressivo rez do chão dos tornozel-

Foi uma pena, isso...

A moda do seculo do arranha-céo e do avião, moda "synthetica" como a vida "synthetica" de hoje trouxe uma solução de continuidade ao espirito vertiginoso e genuinamente "simplificador" que domina os nossos dias.

Foi uma panne, uma derrapagem, que passará.

As saias — para regalo e delicia dos meus e dos olhos de toda a gente de boa vontade — hão de começar, novamente, mais dia, menos dias, sua gloriosa ascensão.

E o palco do "grand-guignol" da vida, será, então, bem mais suggestivo e cheio de encanto, porque mais de accordo com o "natural" de l'homme et de la femme"...

FRAGONARD

Marina, filhinha do Juiz dr. Mario Machado Monteiro, no dia de sua primeira communhão.

DENTRO DA TARDE AZUL

Que linda tarde, esta linda tarde azul, diaphana, vestida de céo e de sol, que desce sobre a Cidade com o donaire e a graça de uma mulher bonita, em... chemise.

Meus olhos passeiam, deslumbrados e vagabundos, de um lado para outro, sem saber, ao certo, onde demorar, quietamente, a caricia amorosa que os illumina.

que dormia dentro de mim, tonto de sol, amoroso como um fauno.

O coup d'oeil da tentação já não é, porém, feliz ou infelizmente, tão duramente posto á prova de... resistencia, depois que as mulheres resolveram descer as saias, puxan-

BONECA DE LENCI

Ser boneca, deve ser coisa tom enjoada.

A gente passaria o dia e a noite toda paramentada, de vestido e de chapéo, como si estivesse esperando alguém de cerimonia para nos levar á missa ou ao passeio. E quasi sempre a mesma roupa!

Ninguém mexe no corpo das bonecas.

Também ninguém ri do rosado vivo das suas faces. Somente nos seus cabellos alguém ventura tocar, ora para ageitar-lhe a pastinha, ora para tornear-lhe os cachos.

* * *

Você, com aquelle vestidinho branco, e chapéosinho de palha beige...

Você, com aquelles cabellos em desalinho, que sempre desejei concertar...

Você, constantemente ruborizada...

Você, que sempre estava promptinha para me ver passar...

Você... — você vae me responder uma coisa:

— Quem é a minha bonequinha de Lenci?

Braz Glérte

A senhorita Fernanda Gonçalves («Miss Portugal») foi, sabbado ultimo, homenageada pela Liga Monarchica D. Manoel II, com um animado baile, no qual tomaram parte os mais proeminentes representantes da colonia portugueza e da sociedade carioca. Na séde do Gabinete Portuguez de Leitura, «Miss Portugal» foi, segunda-feira, igualmente homenageada pela Beneficencia Portugueza, e pelos seus compatriotas aqui residentes, os quaes lhe offereceram um album com o historico dessa distincta sociedade e outras lembranças da sua estadia nesta capital. As nossas gravuras reproduzem os mais expressivos flagrantes das duas festas encantadoras.

A illustre poetisa e escriptora Maria Amélia Teixeira, autora dos livros «Despertando...» e «Os meus sonetos» e directora da revista «Portugal Feminino», de Lisboa, que se acha a passeio nesta capital, onde tem recebido as mais expressivas homenagens da nossa intellectualidade, promoveu, quinta-feira penultima, no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, uma festa de cordialidade feminina luso-brasileira, na qual tomaram parte os nomes mais em evidencia nas letras e nas artes femininas do nosso paiz.

O 62.º anniversario do Lyceu Literario Portuguez foi brilhantemente festejado por aquelle instituto de ensino, que realizou, no Gabinete Portuguez de Leitura, uma sessão magna commemorativa, na qual se procedeu á distribuição dos diplomas honorificos e dos premios aos alumnos que mais se distinguiram no passado anno lectivo.

— Jandyra!

E a voz se contorcia na doçura immensa daquelle encontro imprevisto. E os olhos, profundos e pardos, despiam o corpo de mulher formosa que lhe estendia a mão branca de setim.

— Carlos, como tens passado?

A mesma voz dominadora. A mesma impassibilidade do dia do rompimento...

— Pretendes estacionar entre este borborinho durante muito tempo?

De facto, elle parára a contemplal-a, linda como uma Diana altiva, sob a tarde malva.

E perguntou a esmo, tão confuso e maravilhado estava:

— Qual é o teu destino?

— Nenhum... Vamos andando.

A prosaica Avenida, exposição de galantes manequins, estava em festa.

— Jandyra... juras que me dirás uma verdade?

— Juro.

A voz era firme. Incisiva.

Antigamente, era meiga, envolvente...

— Ainda me amas?

Jandyra riu.

— Quanta ingenuidade!...

E, de novo, os olhos delle, profundos e pardos, despiram o corpo gentil envolto em sedas...

E teve a impressão de que sua ex-noiva morrera no seu ultimo beijo...

No seu ultimo beijo frio e nevoento como a noite chuvosa...

Os lábios quentes de Jandyra procuravam os seus.

Elle os repellira com aquelle beijo morto, que lhe surgia agora como um fantasma monstruoso, como um insulto á bella mulher que lhe sorria.

Sim, elle matára, na noite chuvosa, o amor de Jandyra...

— Depois do nosso rompimento...

— Seguiram-se muitos outros, não?

— Não... Tive vontade de te pedir perdão...

— Carlos, não sejas criança. Foi melhor assim. Eu não nasci para me casar burguezmente, comprehendes?

— Mas foste minha noiva...

— Nesse tempo, eu estava indecisa sobre as minhas ambições. Tu me soubeste embalar num sonho casto. Num sonho bom, que eu recordo com saudade. Mas me fazias sentir tambem o peso do teu dominio... E foi quando eu me senti liberta, o coração em pranto, que me atirei, louca, aos salões faiscantes, aos «cabarets», aos theatros, ás artes, á literatura. E conheci homens e artistas. Mulheres celebres. Conheci tudo, comprehendes? E, no meio da orgia louca da vida, eu quiz ser rainha. Quiz dominar multidões. Porque o meu logar não está na cozinha cheia de conforto. O meu logar está marcado á frente dos homens. Quero fascinal-os. Nasci da familia vandalica dos dominadores. O meu caminho era pelas altas montanhas como aguia esbelta, e eu não me posso elevar da poeira das ruas... Quero ser livre. Quero ser obedecida. Quero ser divinizada.

— Queres o impossivel...

— Sim, quero vencer, transpôr esse «impossivel» dos fracos, limitar o infinito...

— De modo que, a idéa fixa de vencer te abstrae de todo o sentimentalismo?

— Não. Porque eu vibro quando o olhar ousado dos homens percorre a perfeição do meu corpo... Porque eu amo o amor como deve ser amado.

— Como?

— Muito facilmente. Amo o amor do momento.

— E depois...

— Esqueço e amo de novo outro amor...

— Então vem commigo. Serei o teu amor deste instante.

Jandyra recuou, assombrada.

— Não!

— Não? Por que? Não te dás aos outros?

O crepusculo descia, tremulo, quasi humilde, sobre a cidade vaidosa.

— Vem commigo.

O desejo bailava nos olhos pardos de Carlos. Já não via a noiva.

Alli estava a mulher carne, a mulher que o dominava todo...

Ella teve um recúo instinctivo.

— Nunca, ouviste? Nunca!

E aquelle corpo perfeito, esguio, ondulado, que passara por tantas mãos masculinas, se recusava ás mãos que, mais uma vez, quando pura, beijara com carinho...

Não o queria a elle, que fôra o seu grande amor...

Não o queria a elle, que sabia discreto e generoso...

Aquellas mãos grandes e morenas que, perfidas, lhe tentavam acariciar o braço eburneo...

Sonhára com ellas, um sonho calmo de burguezinha: uma grinalda e um véo longo, branco de neve...

Mas a garota moderna gritou á sonhadora:

— Tola! O amor casto é um paradoxo! Ama — serás escrava. Deixa-te amar — serás rainha.

E sob o crepusculo, que banhava, suave e quasi humilde, a cidade vaidosa, Jandyra recordava, olhos fitos nas mãos grandes e morenas que, pérfidas, tentavam acariciar o seu braço eburneo...

E murmurou, como si terminasse uma canção bonita:

— Eu quero ser rainha...

Depois, enraivecida, colérica, segurando com força os punhos fortes de Carlos, soluçou:

— Não te devias ter outorgado o direito do desencanto... Eu ainda não tinha provado desse fruto... E' amargo, sabes? Terrivelmente amargo. Mas... não importa. Vae. Não te quero.

E terminou num sorriso que era um peccado:

— Eu quero ser rainha... Quero dominar multidões...

O crepusculo cahira de todo, suave e quasi humilde, sobre a cidade vaidosa, como o ultimo crepe sobre a ultima illusão...

Nenia domingueira

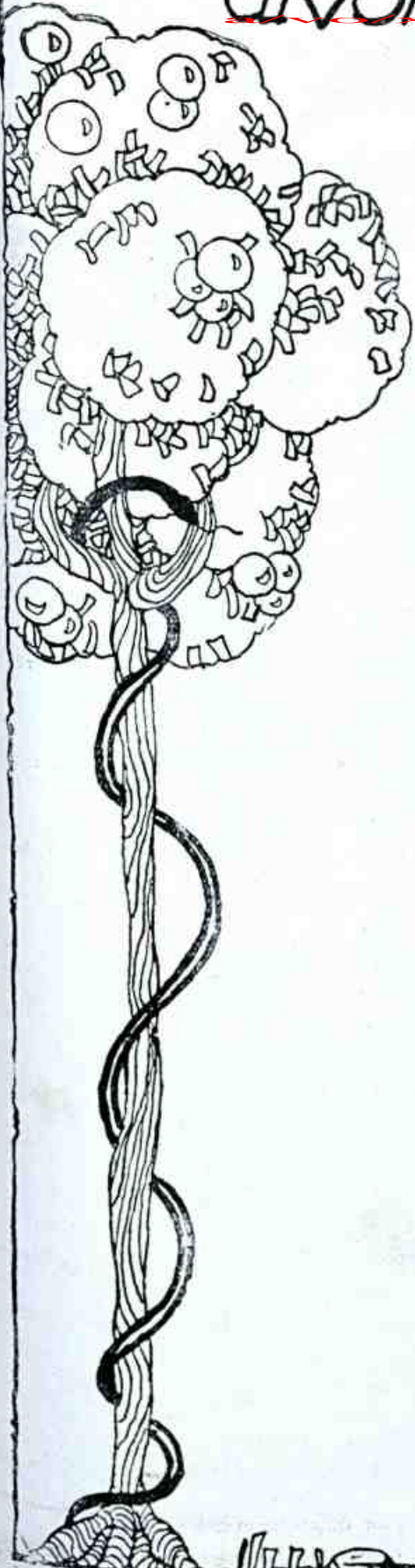
Domingo é o dia em que
devêra eu mais pensar em alguem... em você...
Porque todo homem, pobre ou rico,
antes do futeból, matinée de cinema,
ou qualquer diversão dominical,
dá seu telephonema,
ou faz seu mexerico,
combina com alguem, ou sáe com um casal.
Só eu, portanto, é que me fico
em casa, só, pensando... em que?...
quem sabe si em você?

Passa por minha rua,
que diariamente tumultúa,
um tumulto maior... Gente que sáe,
que faz esforço
para chegar a tempo á sessão combinada
com a namorada,
para torcer no prado, ou fazer o seu côrso,
com a filharada,
ao lado da mulher,
gente que faz o seu domingo á fôrra
e chega á casa com a cabeça zôrra
por isso ou por aquillo, uma razão qualquer.

Como é triste estar só! Não ter ninguem
que marque o encontro e nos espere
para subir ao Alto da Bôa-Vista,
ás Paineiras, ao Joá,
a qualquer desses mil refúgios que ha,
com ou sem belvedére,
qualquer scenario bom para a entrevista
domingueira de amor... Dórrémifá...

Sim... Dórrémifássól... Porque, quem canta
seu mal espanta...
Pois eu, nesse domingo familiar,
não tenho mal nenhum para espantar.
Não é do mal a culpa, a culpa é minha.
Quem nasceu espinheiro
ou arvore maninha,
vê florir ao seu lado o jasmineiro
e começa a culpar o mundo inteiro,
por não florir tambem...

Como é triste estar só! Não ter ninguem!
Ver, num domingo assim, de um sol que abrasa
e viração que amaina e pacifica,
toda a gente passar, ou pobre ou rica,
ver, e ficar em casa,
sem saber porque fica...

Mas, eu bem sei porque...
Fico para pensar em alguem... em você.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Santa Russia

A Russia foi a grand victima da conflagração que abalou o mundo de 1914 a 1918. Sacrificou-se para salvar os alliados, atirando sobre a Prussia Oriental as suas tropas veteranas e det rminando a retirada de reforços allemães da frente franceza, o que permittiu a victoria do Marne. Forçou o inimigo commum a voltar-se contra ella — como disse textualmente o marechal Joffre, e isso custou-lhe a vida. Batida nos lagos Masurianos, repellida dos Carpathos, tendo perdido o seu exercito permanent , não teve mais quadros de escol para nelles metter os seus recrutas e, quando a agitação revolucionaria a empolgou, não existia mais um poder militar efficiente que se lhe contrapuzesse. E foi o descalabro: os dias tumultuarios de Kerenski, a victoria definitiva da sombria aventura bolschevista e o naufragio da Santa Russia, alevantada á fac dos tartaros, nos confins gelados da Europa, pelo genio de Santo Alexandre Nevski, de Dimitri Douskoi, de Ivan o Terrivel e de Pedro o Grand .

Hoje é como uma simples visão do passado, a esmaec r na saudade das coisas idas e distantes, aquella terra de mysterios e opulencias, de fanatismos de sumptuosidades, de musicas dolentes e de lendas sinistras, de roupas magnificas e de cidades sagradas, hieratica, byzantina, estranha e bella. Terra tão diversa das outras na lingua sonora e nos costumes quasi orientaes, nas architecturas e nas carruagens, nas armas e na indumentaria, cujas caracteristicas feriram sempre profundamente a imaginação. Terra de balaleikas e de dijigtovkas, de troikas e de rospuskis, de vodka e de caviar, de mujiks e de isvoschtchiks, de tulupes e de talpaks, onde, como na Byzancio antiga, a Asia se misturava á Europa nos homens e nos animaes, nas plantas e nos climas, na religião e nas origens.

M. R.

O juiz. — A senhora é casada?...
A testemunha. — Sim, senhor juiz. Duas vezes...
O juiz. — E que idade tem?
A testemunha. — Vinte e cinco annos.
O juiz. — Tambem duas vezes?

*

— Este gato custou-me trezentos mil réis.
— Como é que o outro dia tu me disseste que te havia custado cem?
— Sim. Mas é que elle já me comeu dois canarios...

*

Quando o feminismo triumphar.
Primeira votante. — Como pensas votar amanhã, Laura?
Segunda votante. — Com blusa georgette e vestido "crêpe de Chine" com adornos de pelle...

*

A velha caritativa aproxima-se de um grupo de crianças onde uma dellas chora desesperadamente. Aproxima-se, e diz:
— Coitadinho!... Por que não procuram consolál-o?...
Ao que responde a irmãzinha mais velha do chorão:
— Diga-me uma coisa, minha senhora: já procurou consolar, alguma vez, uma pessôa que houvesse comido cinco bananas e treá pães?...

*

Acção de divorcio.
O advogado da esposa. — O marido da minha constituinte é um homem brutal, violento, colérico...
O advogado do esposo. — esãa senhora é uma mulher perversa, arrebatada, insupportavel...
O juiz. — Desculpem os senhores: mas onde descobriram que ha incompatibilidade de gênios nesse casal?...

*

— Afinal, elle morreu sem que soubessemos o mal que o victimou.
— Então não chamaram o medico?
— Não, meu caro. Aqui na nossa aldeia nós não precisamos de medico para morrer...

— Papae, que significa caso de força?
— Pergunta a tua mãe...

*

— De maneira que o senhor quer ser jornalista?
— Sim, senhor director.
— Perfeitamente. E já conhece bem o officio?
— Muito bem, senhor director. Já trago aqui, prompto, um vale de cincoenta mil réis para apresentar ao gerente...

*

Glaudius, que conta sete annos, está deante da gaiola em que se acha o papagaio comprado na feira livre por seu pae. A mãe do pequeno, vendo-o ali, exclama:
— Creio que não estarás ensinando palavras feias ao louro, meu filho.
— Não, mamãe — repondeu Glaudius. — Estou ensinando-lhe exactamente as palavras que elle não deve dizer...

*

Um *chauffeur*, que mata, com o seu carro, uma gallinha que atravessava certo trecho da estrada Rio-Petropolis, se aproxima do dono da ave e lhe diz:
— Tome cinco mil réis pela gallinha que lhe matei sem querer.
— Neste caso, me dê dez mil réis, porque o gallo estava apaixonado pela gallinha e é capaz de morrer tambem soffrendo tão rude golpe...

*

Na mesa do jantar.
— Deste bem a lição hoje, Pedrinho?
— Perdão, papae, mas não te posso responder.
— Por que?
— Porque meu livro de hygiene recommenda que á hora de comer só se deve falar em coisas agradaveis...

Prodigio

— *Que edade tem D. Elvira?*
Parece em pleno arrebol...
— *Já fez sessenta...* — *Mentira!*
São milagres do Eucalol!...

O dono da casa (falando á cozinheira). — Minha sogra chega amanhã, e vem passar alguns dias aqui em casa. Trago-lhe uma lista dos seus pratos predilectos.
A cozinheira. — Muito bem, patrão.
O dono da casa. — Si você chegar a preparar qualquer um desses pratos, será immediatamente despedida.

*

Flavio é um menino terrivel. A mãe surprehendeu-o passando a escova de roupa pelo rosto de seu irmãozinho de dois annos.
— Mas, que estás fazendo, Flavio?!... — exclama.
— Estou preparando-o para beijar o vovô, quando elle chegar... — responde o terrivel garoto.

*

— Si o senhor quizer salvar sua vida, terá que tomar doze banhos...
— Mas, doutor, o senhor me garante que vou ainda viver doze annos?...

*

O abbade Morellet estava na França encarregado de organizar um Diccionario do Commercio, do qual, em trinta annos, só publicára o prospecto.
— Elle não faz o Diccionario do Commercio — diziam as más linguas de Paris, — e sim o commercio do Diccionario...

*

A senhora (afflicta). — Armando! Armando! Acabas de atropelar um homem!...
O filho. — Mas, mamãe, tranquillize-se... Bem se vê que a senhora não está acostomada a andar de automovel!...

*

— Ella me olhava com tal insistencia, que me aproximei para lhe perguntar: "Senhorita, terei tido a sorte de interessál-a?..." E ella respondeu-me simplesmente: "Não, cavalheiro. E' que sou estudante de medicina e agora estou estudando os phenomenos da geração alcoolica nos orangotangos..."

Notas de Arte

Oscar D'Alva

Vera Jenacopulos e Claudio Arrau, duas notabilidades da arte musical de hoje. A grande cantora brasileira e o festejado pianista chileno (1.º premio no celebre concurso de Genova, em 1927), vão apparecer, brevemente, nos concertos do theatro Lyrico.

QUARTETTO DE LONDRES — Selectos e relativamente numerosos auditorios applaudiram, sem reservas, os tres ultimos concertos do famoso Quartetto de Londres, realizados no Theatro Lyrico em 9, 11 e 13 de Setembro. Fizeram-se ouvir os 4 artistas inglezes nos seguintes numeros: I) *Quartetto em ré menor*, de Mozart; *Lamenti* de Mac Ewen; *Molly on the shore*, de Percy Grainger; *Quartetto em sol menor*, de Debussy; II) *Quartetto em ré menor*, de Schubert; *Minuetto* de Scontrino; *O moinho*, de Raff; *Quartetto n. 2 em ré maior*, de Boro-

(*Conclue na pagina seguinte*).

Os «Tres Arconas» são artistas da grande Companhia de Attracções Mundiaes que occupa o theatro Lyrico, onde têm feito notavel successo com as suas audaciosas provas de malabarismo e equilibrismo.

Notas de Arte

* * *

dine; III) *Quartetto em sol maior*, op. 18, n. 2 de Beethoven; *Variações do quartetto imperial*, de Haydn; *O coração feliz* da Suite "Peter Pan", de Davies; *Quartetto em fá maior*, op. 96, de Dvorak.

Para dar a impressão do que foram essas audições, é preciso crear uma palavra nova, é preciso dizer que ouvimos não dous violinos, uma viola e um violoncello, mas um instrumento novo, synthese de todos esses: o *violinola-cello*. Por mais feio que nos pareça o neologismo, só esse termo ou outro que o equivalha pode exprimir a unidade integral dos quatro instrumentos. Assim dizendo, não se trata de um lugar commum com que se galanteiam executantes de conjunctos instrumentaes quando se lhe diz que seus instrumentos formam um só; mas de uma impressão absolutamente real. Fechando os olhos para ouvir o quartetto, tem-se a illusão completa de um solo.

A essa rara e incomparavel perfeição, juntam-se as qualidades especiaes de expressão e de technica, com que arrebatam os ouvintes, fazendo-lhes sentir todas as bellezas e difficuldades das peças, e accentuando o caracter, o estylo de cada autor e cada composição.

Entre tantos primores de interpretação, não se pode citar nenhum como o melhor. Mas pela magia da creação, pela sublimidade do poema sonoro em si, um dos mais emotivos que conhecemos, é de assignalar-se o *Nocturno* de Borodine, que, como *extra*, ou como numero de programma, figurou em quase todos os concertos.

* * *

[illegible]

Os jornaes noticiam que o governo dos sovets está preparando uma geração sem Deus. As crianças dos dois sexos que frequentam as escolas russas não se faiu em religião. Ellas terão educadas sem pensar em semelhante cousa. E' a cultura, para o futuro, racional e systematica do atheismo. E, deante disso, a gente deve repetir as palavras do poeta: "Je me suis senti dans l'ame une pitié infinie pour ces pauvres enfants á qui la religion va manquer avant qu'on leur ait donné la civilisation."

SONHO DESFEITO

Eu tinha um quarto enfestonado,
por uma linda roseira em flor.
Aves cantavam pelo telhado
esse poemeto do meu noivado,
o doce encanto do meu amor.

De manhã cedo me debruçava
sobre a janella dessa illusão.
Fazia versos e decantava
madrigalmente tudo o que amava,
os sonhos ledos do coração.

Minha ventura em tudo eu lia:
na luz dos astros, na terna flor...
Era tão santa minha alegria...
a felicidade que eu presentia...
o doce encanto do meu amor!

Eu não pensava que agros espinhos
ferir viessem minha affeição!...
Que houvesse lobos pelos caminhos
que devorassem risos, carinhos,
toda essa vida do coração.

E' doloroso cahir a gente
do alto da torre d'uma ventura.
O sino d'alma dobra dolente
dentro do peito do descontente
que se amortalha numa tortura.

Fechou-se o quarto enfestonado
por essa linda roseira em flor.
Aves não cantam mais no telhado...
Findou-se o poema do meu noivado!
E' morto o encanto do meu amor.

ROSALIA SANDOVAL

GARÔA.

EM BERLIM

AUTOMOVEIS. Muitos automoveis. Um diluvio de automoveis (como diria o nosso Jéca). E omnibus, e bondes com varios retoques e todos repletos a qualquer hora do dia ou da noite...

E' Berlim.

Um movimento colossal e uma ordem em relação ao movimento.

Garcia Redondo, num dos seus livros, chama Berlim a sala de visitas da Europa. Quanta razão tinha o meu grande patricio!

Em Berlim, parece que tudo brilha de asseio; desde a vidraça de um arranha-céo, até os botões dourados do mais simples porteiro de hotel.

Em nenhuma parte do mundo a palavra conforto encontra um exemplo tão frisante como na linda capital da Allemanha.

A vida, aqui, não é das mais baratas; pelo contrario. Mas o que se vê, o que se ouve, (para falar dos prazeres espirituaes) compensa bem os gastos feitos. Cafés com optimas orchestras, artistas de primeira nos theatros; "cabarets" elegantissimos; e mesmo a vida nas ruas tem uma nota de elegancia e distincção.

Mas, a meu ver, a maior cidade da Allemanha perdeu um dos seus grandes prestigios. Não se vêem mais soldados.

O garbo inconfundivel do militar tedesco já não põe em desasocego os corações das meninas de hoje. Em vez de sustentar aquella rapaziada luzidia, que dava ao paiz uma *allure* de civismo e de elegancia, a Republica Allemã sustenta 2 ½ milhões de sem trabalho, que talvez vão beber nas tavernas o pão de seus filhos...

Falou-se tanto no militarismo allemão, ridicularizou-se tanto a sua exaggerada disciplina, mas é certo que o desapparecimento do exercito levou da patria de Goethe um dos seus mais fortes cabedaes de valor e de grandeza.

Em Berlim não se vêem mais soldados.

E' uma pena!

Mesmo assim, essa linda metropole merece a visita de quem atravessa o oceano. Merece-a muito mais que Paris, e eu lamento que os nossos patricios que viajam não diminuam, ás vezes, a sua estadia na capital franceza, para dar um giro até Berlim.

Nem que fosse sómente para fazer um confronto. Nem que fosse para conhecer o que é progresso e o que é conforto.

.. ..

Berlim, á noite, é uma *féerie* de luzes, é um encantamento.

Da janella do meu quarto de hotel na *Kurfurstendamm* (uma das arterias mais elegantes de Berlim), uma noite em que me perseguia uma insomnia terrivel, fiquei até o amanhecer observando o movimento que ia lá em baixo...

Um constante vae-vem de transeuntes e automoveis, e de longe vinham os sons melodiosos da orchestra tzigana do Café de Vienna.

E dizer que muitas dessas creaturas que passeiam até alta madrugada, no dia seguinte, ás 8 horas, estão no seu posto, nos grandes escriptorios e lojas para ganhar o seu pão de cada dia.

Em Berlim, dorme-se pouco e eu penso si não virá dahi a grande superioridade intellectual do povo allemão, que cada dia faz novas experiencias e volta e meia ap parece com uma invenção espantosa como essa de tirar salitre do ar...

Quando passei por aqui, em busca de Paris, não quiz contar as minhas impressões sem ter visto essa *charmeuse* que é para todos nós a capital da França.

Mas, por mais alto que quizessem falar em mim essas gottas de sangue gaulez que ha em minhas veias, Paris me desencantou.

E voltei a Berlim mais orgulhosa da minha origem germanica e ainda quero contar a você, mi-

(*Conclue na pag. seguinte*).

GAROA

(conclusão)

O sr. Oscar Maia, de Recife, e seu netinho Romulo, que é um pernambucano de verdade.

ilha grande amiga, o que é a *Haus Vaterland* (Casa da Patria), o pouco que é possivel descrevêl-a, porque é um estabelecimento como não ha outro no mundo.

Até os norte-americanos, que nada admiram, ficam ali admirados. Imagine você um restaurante colossal, onde cada salão representa um ambiente diverso. O salão turco, onde é servido café e sorvetes, é todo em estylo mourisco, desde o marmore do chão até o tecto, moveis, etc. O serviço é feito por mulatas em traje turco e, ao fundo, como uma fantasmagoria, se vê a bahia de Constantinopla com os seus minaretes e

Enlace da senhorita Primavéra Herrera Guerreiro com o sr. Edmundo Berthoux, realizado nesta capital.

as suas moradias cercadas de mirantes e cheias de tapeçarias...

No salão Vienna, uma orchestra viennense executa as valsas de Strauss e todo o arranjo é de feitio austriaco.

No andar superior está a *Osteria*. Lindo recanto italiano onde um tenor lyrico nos encanta com as suas canções napolitanas, e onde é servido um *chianti* de pôr todo um Vesuvio nas veias...

Ha, tambem, a *Bodega* hespanhola, onde os tangos emprestam á originalidade do ambiente a vaga melancolia da sua cadencia dolente...

Segue-se o salão do Rheno, ornamentado de vinhas, e a sua paizagem romantica, onde ás 10 horas e á meia-noite ha uma scena de tempestade muito bizarra e interessante.

Ha ainda a taverna do *Wild-West* norte-americano, com sua orchestra de negros, e ainda em outro andar o salão dos Alpes e a sala das palmeiras, onde ha representações de artistas e danças exoticas...

Esse estabelecimento é visitado diariamente, por milhares de forasteiros e dá á linda capital da Allemanha uma nota impressionante do seu progresso e da sua actividade.

Quando você vier á Europa, minha amiga, não deixe de vir ver a cidade mais limpa de toda a Europa. Não deixe de vir vêr Berlim.

COLOMBINA.

A dona de casa . . .

necessita MODESS

O *que ha de mais a moderno e melhor em toalhas sanitarias.*

Com Modess passam desapercebidos os dias de indisposição, porque Modess é a toalha sanitaria moderna. Fresca, leve, desodorizante, commoda. Ajusta-se ao corpo sem irritar e sem fazer vulto. Dissolve-se totalmente na agua corrente.

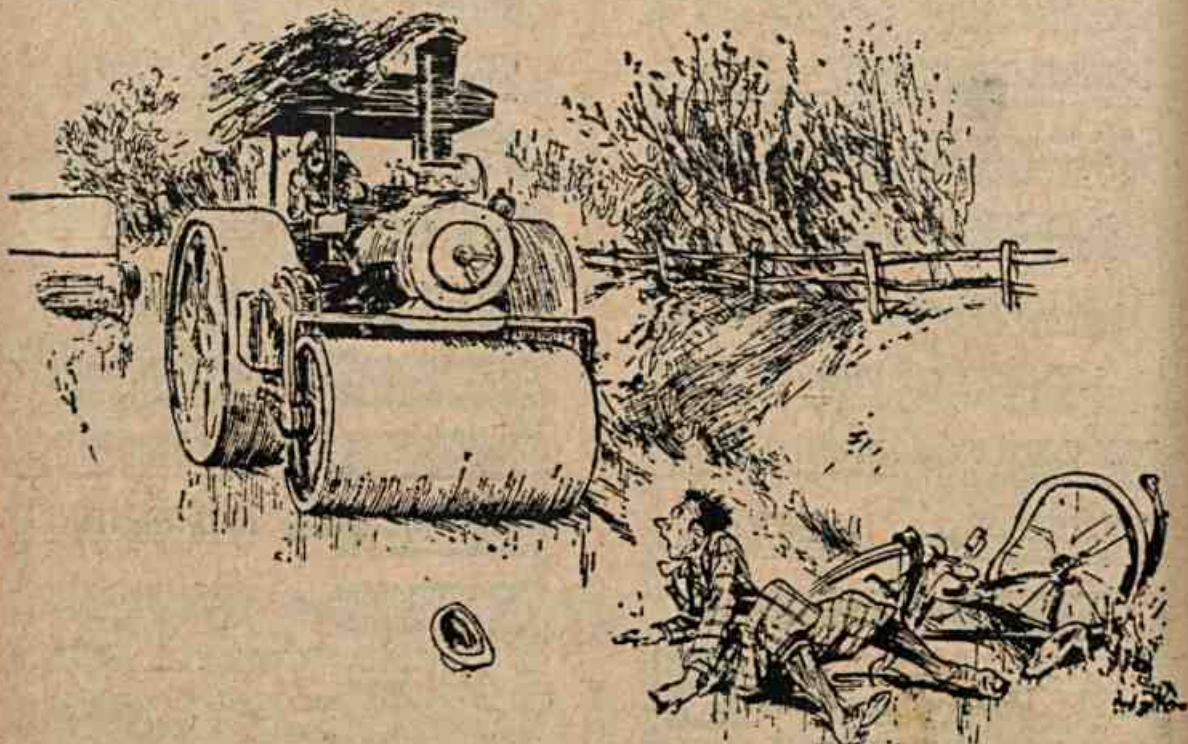
Nenhuma outra é tão absorvente como a Modess. Nenhuma tem o chumaço formado por flocos suaves e leves. Sómente a Modess! Nenhuma tem a gaza acolchoada que a suaviza. Sómente a Modess! Nenhuma tem um lado impermeavel para maior protecção. Sómente a Modess! E sómente a Modess leva o nome de Johnson & Johnson tão conhecido como fabricante de artigos sanitarios e hygienicos.

Modess—um nome facil de lembrar e de pedir na sua pharmacia ou loja predilecta. O seu preço é muito modico em vista da commodidade e segurança que o seu uso significa.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA

E um producto de Johnson & Johnson, a firma de confiança.

ESPIRITO ALHEIO

O cyclista (que cahiu deante da aplainadora). Que bom! Isto me faz lembrar que tenho que comprar farinha para a massa das tortas...

METAMORPHOSE

O veranista em traje de "sport", e...

em traje de banho...

A senhora. — Faça-me o favor de dar-me uma campainha de alarme contra ladrões.
O empregado. — Si não me engano, minha senhora, já lhe vendi uma, hontem...
— Sim; mas os ladrões ma roubaram.

UM ESPECIALISTA EM SYPHILIS!

O abaixo assignado, Dr. em Medicina e Prof. de Hygiene, director do "Hospital Maternidade", desta cidade, especialista em syphilis, attesta que tem empregado em sua clinica, tanto hospitalar como externa, colhendo os mais surprehendentes resultados, nos casos de syphilis constitucional, o depurativo

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, e preparado pela firma Viuva Silveira & Filho.

Cidade do Rio Grande, 5 de Julho de 1923.

Prof. Dr. O. Wanzeller.
(Firma reconhecida).

Os soberanos do lar

Que alegria vel-os sempre risonhos e sadios! O mais importante é que se evitem as irritações da pelle. Como? Polvilhando o tenro corpo do bebé depois de banhal-o ou ao se mudarem as fraldas. A Maizena Duryea absorve a humidade e deixa a pelle rosada, macia e fresca, evitando assim toda e qualquer irritação.

M. Barbosa Netto & Cia
C. Postal 2938 — Rio de Janeiro

O MÔLHO
PREFERIDO
DO CHEF
PARA USO

INVESTIGAÇÕES

Conto de Courtenay Poelock

(Continuação)

— Pode-se estar certo de que sejam mesmo os planos?

— Não resta a menor duvida.

— Onde estão agora?

— Franz vae envial-os... dentro de duas horas.

Lashings não ouviu a pergunta seguinte do homem de meia idade, mas apenas a resposta do outro:

— Não, foi fácil... atacado perto... Francez...

— ... machucado?

— Diabo é um pedaço...

Não conseguiu ouvir o resto, porque os homens sahiram em direcção á rua. Lashings, depois de meditar um pouco, seguiu-os. Após percorrerem *Parliament Street* e *Victoria Street*, entraram na *Palace Street*, e ahi separaram-se, seguindo o mais velho pela estreita rua transversal. Parou, então, deante de uma das pequenas e antigas casas que emprestam um velho aspecto a esse calmo escoadouro de ruas movimentadas. Lashings, ao passar, lançou um olhar á porta, e leu: 54. Voltando para os seus aposentos, fez *lunch*, e, em seguida, tomou o cachimbo, apanhou o ultimo *Witaker* e estendeu-se ao comprido no canapé.

"Waltham, Wandsworth, War, War Office."

"Ah!" Elle voltou a pagina e poz-se a procurar. Percorreu com os olhos cuidadosamente duas paginas de letras miúdas, encontrando, afinal:

— *A. K. Lushing — Segundo official de gabinete do Director do Armamento.*

— Bem!

Dirigiu-se ao telephone e pediu um numero. E, em seguida: "Ligue-me para Mr. Musgley". E esperou.

— E' Mr. Mugsley? Onde esteve depois do occorrido na rua Gluck? Não foi na rua Gluck a aggressão?

— Sim. Fui á Prefeitura da Policia

— A pé?

— Sim.

— De facto? Toda a rua? E' justamente o que eu estou a pensar.

— Desci a pé desde a Avenida da Opera até á Praça do Theatro Francez. Tomei ahi um taxi.

— Obrigado. E' tudo. Até breve. Terá noticias minhas amanhã, espero.

— Nada mais: apenas roupas e objectos de uso. Alguma novidade, Mr. Lashings?

No dia seguinte, Lashings transportou-se para Richmond. Cansado e aborrecido, chegou aos seu aposentos cedo, pouco depois das cinco, e Jerry veiu recebel-o á soleira da porta. Emquanto elle bebia uma chicara de chá, o seu auxiliar pol-o ao corrente das pesquisas. Os planos tinham sido enviados mysteriosamente á Prefeitura de Policia: encontrara, com o auxilio do recibo, um sacco de mão no armazem de bagagens; e nuns papeis que se achavam dentro delle, descobrira o nome do dono e o respectivo endereço. "Craig, residente á *rua Ellery, 143, Pimlico*".

— E nada mais de importancia?

— Nada de definitivo, mas...

— Ha um cavalheiro que lhe quer falar, sir — disse Samuel. — Um senhor Jungmann.

— Muito bem, Samuel, tira depressa a mesa do chá e conduze-o aqui.

* * *

Mr. Jugmann collocou o guarda-chuva em cima da cadeira e sobre o mesmo o chapéo de palha, antes de dizer: "Boa tarde!" Elle trazia um intempestivo sobretudo de golla de astrakan. Seus cabellos eram pretos, curtos e annelados, e os dedos visivelmente escuros sob o brilho de um grande diamante do annular. Deslisou um olhar interrogador de Lashings para Jerry.

— Boa tarde. Sou Mr. Lashings — disse este — ao ver-lhe a indecisão.

— Muito bem! Vim consultal-o sobre um assumpto de summa importancia.

— Assente-se, Mr. Jungmann, e diga-me a causa de sua inquietação.

— Ah! Mr. Lashings, tem muita razão; é uma inquietação, e das mais serias; perdi um diamante de um valor extraordinario; fará com que volte de novo ás minhas mãos?

— Não o posso prometter, Mr. Jungmann, sem que conheça mais alguma coisa a respeito. Explique melhor o facto, e farei tudo que estiver ao meu alcance.

— Vou explicar-lhe. Tenho um amigo que partiu para Nova York, no *Aquatania*, esta manhã. Era um grande amigo, do contrario, não lhe tinha entregue o meu bello diamante; um grande amigo, na verdade. Encontrei-o a noite passada, dizendo-me elle partir hoje para Nova York. Falei-lhe, então: "Ah! meu caro amigo, pode bem ser que nunca mais nos vejamos, e, por isso, eu te dou este annel como lembrança. Traze-o sempre comtigo e nunca te separes delle". E o meu amigo respondeu: "Não me separarei delle nunca e, olhando-o, sempre me lembrei de ti." "Bem: eu disse então ao meu amigo que me ia despedir delle hoje, na estação, o que fiz. Conversámos um pouco, depois exclamei: "Até á vista!" E apertámo-nos as mãos, em despedida. Perguntei-lhe, então: "Andy, onde está o annel, onde está o annel?" Elle olhou-me atrapalhado e confessou que o vendera por uma libra. Mr. Lashings: esta joia vale cento e cincoenta libras. Perguntei-lhe: "A quem o vendeste?", e o meu amigo disse-tel-o vendido ao tio. Eu quiz saber a que tio, e que nome tinha esse tio. E, Mr. Lashings, poderá o senhor acreditar? Respondeu-me que ignorava o nome do seu proprio tio! Que devo fazer agora?

Lashings considerou:

— Deu-lhe o seu amigo o endereço do tio?

— Não; o trem partiu antes que se lembrasse. Por que ri, Mr. Lashings? Foi uma grande perda para mim.

— Desculpe-me, Mr. Jungmann. Coisas assim curio-

INVESTIGAÇÕES

(Continuação)

sas divertem-me. Diz que esse annel é do valor de cento e cincoenta libras?

— Darei duzentas pela sua volta ás minhas mãos! — declarou Jungmann, com vehemencia.

— Não lhe custará coisa alguma, veremos... Qual é o seu endereço?

— Moro em *Elmtree Road, Maida Vale*, numero 9. Encontrará o meu nome na porta. Sinto não ter cartões commigo, mas veja, o meu endereço está neste enveloppe.

Lashings lançou um olhar ao enveloppe e metteu-o no bolso.

— Agora, poderá descrever-me o annel o mais minuciosamente possivel?

Mr. Jungmann fel-o de modo a patentear que muito pouca coisa existia, relativamente a anneis e diamantes, que não conhecesse. Era um solitario, mas o tamanho da pedra descripta não impressionou tanto a Lashings como o alto preço mencionado.

— Dá ao annel um valor estimativo, não é verdade? Alguma historia sentimental, talvez?

— Ah, sim! — Mr. Jungmann sorriu de um modo especial. — Ha cada historia nesta vida!

— Bem, não precisamos entrar nesses detalhes. Onde mora o seu amigo?

— Reside em Londres.

— O endereço?

— Por que me pergunta o seu endereço? Ignoro-o.

— Não sabe, então, o endereço do seu amigo? Ora esta!

— Não, desconheço-o. Vejo meu amigo sempre no trabalho. E' cofeiro e trabalha no *Victoria Hotel*.

— Seu nome?

— Anderson — nós o chamamos "Andy".

— Ha quanto tempo o conhece?

— Oh! não ha muito tempo...

— Ha quanto, mais ou menos?

Mr. Jungmann pensou um pouco:

— Ha mais ou menos seis mezes.

— E' casado?

— Penso que não.

— Tem alguma ligação?

— Talvez. Mas achará o meu annel, Mr. Lashings?

— Muito pouco adeantou, Mr. Jungmann, mas investigarei o facto e esforçar-me-ei por bem servil-o.

Mr. Jungmann levantou-se e fez as suas despedidas, caminhando em direcção á porta. Mas ahi deteve-se.

— Mr. Lashings — disse elle, voltando-se — talvez não lhe tenha dito todo o valor do annel. Se o encontrar depressa, dou-lhe duzentas e cincoenta libras.

Quando elle desappareceu, Lashings voltou-se para Jerry com uma gargalhada.

— Esta é uma das anecdotas mais burlescas que temos ouvido, Jerry. Se o annel é de preço tão exorbitante, o tio de Andy fez um negocio da China, hein?

— Que vae fazer? Não tem nem uma pista segura.

— Não? Veja isto.

E Lashings estendeu a Jerry o enveloppe.

Jerry examinou-o. Papel de linho, carta registada. Nada mais.

— Não? E' o que veremos.

E Lashings apanhou um papel de telegramma e poz-se a escrever:

— E' para ser enviado ás oito horas da manhã.

Jerry leu a mensagem. Dizia: "*Jungmann, Maida Vale, rua Elmtree, numero 9. Venha immediatamente. — Lashings.*"

— Estás maluco, meu velho; tens macaquinhos no sotão. Que vaes tu conseguir, chamando-o aqui? — pensou Jerry.

Mas Lashings levantou-se e vestiu o sobretudo.

— Não voltarei tarde, Jerry. Mas não esperes por mim.

E sahiu, escadas abaixo.

Jerry almoçou logo e sahiu tambem para expedir o telegramma, antes de Lashings se mostrar de novo. Elle estava, porém, invisivel ainda, quando o mesmo Jerry chegou.

— Se vae sahir, sir — annunciou Samuel — ha ali na chaminé, um bilhete.

Jerry leu: "*Dize a Jungmann que sinto muito tel-o feito vir com tanta urgencia. Convida-o para jantar commosco ás sete e trinta. Jantar para quatro.*"

"E' tão certo estar elle desequilibrado como eu chamar-me Worthington". Chamou Samuel.

— Mr. Lashings recebeu algum telegramma ou recado quando voltou a noite passada?

— Não, sir.

Jerry poz-se a fumar e preparou-se para esperar.

Lashings não voltou para o *lunch*. Mr. Jungmann veiu ás dez horas e recebeu o recado; foi-se de novo, promettendo estar de volta ás sete e meia. A tarde promettia ser enfadonha, mas ás tres, Mr. Mugsley veiu trazer-lhe alguma distracção com um telephonema. A espectativa demorada tinha quebrantado o espirito de Mr. Mugsley; não se alterara, porém, de nenhum modo, a confiança em Mr. Lashings, mas, para maior segurança, Mr. Mugsley fôra buscar tambem o auxilio do Inspector Rouse de Scotland Yard.

— Lashings se desinteressará do caso! — advertiu Jerry.

— Espero que não — respondeu Mugsley — porque só agora é que fiz isto. E escute ainda: acabo de receber um telegramma delle, convidando-me para jantar em sua companhia, ás sete e meia. Que devo fazer?

— Vir, sem duvida. Espere um pouco.

E Jerry tomou um bilhete que Samuel lhe estendia. Leu-o e, voltando a Mugsley:

— Allô! Mr. Mugsley? Bem, escute. Acabo, neste momento, de receber um bilhete de Lashings; vou lel-o: "*Mugsley recorreu a Rouse de Scotland Yard. Que lhe dê bom proveito! Mas dize-lhe para trazer Rouse comsigo ás sete e meia*". Assim, concluiu Jerry, fará bem em vir acompanhado do Inspector.

— Tem razão. E' só isso que elle diz? Estou admirado de como o soube!

— Oh! — respondeu Jerry, num tom indifferente — sabemos de coisas muito mais importantes. Por exemplo, quem é o personagem que lhe roubou os planos.

— O que?

Jerry gozou o momento.

— Digo-lhe: o homem que roubou os seus planos. Venha ás sete e meia com o inspector Rouse e Rouse terá a opportunidade de restituir-lhe o seu invento. Até logo.

Elle collocou o phone no logar e deitou de novo os olhos sobre o bilhete que tinha nas mãos. Seria possivel? Leu mais uma vez as linhas finaes.

— Teremos, então, esclarecido o caso de Jungmann e de Mugsley esta noite.

* * *

Faltavam cinco minutos para as sete, quando Lashings, extraordinariamente fatigado, se atirou sobre a cadeira deante da sua secretaria.

— Dá-me biscoitos e qualquer coisa agradavel para tomar.

Jerry fez-lhe a vontade e, depois, assentou-se, á espera das ultimas novidades. Era evidente que Lashings tinha levado os seus esforços ao extremo; estava pallido, macilento até, e a chicara tremia-lhe na mão. De repente, levantou a cabeça com uma gargalhada.

— Safa! Que tanto esforço me seja util para alguma coisa!

— Que resultados obteve?

(Continua na pag. 76)

INVESTIGAÇÕES

(*Continuação*)

— Corri todos os mostruarios de casas de joias. A proposito, lembras-te de *Monza Madonna* e da aposta que fizemos?

— Sim, o senhor apostou commigo que o ladrão lhe entregaria a photographia, sem que para tal fosse convidado.

— A tua memoria é excellente, Jerry. Repetirá toda a aposta?

— De certo. Que o ladrão depositaria a copia do invento de Mugsley em suas mãos, sem que o senhor lh'a pedisse. Não é isto? Vinte libras!

— E nas tuas proprias mãos, se quizeres; e é tão certo eu collocar deante dos olhos de Mr. Jungmann o seu annel de diamante como seres tu um perigoso confidente.

A cubiça de Jerry tinha augmentado com as incertezas.

— Quero que me duplique a somma, no caso de chegarem ás minhas mãos, sem que eu o exija, a copia da invenção e o annel de diamante.

— Tu terás as quarenta libras. — E Lashings escreveu no punho do seu auxiliar: — E' um roubo.

— Tomo a mim as responsabilidades — disse Jerry troçando.

— Tens de cór o meu bilhete?

— Sim: "*Jungmann e Mugsley, e o Inspector Rouse jantarão comnosco ás sete e meia*". E Jerry tirou do bolso o relogio. "E' melhor irmos ao assumpto; temos apenas meia hora.

Lashings metteu a mão no bolso.

— E' tempo. Que farias com tudo isto? Abriu a mão e deixou cahir sobre a secretária uma collecção heterogenea de pequeninos pedaços de vidro — alguns semelhantes a diamantes — um pequeno embrulho de papel impermeável com argamassa; uma lente magnifica; um pouco de pó vermelho num canudo de papel, um disco duro de couro e outro pedaço de papel contendo pó branco.

"Amsterdam! Eu lhes darei Amsterdam! Agora explico. Isto — e apontou para os pedacinhos de vidro brilhante — não é mais do que vidro; é uma experiencia de alguem que se exercita na imitação de diamantes, mas diamantes de uma fórma curiosa. Observa. E' o resultado de um trabalho habil, posto que ingenuo.

Mostrou com um lapis, um pequeno fragmento de vidro. Era uma peça diminuta e octogonal, achatada nas extremidades. "E veja este aqui". Desta vez indicava uma peça de fórma semelhante, salvo nas extremidades, que eram arredondadas como um minusculo zimborio. "Eram adaptadas imperfeitamente e foram separadas; verás o successo de tudo isto logo á noite. Este pó vermelho é puro esmeril, usado para polir vidros; o branco, é cimento empregado para fixar os pedaços de vidro emquanto são cortados e polidos por meio do esmeril e de rodas de couro como esta." E collocou o dedo sobre o disco pequeno de couro.

"Agora, para o banho! Jerry, meu rapaz, logo á noite testemunharás um dos mais bellos acontecimentos de tua vida de investigador!

— Continúo a nada comprehender! — gritou Jerry, exasperado. — Estes pedacinhos de vidro, estas outras peças...

Mas Lashings não parou para ouvil-o.

Mr. Mugsley, que foi o primeiro a chegar, apresentava um aspecto de nervosa preoccupação, e o inspector Rouse, que o seguia, attento e observador, vinha, como elle francamente admittia, como super-numerario. Mas Lashings sorria ás suas desculpas: "Fez bem em chamar Joseph Rouse, hontem, Mr. Mugsley: debatia-se nas "trevas": era natural..."

E, com isto, chegando o massiço Jungmann, penetraram na sala de jantar.

Jungmann, durante todo o jantar, contou anecdotas cheias [illegible] boa camaradagem, explodindo em gargalhadas, emquanto Lashings levava dextramente a conversação para assumptos geraes. Uma vez, sob a impaciente curiosidade de Mr. Mugsley, quasi tudo se desmoronou, mas Lashings afastou, com habilidade, o perigo, retomando de novo a palestra, até o desejado momento de estourar a bonita. E o estouro foi de chegar.

— Senhores — disse Lashings, erguendo o seu copo — bebemos á saúde do rei e á confusão dos infractores de suas leis! Reunimo-nos aqui, esta noite, por um motivo divertidissimo; é um profundo prazer para mim annunciar-lhes que esta noite lhes apresentará o feliz exito em que eu e Mr. Worthington tivemos a grande honra de tomar parte.

"Devo dizer-lhes que o meu amigo Mr. Jungmann é um homem venturoso, porque dentro apenas de uma hora, uma joia que avalia numa somma fabulosa, lhe será restituida, e, como a historia vale a pena de ser contada, peço-lhes permissão para fazel-o."

Mr. Jungmann, a esfregar uma na outra as mãos gordas e grossas, ria sempre: "E por que não? por que não?"

E Lashings poz-se a narrar a historia.

"Mas Mr. Jungmann, que é allemão — ajuntou, em conclusão — teve que despender muitos esforços e muita afflicção para conversar comnosco na sua algaravia ingleza. Seu amigo, copeiro de hotel, vendeu-lhe a um tio por quinze shillings — um annel, notem bem, que o dono avalia em duzentas e cincoenta libras e que eu adquiri, em negocio franco, por um guinéo!

"Muito bem; dá-se, ás vezes, grande valor a uma joia qualquer, porque ela tem a sua historia sentimental; é um valor estimativo. Agora, Mr. Jungmann deve, estou certo, narrar-nos a historia do seu annel de diamante. Não conheço pedras, mas posso apreciar e seguir o fio interessante da meada."

Os outros companheiros de mesa da Mr. Jungmann voltaram-se, interessados, para elle. Mr. Jungmann estava sorvendo o seu cognac. Era um caminho perigoso a emprehender e, por isso, numa voz suffocada, pediu-lhes que acreditassem em suas palavras, acima de tudo: apenas conhecia metade da historia.

— Está bem — interveiu Lashings. — Como eu disse, Mr. Jungmann não conhece bem a nossa lingua e o seu amigo já a esqueceu de todo, pois não sabe nem ao menos o nome do proprio tio! Eu os descobri, a elles, ao tio e ao annel...

Mr. Jungmann riu ruidosamente:

— Conte, conte como os descobriu!

— O nome do tio é Issacs, e encontrei-o em sua pequenina loja, em Victoria Station; no alto da porta pintadas tres moedas de ouro da Lombardia!

— Um prestamista! — pronunciou Mr. Rouse.

Lashings inclinou-se em direcção ao suggestivo inspector.

— Tem razão: é esse o symbolo das modernas casas de penhores; lançam mão os prestamistas de semelhante ardil para as fazerem passar por casas de cambio, de dinheiro lombardo. A Lombardia é um grande centro financeiro; e, justamente, o maior centro da industria de lapidação de diamantes é...

Lashings parou, a pensar, e, de repente, atirou a phrase de um jacto:

— E' — *Amsterdam!* — Não é verdade?

Houve um tinido de copo partido de encontro ao chão e depois um pequeno silencio. Então, murmurando desculpas, Jungmann inclinou-se para apanhar os cacos espalhados pelo assoalho. E fazia-o com a respiração oppressa, como a suffocar.

— Conhece Amsterdam, sem duvida? — perguntou Lashings, em seguida.

(Continúa no proximo numero).

A virtuosa Margarida

(Nelson Nogueira Pinto)

LOGO após o fallecimento, no Rio, onde se encontrava a negocios, do seu esposo, a viuva Margarida resolveu, como medida economica, mudar-se para uma casa menos cara e fóra do bulicio da cidade. Procurou uma em Tigipió, e em pouco encontrou uma que lhe servia admiravelmente bem. Installou-se na casa, e o seu modo honesto de viver, em breve, fez com que toda a vizinhança della se acercasse. Assim, gozando das sympathias de todos, Margarida, que não possuia filhos, vivia commodamente na sua casa, longe da cidade. Ella era moça ainda, robusta, e — si bem que não fosse bella — era, entretanto, uma creatura encantadora, pela sua esmerada educação. Não era difficil, pois, Margarida achar, um dia, um homem que lhe dedicasse uma parte de amor, que a mão traiçoeira da morte lhe arrebatou. Porém, muitas vezes, em conversa, a viuva declarara que absolutamente não se casaria pela segunda vez.

— Casamento só tem graça uma vez — dizia, philosophicamente, Margarida — e quando o amor, por este ou aquelle motivo, esfria, devemos contentarmo-nos com a decisão do destino. Estou em caminho da velhice e não vou, pois, agora, inquietar-me — talvez — com um esposo ruim. Anselmo, o meu desventurado marido — que Deus o tenha ao seu lado — era um homem ás direitas e, si no mundo existem bons maridos, hão de ser tão bons quanto o meu querido Anselmo.

E terminava enxugando os olhos lacrimosos.

* * *

O dr. Othelo, especialista em doenças de senhoras, foi chamado, um dia, a ver Margarida, que adoecera subitamente. Sem se fazer esperar, o medico, immediatamente, transportou-se á casa da viuva. Lá chegado, e após examinal-a minuciosamente, o facultativo declarou ás pessoas de sua familia, que lhe faziam companhia, ser grave o seu estado de saude. Uma pneumonia dupla, de difficil cura. Mas, como emquanto ha vida, ha, tambem, esperança, a medicina não se declarava vencida naquelle momento. Que conduzissem a viuva para a cidade e lá, então, onde tudo era mais facil, com a graça de Deus, o esculapio tentaria salval-a. Alugaram uma casa ás pressas, á rua da Concordia, e o medico, que se mostrava de uma solicitude admiravel, não se descuidava um só instante da doente. Fez tudo para salvar a viuva. Noite e dia, velara á sua cabeceira. Mas nada; quando chega a nossa hora, não ha quem se lhe escape. Margarida morreu, apesar de tudo.

* * *

Dois dias após o fallecimento da viuva, as pessoas de sua familia deram inicio á verificação dos seus bens. Abriram um pequeno cofre, que a viuva sempre conservára junto ao seu leito, e encontraram documentos de valor, ao lado de papeis que compromettiam seriamente o pseudo correcto proceder de Margarida. Cartas amorosas, assignadas por um tal Jacques, denunciavam que Margarida, occultamente, possuira um amante. E mais ainda. Pelas datas das cartas, podia-se evidenciar que, muito tempo antes do fallecimento de Anselmo, já a viuva possuia esse amante. Ora, taes documentos causaram, entre os parentes — primeiramente — e mai starde — com a sua divulgação — entre as pessoas relacionadas com Margarida, séria confusão. Todos achavam absurdo o facto da fallecida viuva ter tido um amante, esposa fidelisima que sempre se revelara, e, posteriormente, viuva de indiscutivel honradez. Inacreditavel era, não havia duvida, que se tivesse dito tal coisa ao tempo de Margarida viva. Porém, agora, depois de sua morte, não tendo, por conseguinte, quem offerecesse provas em contrario, e deante das cartas irrespondiveis e inexplicaveis, não havia duvida a oppôr: Margarida, a fidelissima esposa, a viuva honradissima, tivera um amante! E pensavam:

— Bem se diz que as mulheres, como o demonio, segundo a lenda, possuem sete capas...

* * *

Anselmo, quando rapaz, illudido pelas riquezas da America do Norte, para lá se dirigira, certo de que voltaria ao Brasil, um dia, millionario. Um Rockefeller ou um Henry Ford. Exerceu todas as profissões que pôde na terra dos dollares e acabou, devido a ser um rapaz competente e trabalhador, collocando-se num importante estabelecimento bancario. De posse da confiança dos seus superiores, o rapaz retirou, clandestinamente, dinheiro que lhe não pertencia, especulou na Bolsa, nutrindo sempre a esperança de tornar-se millionario, e terminou arruinando-se de uma vez por todas. Prevendo a sua situação, quando se visse obrigado a prestar contas ao Banco, e antevendo a vergonha que o aguardava, Anselmo conseguiu, com um nome differente, uma passagem de regresso á terra natal. Aqui chegou, empregou-se e, mais tarde, constituia familia.

* * *

A duvida pairava sobre todos os parentes de Margarida e pessoas que foram de sua amizade. E muitas dellas, até, se tornaram inimigas rancorosas da pobre mulher, já livre das malhas da vida. A maior parte de suas amigas de hontem — não lhe perdoavam o cynismo mesmo depois de sua morte!

Entretanto, veiu um dia em que as coisas tomaram novo rumo. Num compartimento secreto que havia no cofre, fôra encontrado um "Diario", onde se liam diversas annotações, feitas pelo proprio punho da viuva. E logo se pôde esclarecer tudo. Anselmo, que fracassára na America do Norte, e voltara ao Brasil, fugido, e com o nome supposto, espirito irrequieto e sempre com esperança de enriquecer um dia, fosse de que fôrma fosse, desfalcára outra casa no Rio de Janeiro, para onde havia seguido com a esposa. Do Rio fugiu para São Paulo e foi trabalhar no plantio de café. Usava barbas e era conhecido por Jacques de Oliveira. De lá, elle se correspondia com a mulher. E amando-a muito, eram verdadei-

ras cartas amorosas que Margarida recebia do esposo, que a tratava, com receios de complicações futuras, não como seu proprio marido, mas como um seu amante. Como um incendio providencial houvesse destruido completamente a casa que Anselmo desfalcára, nunca ninguem veiu a saber algo sobre o seu crime. As pessoas do parentesco e das relações de Margarida julgavam, segundo ella lhes dizia, que Anselmo estava estabelecido em São Paulo. Isso mesmo elle havia dito aos patrões, ao pedir sua demissão da casa que desfalcára: que se ia estabelecer em S. Paulo.

A virtuosa Margarida

(Conclusão)

Tempos depois do incendio da casa que desfalcára, Anselmo, vendo que não lhe poderia acontecer nada mais, uma vez que nenhuma comprovante escapára ao incendio, tornou a Pernambuco, onde, ajudado por um bilhete de loteria, se tornara um commerciante. Mantendo casa commercial na capital do paiz, cujos negocios requeriam, de tempos em tempos, sua presença ali, Anselmo falleceu, um dia, no hotel onde se hospedara, victima de um ataque de congestão.

* * *

Está ahi como se esclareceu tudo a respeito da virtuosa Margarida. Então os seus apressados accusadores, envergonhados, e sentindo os remorsos de uma infamia assacada á honra de uma mulher que em vida fôra de um proceder correctissimo, se entreolhavam, confundidos.

* * *

Mas somente o dr. Othelo sabia perfeitamente que fôra elle, — sim, fôra elle — o unico amante de Margarida...

(A HERMES FONTES)

O RIO

Arrasta-se, a gemer, retardatário, o Rio,
(qual se fôra um Gran Rei rheumatico e arruinado,)
prêsa de atro estertor ao ver que o Sól, no estio,
irá, rebelde e rude, haurir-lhe o curso errado...

Já não quer retorcer o arvoredo sombrio,
nem quer sorrir da dôr recondita do prado,
ao vêl-o erguer-se enorme, iracundo e bravio,
e levar-lhe a epiderme, e ir-se, regosijado.

Revive o inverno... E' o Rio um rei rábido e errante...
Rosna... ruge... retumba... enrosca-se e, arrogante,
carrega com o que encontra e corre, a esbravejar!...

E, rasgando o rascunho arenoso da serra,
róla, rouco de raiva, a revolver a terra
e arremessa-se ao dôrso azul-verde do mar!...

JAYME DE SANT'IAGO

Suggestão de meus olhos tristes

Fecho os olhos e vejo, como outrora,
o teu apartamento pequenino:
— almofadas, florões, tulles e o fino
cachepot fosco e liso que o decóra...

O teu piano — harmonia e desatino
de minha suggestão doida e sonora —
em que Choppin seu singular destino
pela voz dos seus dedos niveos chora...

Teu perfume... E tu mesma toda vejo,
santa de minha Magoa arrependida!...
E ah! como toda, vendo-te, desejo

cegassem-me as pupillas abrazadas,
e, cégo, visse apenas, toda vida,
o que vejo de palpebras cerradas...

LUIZ ANDRADE

Exaltação

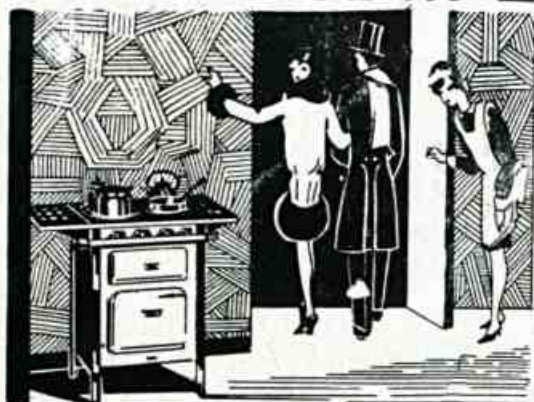
E' tão grande este amor, em que me expando
e me enclausuro;
tão forte esta ansia de ser puro
e de ser brando,
que, ás vezes, a propria vida dilacero
para saber, nesta exaltação,
se é só com o coração que assim te quero,
ou se é com o coração do proprio coração.

LEO FONTES

Esquece...

Hontem quando eu estudava
á luz do luar, dentro da noite silente,
a su'alma,
pela voz perfumada de uma rosa,
disse suavemente:
esquece...

VIEIRA DE MACÊDO

A MULHER DE HOJE

NÃO É MAIS ESCRAVA DA COZINHA. EM SUA CASA HA UM FOGÃO A GAZ

«JUNKER-RUH»

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos.

Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

Na França como aqui no Brasil o

LINIMENTO DE SLOAN

já se provou-

ACONDICIONAMENTO PARA A VENDA NA FRANÇA.

insubstituivel para as dôres rheumaticas nevralgicas e musculares.

Não mancha, não exige fricção e o seu effeito é instantaneo. Use-o e o aconselhe aos seus amigos.-

MATA DÔRES